

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

**MARIA ROSMERI ANTONELI**

**A IMPORTÂNCIA DOS DISCURSOS POLÍTICOS PARA A CONSTRUÇÃO DA  
“REGIÃO DE GUARAPUAVA-PR”**

**PONTA GROSSA  
2010**

**MARIA ROSMERI ANTONELI**

**A IMPORTÂNCIA DOS DISCURSOS POLÍTICOS PARA A CONSTRUÇÃO DA  
“REGIÃO DE GUARAPUAVA-PR”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientação: Profa. Dra. Márcia da Silva

**PONTA GROSSA  
2010**

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor Tratamento da Informação BICEN/UEPG

A634i Antoneli, Maria Rosmeri  
A importância dos discursos políticos para a construção da "Região de Guarapuava –PR" / Maria Rosmeri Antoneli. Ponta Grossa, 2010. 103f.  
Dissertação ( Mestrado em Geografia ) - Gestão do Território, Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia da Silva

1.Relações de poder. 2. Discurso político. 3. Região de Guarapuava.  
I. Silva, Márcia da . II. T.

**CDD: 320.1**

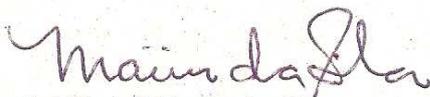
## TERMO DE APROVAÇÃO

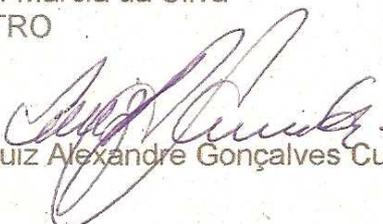
MARIA ROSMERI ANTONELI

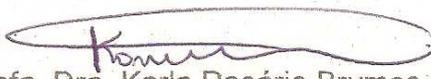
### A IMPORTÂNCIA DOS DISCURSOS POLÍTICOS PARA A CONSTRUÇÃO DA “REGIÃO DE GUARAPUAVA – PR”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

  
Profa. Dra. Márcia da Silva  
UNICENTRO

  
Prof. Dr. Luiz Alexandre Gonçalves Cunha  
UEPG

  
Profa. Dra. Karla Rosário Brumes  
UNICENTRO

Ponta Grossa, 30 de setembro de 2010

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus**, pelo dom da vida, por me conduzir nesta caminhada, trilhando os caminhos da sabedoria e discernimento em minhas escolhas e por me conceder mais este sonho realizado.

Aos meus **familiares** pelo apoio e incentivo recebido ao longo de toda a minha formação acadêmica.

A Professora Dr<sup>a</sup> **Márcia da Silva**, por sua amizade, paciência e pela confiança que depositou em mim e em meu trabalho, disponibilizando seu tempo para as orientações.

Aos professores, **Dr Luiz Alexandre Gonçalves Cunha** e a **Dr<sup>a</sup> Sílvia Regina Pereira**, pelas valiosas contribuições prestadas e por seus conhecimentos repassados durante a Banca de Qualificação.

Aos colegas de turma, **Andréia** e **Douglas** pelo apoio e incentivo na elaboração deste trabalho e pelos momentos que passamos durante as aulas, compartilhando as alegrias e as preocupações.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para realização e conclusão desta Dissertação, que me ajudaram de alguma forma, no decorrer do meu percurso em busca do Título de Mestre.

Obrigada.

## RESUMO

A presente pesquisa busca analisar a importância dos discursos políticos (forjados ou não) para a construção da “região de Guarapuava-PR”, a partir da década de 1950 e a importância dos mesmos nas relações de poder político-econômicas, associando-as aos diversos significados dados à região no decorrer da história. Os objetivos propostos fundamentam-se na análise da relevância que os discursos têm na construção da região de Guarapuava; na contribuição dos sujeitos históricos (políticos, empresários e instituições como a Associação Comercial e Empresarial de Guarapuava e a Cooperativa Agrária) no instaurar da região e na identificação da mesma (ou das mesmas), impetrada pelos discursos políticos que a assumem como recorte territorial relevante ou irrelevante (depende do interesse daquele momento histórico) em suas estratégias pela busca/permanência no poder. O embasamento teórico-metodológico foi construído a partir da conceituação de região, poder, poder político e discurso político. Os procedimentos metodológicos foram fundamentados nas pesquisas em jornais locais e nas entrevistas com políticos representantes da região de Guarapuava. Como resultados surgiram os discursos de que a região de Guarapuava tem um grande potencial econômico vinculado aos recursos naturais, advindos da extração da madeira, da indústria madeireira e da agricultura, mas que faltam incentivos para que prospere a partir de valores agregados. Outro elemento apontado é o de que a região de Guarapuava localiza-se, geograficamente, numa área estratégica do estado (central), interligando as zonas produtivas por meio de uma rede viária (rodoferroviária), possibilitando o tráfego de leste a oeste do estado do Paraná, bem como a contribuição que os imigrantes “alemães” proporcionaram à região e o diferencial que criaram em virtude da mudança na estrutura agrária/agrícola por eles proporcionada, conseguindo realizar mudanças na sociedade e na economia da região, tornando-a “desenvolvida”. A região de Guarapuava não está entre as mais desenvolvidas do Paraná, sendo a segunda menos desenvolvida, o que pode, além de diversos outros fatores, também ter origem no discurso, tornado realidade, da falta de apoio do governo estadual e até federal. Outro discurso é o de que os representantes do poder político local têm interesses muito mais vinculados a fortalecer determinados grupos político-econômicos do que incentivar o dinamismo econômico de forma geral.

**Palavras chave:** Relações de poder; Discurso político; Região de Guarapuava.

## ABSTRACT

This research intends to analyze the importance of political discourse (forged or did not) for the construction of the "region of Guarapuava-PR" since 1950's and the importance of those in political and economic power, associating them to various meanings given to the region throughout history. The proposed aim is based on analysis of the speeches that are relevancy in the construction of the region of Guarapuava; In the contribution of historical subjects (political, businessman and institutions like the Commercial and Business Association and the Guarapuava Agricultural Cooperative) in the region and in the identification of it, petitioned by political discourse that takes as territorial clipping relevant or irrelevant (depending on the interest of that historical moment) at their strategies for the search / stay in power. The theoretical and methodological part was built on the concept of area, power, political power and political discourse. The methodological procedures were based on research in local newspapers and interviews with political representatives of the region of Guarapuava. As results, emerged the speeches the region of Guarapuava has a great economic potential tied to natural resources, arising from the extraction of timber, the lumber industry and agriculture, but that miss incentives to prosper from aggregates. Another factor pointed out is that the region of Guarapuava located geographically in an area strategy of the state (central), connecting productive areas through a road network (rail/road), allowing traffic from east to west of the state of Paraná, and the contribution that immigrants "German" bring to the area and the difference they have created due to the change in the agrarian/agricultural structure offered by them, getting to make changes in society and the economy of the region, making it "developed." The region of Guarapuava is not among the most developed of Parana, the second being less developed, which can, besides many other factors also have their origin in speech, become reality, the missing of support from state and federal government. Another speech is that the representatives of local political power interests have much more tied to strengthen certain political-economic groups than encourage economic dynamism in general.

Keywords: Power relations; political discourse; region of Guarapuava.

## LISTA DE TABELA

Tabela 01	Guarapuava: Perfil das empresas (2004).....	69
-----------	---	----

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Mapa de localização da microrregião de Guarapuava-PR (IBGE)..	26
<b>Figura 2</b>	Guarapuava, terra hospitaleira e bendita.....	53
<b>Figura 3</b>	Valorização da terra produtiva.....	53
<b>Figura 4</b>	Progresso guarapuavano.....	54
<b>Figura 5</b>	Instalação do Pronto Socorro Guarapuava.....	59
<b>Figura 6</b>	Discurso apoiando a área da saúde.....	61
<b>Figura 7</b>	Setor madeireiro de Guarapuava.....	63
<b>Figura 8</b>	O discurso sobre o polo moveleiro.....	65
<b>Figura 9</b>	O discurso do desenvolvimento pelo setor moveleiro.....	66
<b>Figura 10</b>	Entrevista de Fernando Carli ao jornal Tribuna Regional.....	72
<b>Figura 11</b>	Fatores que emperram o desenvolvimento.....	74
<b>Figura 12</b>	Construção do campo de aviação.....	76
<b>Figura 13</b>	Reabertura do aeroporto.....	78
<b>Figura 14</b>	Inauguração do serviço telefônico urbano.....	80
<b>Figura 15</b>	Representante do Estado trabalhando por Guarapuava.....	80
<b>Figura 16</b>	A Região Metropolitana de Guarapuava.....	83
<b>Figura 17</b>	Governo do Estado e cooperados na criação da Cooperativa Agrária.....	89
<b>Figura 18</b>	A importância do trabalho imigrante para o desenvolvimento.....	89
<b>Figura 19</b>	Fernando Carli, reconhecimento do trabalho imigrante.....	91
<b>Figura 20</b>	A importância da Agrária para o deputado.....	92
<b>Figura 21</b>	Imigrantes suábios, história e conquistas.....	93
<b>Figura 22</b>	Cooperativa Agrária: trabalho como sinônimo de desenvolvimento	94

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 QUESTÕES CONCEITUAIS: A REGIÃO, O PODER E O DISCURSO.....</b>	<b>14</b>
1.1 O CONCEITO DE REGIÃO.....	14
1.2 AS RELAÇÕES DE PODER E OS DISCURSOS SOBRE A FORMAÇÃO DA REGIÃO DE GUARAPUAVA.....	27
1.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O IMAGINÁRIO SOCIAL DA REGIÃO DE GUARAPUAVA.....	32
1.4 A INFLUÊNCIA DOS DISCURSOS POLÍTICOS NA REGIÃO DE GUARAPUAVA.....	35
<b>2 QUESTÕES METODOLÓGICAS E A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DA REGIAO DE GUARAPUAVA-PR.....</b>	<b>40</b>
2.1 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	40
2.2 O PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DA REGIÃO DE GUARAPUAVA.....	44
<b>3 OS DISCURSOS POLÍTICOS E A FORMAÇÃO DA “REGIÃO DE GUARAPUAVA-PR” .....</b>	<b>52</b>
3.1 DISCURSOS POLÍTICOS SOBRE GUARAPUAVA E A FORMAÇÃO DE UMA REGIÃO: A ÊNFASE NOS ELEMENTOS NATURAIS.....	52
3.2 DISCURSOS POLÍTICOS SOBRE A FORMAÇÃO DA REGIÃO DE GUARAPUAVA: PARA ALÉM DOS ELEMENTOS NATURAIS, PARA AQUÉM DOS DISCURSOS.....	56
3.3 DISCURSOS POLÍTICOS SOBRE GUARAPUAVA: O SETOR INDUSTRIAL MADEIREIRO COMO DESTAQUE PARA O DESENVOLVIMENTO.....	62
3.4 DISCURSOS POLÍTICOS SOBRE GUARAPUAVA: INTERVENÇÕES OU PROJETOS?.....	70
3.5 DISCURSOS POLÍTICOS SOBRE GUARAPUAVA: A IMPORTÂNCIA DOS “SUÁBIOS DO DANÚBIO” PARA O DESENVOLVIMENTO.....	88

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>100</b>
<b>JORNAIS.....</b>	<b>102</b>
<b>ENTREVISTAS CITADAS.....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>104</b>

## INTRODUÇÃO

O interesse em compreender a questão dos discursos sobre a região de Guarapuava<sup>1</sup> vem de algum tempo, mais precisamente quando ingressei na Universidade Estadual do Centro-Oeste, a Unicentro, na qual, tive a oportunidade de fazer o curso de Graduação e de Especialização e tornar aquilo que era curiosidade comum em pesquisa científica.

Assim, o objetivo desta dissertação é o de compreender, a partir do discurso local/regional, a importância da região de Guarapuava nas relações de poder político-econômicos, bem como associá-los as diferentes denominações a ela dada no transcorrer da história, decorrentes destes mesmos discursos, como “região tradicional” e “região conservadora”, por exemplo.

Toma-se, aqui, a região de Guarapuava como referencial geográfico, tendo como sede a cidade de Guarapuava, da qual emanam forças de coesões e de dissidências regionais e onde se origina e se articula o discurso regional investigado.

Assim, objetiva-se, de forma específica, verificar qual a importância que os discursos (forjados ou não), enunciados pelos políticos, têm na construção da região de Guarapuava; pesquisar sobre a contribuição dos sujeitos históricos (políticos, empresários, Instituições como a Associação Comercial e Empresarial de Guarapuava ACIG e a Cooperativa Agrária) no instaurar da região e; compreender que região é essa (ou quais regiões são essas) impetrada pelos discursos políticos que a assumem como um recorte territorial relevante ou irrelevante (depende do interesse daquele momento histórico) em suas estratégias pela busca/permanência no poder.

Em relação às questões teóricas, foram trabalhados os conceitos de região, poder, poder político e discurso político. Colocar em prática procedimentos metodológicos para entender as relações político-econômicas que se

---

<sup>1</sup> A utilização do termo região de Guarapuava não se refere à denominação dada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), portanto não significa os limites rígidos do recorte delimitado para a micro ou a mesorregião de Guarapuava, apesar de, no decorrer da pesquisa, a utilização desses recortes se fazerem presentes em razão dos dados e informações do IBGE (e outros) a ele se delimitarem.

estabeleceram/estabelecem na região não foi tarefa fácil. As maiores dificuldades ocorreram para a realização das entrevistas, posto os representantes políticos raramente disponibilizarem tempo para nos atender, sem contar às vezes que as mesmas foram marcadas, nos programamos para tal e, de último momento, cancelava-se. Além das entrevistas trabalhamos também com a análise de jornais, que complementou as informações levantadas naquelas.

A dissertação está dividida em três capítulos que abordam o seguinte conteúdo:

No capítulo 1 apresentam-se as questões teóricas concernentes ao conceito de região, poder, poder político e discurso político de modo geral, tendo clareza de que não foi possível realizar a vinculação direta dos mesmos com o objeto de pesquisa.

No capítulo 2 optou-se por abordar as questões metodológicas, as quais foram os elementos norteadores no desenvolvimento deste estudo, que envolve, além da discussão da parte teórica da dissertação, também as análises nos jornais locais (por serem meios acessíveis à população) e as entrevistas.

Para isso foram utilizados os jornais “Folha do Oeste”<sup>2</sup> e “Esquema Oeste”<sup>3</sup>, ambos fora de circulação, e os jornais “Diário de Guarapuava”<sup>4</sup> e “Tribuna Regional”<sup>5</sup>, ambos em circulação, por serem, estes, documentos de domínio público que promovem e veiculam “vozes” que formam opiniões para a construção de sentidos de mundo e também de região. Além destes, o jornal “Valor Econômico” (*on-line*) e o Informativo (*on-line*) também foram utilizado no decorrer da pesquisa, porém com menor frequência. Ainda no capítulo 2, apresenta-se um breve histórico do processo de formação socioespacial da região de Guarapuava.

Na sequência (capítulo 3), o enfoque de estudos está direcionado, especificamente, para a região de Guarapuava e para a influência que os discursos político-econômicos proporcionaram e proporcionam ao serem enunciados, conformando estratégias para a construção/reconstrução da mesma. Nesse sentido, busca-se a compreensão do processo de formação da região a

---

<sup>2</sup> O jornal Folha do Oeste circulou semanalmente por 45 anos, de 1937 a 1982.

<sup>3</sup> O jornal Esquema Oeste circulou semanalmente por 28 anos, de 1970 a 1998.

<sup>4</sup> O jornal Diário de Guarapuava circula diariamente desde 1998.

<sup>5</sup> O jornal Tribuna Regional circula semanalmente desde 2004.

partir de discursos pronunciados por sujeitos que representaram a região desde os anos 1950 e que são lembrados pela população e através de registros documentais, bem como os discursos da atualidade.

O trabalho, assim, tem por objetivo, identificar quem fala por estes diversos recortes regionais a ela atribuídos e que, por isso, lhes dá identidade. Os discursos que definem como representantes da região de Guarapuava e que expõem sua importância nas estratégias da assunção/manutenção do poder político-econômico ou a busca por ele.

## CAPÍTULO 1

### QUESTÕES CONCEITUAIS: A REGIÃO, O PODER E O DISCURSO

Este capítulo tem como objetivo discutir os conceitos de região, poder, poder político e discurso político, a partir da leitura de algumas obras referenciais que darão subsídio às discussões que se fazem presentes na pesquisa. Busca-se, assim, a fundamentação teórica que permita encontrar as respostas aos questionamentos iniciais do projeto de pesquisa.

As teorias ajudam, por exemplo, na compreensão das relações entre região e discurso, ao apresentarem a relação como sendo fruto de um jogo de interações em que, proporcionalmente, as forças políticas influenciam na região e são influenciadas por ela. No texto a seguir busca-se apresentar uma breve abordagem do conceito de região. Na sequência o estudo parte especificamente para a análise da região de Guarapuava.

#### 1.1 O CONCEITO DE REGIÃO

“Para compreender uma região é preciso viver a região”  
(GOMES, 2000, p. 67).

Falar em região é fato comum, faz parte das conversas informais no dia a dia. Quem nunca falou ou nunca ouviu falar, por exemplo, que: “na região que eu moro o clima é agradável”, “eu pertencço a tal região”, “a região x é propícia para a agricultura”, “naquela região por onde andei as pessoas são acolhedoras” e, assim, cada pessoa identifica os recortes regionais conforme a percepção que tem do espaço vivido, das semelhanças que existem nesse espaço em comparação com os outros espaços, independente de esses recortes serem reconhecidos oficialmente e academicamente ou não.

Em razão dessa “popularidade” relacionada ao termo região, fica ainda mais difícil estabelecê-la cientificamente como um conceito. Muitos buscaram e continuam trabalhando respostas e interações para tal. Os conceitos sobre região, em sua maior parte, sempre estiveram relacionados às atividades econômicas e às relações de poder e, principalmente, às relações de cunho político-econômico, mas também a outros fatores, conforme aponta Dundes (2007, p. 34).

Assim, pensamos que o sentimento de pertença à região, escala intermediária entre o lugar e o mundo, se forja da somatória de dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas e que mesmo que seja, quiçá, tão simulacro do sentimento de pertencimento a uma região, nem por isso menos legítimo e significativo na relação entre sujeito e espaços e nas relações de poder.

O texto que se segue aborda o conceito de região a partir da perspectiva da História do Pensamento Geográfico por meio da leitura de obras de importantes autores que estudaram a temática. A elaboração teve caráter linear, começando pelo Determinismo Ambiental, passando pelo Possibilismo, pela Nova Geografia e pela Geografia Crítica, mas permitiram uma melhor compreensão do objeto de pesquisa.

O Determinismo Ambiental teve como “um dos conceitos dominantes (...) o de região natural, saído diretamente do Determinismo Ambiental” (CORRÊA, 2003, p. 23). A região era caracterizada pela combinação e integração dos elementos da natureza: a vegetação, o clima, o relevo que, de acordo com o Determinismo, mantinham certo domínio sobre o homem.

Lencioni (2003, p. 84) também explica que “a perspectiva determinista significou que aspectos sociais passaram a ser subordinados aos naturais; conseqüentemente, naturalizando-se a compreensão da sociedade”. Essa valorização da natureza, no entanto, não foi originária deste período (final do século XIX e início do século XX), antes, desde Aristóteles, este já considerava o clima como sendo determinante para a formação e características de um povo. Hipócrates atribuiu às estações climáticas os vários tipos de doenças e São Tomás de Aquino relacionou o clima como determinante às diversidades culturais, por exemplo.

Porém, no final do século XIX, o Determinismo passou a orientar o desenvolvimento científico, na literatura e na arte. A compreensão de domínio do natural sobre o humano contribuiu para justificar um mundo de dominação e opressão, servindo de justificativa para as estratégias de domínio territorial em diversas partes do mundo.

Contrariando a idéia de que as atividades humanas, em sua grande maioria, são determinadas pela natureza, tem origem uma concepção diversa, denominada de Possibilismo e que se fundamentava no contraponto de que a natureza oferecia as possibilidades ao homem para que ele pudesse exercer suas atividades, podendo ser livre para escolher como se relacionar e como se integrar com a natureza. De acordo com Lencioni (2003, p. 85): “a idéia do possível; de cursos alternativos possíveis de transformação e a idéia de liberdade como possibilidade do homem, substanciaram-se no pensamento possibilista”.

O Possibilismo teve em Vidal de La Blache seu idealizador e disseminador, mesmo considerando as relações entre a natureza e o homem muito complexas. “A natureza foi considerada como fornecedora de possibilidades para que o homem a modificasse: o homem é o principal agente geográfico” (CORRÊA, 2003, p. 13).

Na perspectiva possibilista a região passou a ser valorizada para além da sua forma natural, pois esta não se explica por si só, como compreendia o Determinismo Ambiental, mas na relação entre a natureza e a sociedade. Assim, de acordo com Gomes (2000, p. 56): “são as formas de civilização, a ação humana, os gêneros de vida, que devem ser interrogados para compreendermos uma determinada região”. No Possibilismo, o conceito de região se diferencia do conceito de Determinismo Ambiental e se aceita a relação entre o homem e o meio natural, mas não considera que a natureza determine o comportamento humano. Corrêa (2003, p. 27) afirma que:

Reagindo ao Determinismo Ambiental, o Possibilismo considera a evolução das relações entre o homem e a natureza, que ao longo da história, passam de uma adaptação humana a uma ação modeladora, pela qual o homem com sua cultura cria uma paisagem e um gênero de vida, ambos próprios e peculiares a cada porção da superfície da Terra.

No Possibilismo, as regiões existem fundamentadas no saber geográfico, destacando o trabalho e a relação com a natureza em um determinado ambiente. Corrêa (2003, p. 27) sugere que “não é a região natural e sua influência sobre o homem que domina o temário dos geógrafos possibilistas”. Para os possibilistas, então, o natural e o humano se complementam e, com isso, para compreendermos uma região, afirma Gomes (2000, p. 67), “é preciso viver a região”. E é a partir dessa realidade que surgiu a concepção de região geográfica que, ainda conforme Gomes (2000, p. 56) é uma:

[...] unidade superior que sintetiza a ação transformadora do homem sobre um determinado ambiente, este deve ser o novo conceito central da Geografia, o novo patamar de compreensão do objeto de investigação geográfica.

Na virada do século XIX para o século XX, em meio a transformações econômicas, políticas e sociais, as concepções de Determinismo e Possibilismo, do ponto de vista teórico e metodológico, não davam mais respostas aos parâmetros da Geografia e tornaram-se incompatíveis com a realidade. Além disso, a tendência à ruptura entre a ciência do homem e a ciência da natureza “comprometia o próprio sentido da ciência geográfica que, na unidade dos aspectos físicos e humanos da realidade, vinha se conformando como um campo específico do conhecimento” (LENCIONI, 2003, p. 100).

A moderação, de acordo com a afirmação de Lencioni (2003), foi estabelecida através do estudo regional, este que proporcionou certa combinação entre o estudo dos fenômenos naturais e o estudo dos aspectos da vida social. Conseqüentemente a região passou a ser mais estudada na Geografia, sendo, portanto:

O objeto essencial de estudo da Geografia passou a ser a região, um espaço com características físicas e socioculturais homogêneas, fruto de uma história que teceu relações que enraizaram os homens ao território e que particularizou este espaço, fazendo-o distinto dos espaços contíguos (LENCIONI, 2003, p. 100).

Nesse contexto, a região passou a ser a referência principal na Geografia, no processo de integração e síntese, constituindo uma nova motivação para esta ciência na transição do século XIX para o século XX.

A partir do processo de valorização ou de revalorização da região, entraram em evidência os estudos geográficos mais específicos, surgidos na França, com Paul Vidal de la Blache, na Alemanha com Otto Schluter (na primeira década do século XX) e nos Estados Unidos, com Carl Sauer e em outros países, ganhando a denominação de Geografia Regional.

Os geógrafos regionais dedicaram-se a busca de informação descritiva sobre os lugares, bem como métodos que permitissem o estudo das várias regiões da Terra. As bases filosóficas mais apuradas foram desenvolvidas por Vidal de La Blache e Richard Hartshorne. Vale lembrar que, enquanto La Blache compreendia a região como uma determinada paisagem, onde os gêneros de vida determinavam sua condição e homogeneidade, para Hartshorne os espaços eram divididos em classes de área, nas quais os elementos mais homogêneos determinavam cada classe e, assim, as discontinuidades destes trariam as divisões de áreas. Hartshorne amparava a hipótese da combinação, buscando integrar fenômenos heterogêneos, isto é, fenômenos humanos e naturais que se combinam e resultam numa singularidade, caracterizando uma região.

No século XX, mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, o mundo passou a presenciar uma nova expansão capitalista que influenciou nas divisões territoriais até então estabelecidas em razão da perda ou ganho de territórios entre nações. Necessitava-se que o desenvolvimento econômico fosse impetrado em curto prazo, a fim de recuperar as nações enfraquecidas pelos conflitos.

Em meio a estas transformações e como forma de contribuir com as mesmas, outra corrente do Pensamento Geográfico torna-se proeminente, a denominada Nova Geografia, fundamentada na Geografia Teórica ou Quantitativa. Esta se originou na Suécia, na Inglaterra e nos Estados Unidos, adotando uma postura associada ao Capitalismo, com críticas ao Determinismo Ambiental e o Possibilismo, com o intuito de renovar ou de transformar o espaço mundial que naquele momento se encontrava em “desordem”.

A Nova Geografia, com sua “versão própria” de região, opôs-se aos paradigmas do Determinismo Ambiental e do Possibilismo. Nesse novo contexto, de acordo com Corrêa (2003, p. 32), a região “é definida como um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as

existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares”. As semelhanças e as diferenças são definidas a partir de critérios e técnicas estatísticas, ou seja, “é a técnica estatística que permite revelar as regiões de uma dada porção da superfície da Terra” (CORRÊA 2003, p. 32).

E se as regiões definem-se por meio de dados estatísticos, são os objetivos de cada pesquisador que direcionam quais critérios serão adotados para as divisões regionais de seus estudos, como, por exemplo, a definição de região econômica, para a qual é preciso buscar informações relacionadas à Economia, ou se a pretensão for definir regiões climáticas, as informações advêm do clima e, com esses limites, as divisões regionais foram sendo estabelecidas.

Após a década de 1950, com a inserção e, ao mesmo tempo, busca por outras respostas oriundas das demandas de transformações em diversos níveis surgiram, concomitante a Nova Geografia, outros paradigmas que também levaram a um repensar da produção geográfica. À Nova Geografia ou Geografia Quantitativa, ligada à Estatística e à Matemática, foram sendo incorporadas categorias de análise que apresentavam uma “Geografia Crítica”, isso já no final dos anos de 1970.

A Geografia Crítica, também chamada Geografia Marxista, estabelece certo rompimento da neutralidade nos estudos geográficos, com propostas de engajamento e criticidade junto as conjunturas social, econômica e política. Os estudos passam a estabelecer uma leitura crítica frente aos problemas e interesses que envolvem as relações de poder e a pró-atividade frente à causas sociais, como a diminuição das disparidades socioeconômicas e diferenças regionais. Nas concepções oriundas da Geografia Crítica, segundo Corrêa (2003, p. 40), está “a necessidade de se repensar o conceito de região”, que passa também por diversas transformações.

Neste sentido, aproximaram-se a Geografia Crítica e a denominada [Geografia Radical](#), surgida na [Grã-Bretanha](#) e nos Estados Unidos como uma reação ao [quantitativismo](#) ou pragmatismo que utilizava a Geografia como seguimento da ideologia do poder, como o estado capitalista e as empresas. A Geografia Radical procurou estreitar relações aos movimentos sociais e ao marxismo, no que se difere da Geografia Crítica, que se opôs ao Socialismo Real e ao Marxismo Real, procurando estabelecer uma proposta pluralista e aberta,

dialogando com diversas correntes, o que não significa que os resultados daí decorrentes tenham se pautado nestas perspectivas.

Através da breve análise feita sobre a História do Pensamento Geográfico, percebemos as mudanças que ocorreram a partir do final do século XIX e durante o século XX, o que proporcionou novos estudos sobre o assunto. Essas mudanças influenciaram nas questões geográficas, socioeconômicas, políticas e nas questões relacionadas à natureza, evidenciando os diferentes conceitos de região formulados pelos autores, bem como: Gomes (2000), Corrêa (2003), Lencioni (2003), entre outros, no decorrer do tempo, os quais até hoje é assunto em discussão entre os pesquisadores, como veremos na sequência.

Muitas indagações em torno de como compreender a região podem ser pensadas diante da complexidade espacial que se apresenta com as novas tecnologias que possibilitam aos indivíduos, às empresas, às instituições romperem as barreiras locais existentes e transpassarem os limites regionais estabelecidos, instaurando outras conexões de nível mundial.

Segundo Gomes (2000, p. 71) “é moeda corrente hoje no discurso dos geógrafos o conceito de globalização”, palavra a qual expressa a idéia de global, de unificação econômica, homogeneização, o fim das divisões regionais. Foi a partir dessa concepção de hegemonia que muitos afirmaram que os novos tempos, segundo Lipietz (1997) *apud* Gomes (2000, p. 71), “anunciavam o fim das regiões pela homogeneização do espaço ou pela uniformização das relações sociais”.

O surgimento de outros conceitos (território, lugar, paisagem etc.) não representa o fim do conceito de região, porém, se faz necessário uma reelaboração do mesmo, o que não deixa de ser um fato importante para a ciência geográfica, pois faz com que esta seja repensada, como afirma Dundes (2007, p. 20):

O arrefecimento do conceito de região, o recrudescer do território, o aprofundamento do conceito de espaço, a valorização do lugar, aparentemente contraditória, face ao inevitável processo de globalização, são assim exemplos do movimento contínuo de uma ciência viva. E é importante esclarecer que a maior exposição de um conceito não significa o desaparecimento dos demais, conforme se observa na história da Geografia.

As evidências empíricas da permanência dos significados da região, no âmbito das representações sociais enunciadas nos discursos, sejam eles políticos e/ou midiáticos e científicos, tornam insustentável a negação do sentido de identidade que a região carrega. “No senso comum, a região nunca deixou de ser enunciada, acionada como signo de identificação, então por que haveria de deixar de ser investigada”? (DUNDES, 2007, p. 22).

Complementando, Fonseca (1999, p. 90) afirma:

A questão é que, apesar do crescente processo de globalização, observa-se também, hoje, o recrudescimento dos fenômenos e decisões nas escalas regionais e locais, tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos.

O autor, em seus argumentos, demonstra que mesmo em meio ao processo da globalização, ainda é possível perceber a intensidade dos fatos e decisões que ocorrem nos níveis regional e local e que, portanto, não há como afirmar que a região não denota mais a mesma importância de períodos anteriores. Exemplo são os movimentos que buscam a valorização da região e que são vistos como “movimentos de resistência à homogeneização, movimentos de defesa das diferenças, os quais têm o apoio de um grande número de pessoas” (GOMES, 2000, p. 71).

Esses movimentos regionais contestam, através de manifestações espontâneas, a participação dos poderes locais em detrimento a um poder de cunho centralizador e que, por desconhecer as realidades e singularidades regionais e locais, se posicionam, por diversas vezes, de forma insensível às suas desigualdades ou desenvolvimento socioeconômico.

É dessa forma que a região vem se afirmando e buscando responder às demandas, mesmo diante de toda a influência que a globalização exerce. Conforme afirma Dundes (2007, p. 20):

[...] contrariando os alardes de seu estado moribundo, a região se faz presente nas mais diversas práticas discursivas e persiste nos estudos que experimentam novos percursos teórico-metodológicos e isso nos leva a tentar compreender os significados da região que resultam da atual dinâmica espaço-temporal.

Percebemos a importância da região ao abordarmos as várias formas que os autores anunciam quando se referem às divisões regionais. Gomes (2000) afirma sobre a valorização da Geografia Regional, na perspectiva de Hartshorne. Para o autor (2000, p. 59):

A região não é uma realidade evidente, dada, a qual caberia apenas ao geógrafo descrever. A região é um produto mental, uma forma de ver o espaço que coloca em evidência os fundamentos da organização diferenciada do espaço.

As regiões tornam-se regiões em razão de diferenças que as contornam de forma específica a partir de determinados aspectos ou singularidades que podem ser de caráter físico ou concreto ou de caráter subjetivo ou abstrato ou de ambos. Nesta perspectiva é que, de acordo com Gomes (2000, p. 73):

[...] os possíveis recortes regionais atuais são múltiplos e complexos, certamente há recobrimento entre eles, certamente eles são mutáveis, mas ao aceitarmos todos estes recortes como regiões não estaríamos voltando ao sentido do senso comum, de uma noção que tão simplesmente pretende localizar e delimitar fenômenos de natureza e tamanho muito diversos e que, portanto, perde todo o conteúdo explicativo, como conceito?

Para Hartshorne (1939) *apud* Corrêa (2003, p. 15) “o cerne da Geografia é a regional que, como vimos busca a integração entre fenômenos heterogêneos em seções do espaço terrestre”. Para ele, o mais importante é o método de identificação nas diferenciações de áreas, o qual reconhece uma unidade integrada dos fenômenos heterogêneos de uma área, revelando suas singularidades ou suas características próprias.

Entender a região como um conceito é essencial por permitir apresentá-la a partir de uma realidade determinada, sendo o contrário também verdadeiro.

Entre as ciências, a Geografia deve procurar “nos diferentes usos correntes do conceito de região suas diferentes operacionalidades, os diferentes recortes que são criados e suas respectivas instrumentalidades” (GOMES, 2000, p. 50). Ainda de acordo com o autor:

Notemos que como simples referência não exigimos que esta noção se defina sempre em relação aos mesmos critérios, que haja precisão em seus limites ou que esteja referida sempre a um mesmo nível de tamanho ou escala espacial (GOMES, 2000, p. 53).

Também podemos observar, por meio de Corrêa (2003, p. 22), que “a utilização do termo entre os geógrafos, no entanto, não se faz de modo harmônico: ele é muito complexo”, ou seja, há diferentes conceituações sobre região, sendo que cada uma tem um significado próprio e particular e produziu singularidade e/ou foi singularizada a partir das concepções que fomentaram a ciência geográfica ao longo do tempo.

A região é, portanto, onde o homem está integrado, ambientado, é onde cada indivíduo expressa seus desejos, suas aspirações, suas afeições, sua identidade, visto enquanto espaço de pertença. Para Corrêa (2005, p. 188), que considera a região um meio de interações políticas, econômicas, culturais etc., “trata-se de uma visão política da região com base na idéia de que dominação e poder constituem fatores fundamentais na diferenciação de áreas”.

Corrêa (2005) fundamenta-se em Hartshorne ao argumentar sobre a chamada diferenciação de áreas (regiões). Em outras acepções, diverge da discussão de que as diferenças foram eliminadas no contexto atual da globalização e expõe um, entre os demais conceitos formulados após a década de 1970, em que afirma:

[...] não compartilhando a tese de que o mundo esteja se tornando homogêneo, indiferenciado e, conseqüentemente, as regiões estejam desaparecendo: ao contrário, admitem o processo de sua transformação. Deste modo a percepção da diferenciação de áreas, nítida no final do século, é plenamente ratificada (CORRÊA, 2005, p. 189).

Essa concepção parece estar mais relacionada à realidade fragmentada, visto que nas regiões presenciam-se, mais especificamente, as relações políticas de grupos que se unem ou entram em conflito em defesa de interesses diversos e específicos, evidenciando diferenças em relação às demais regiões.

Com isso, “estamos diante de um produto único, sintético, formado pela interrelação destes fatores combinados de forma variada” (GOMES, 2000, p. 56), podendo estes serem físicos ou históricos, bem como sugere o mesmo autor:

Neste plano se deve começar pela descrição das características físicas seguida da descrição da estrutura da população e de suas atividades econômicas. O objetivo é encontrar para cada região uma personalidade, uma forma de ser diferente e particular (GOMES, 2000, p. 56).

Esse modelo foi tema para a produção de uma série de monografias regionais, as quais seguiram um plano até então inalterável e vinculado a maneira de se então entender a região: “uma área delimitada, com fronteiras fixas, que se distingue das demais por apresentar características internas homogêneas e singulares em relação ao seu entorno” (GOMES, 2000, p. 56).

A perspectiva de região que se busca estudar, aqui, no entanto, fundamenta-se na sobreposição dada pelos discursos dos representantes políticos que a criam e buscam sustentá-la de formas diferenciadas nos determinados momentos históricos.

Neste sentido, a população pertencente a uma determinada região (ou uma região pertencente uma determinada população) cria seus vínculos e interage socialmente. Na conceituação pós 1970, Corrêa (2005, p. 188) afirma que “a região é considerada como um meio para as interações sociais”. E efetivamente compreende-se que o é.

A exposição de alguns conceitos sobre região, dentre tantos existentes, demonstra que é preciso levar em consideração o que cada um deles representa num determinado contexto e momento históricos. Assim, para estudar uma região faz-se “absolutamente necessário que haja uma formulação clara de seu sentido, de seus critérios e de sua natureza” (GOMES, 2000, p. 63).

Observamos, no cotidiano, a forma como as pessoas se referem à região, o que permite uma maior clareza na diferenciação das delimitações feitas por elas próprias e, dessa maneira, ajudam a reconhecer as características que diferenciam àquela das demais, inclusive a partir dos discursos políticos. Como exemplo, citamos: “a região mais desenvolvida”, “a região mais pobre”, “a região serrana”, “a região de solo fértil”, “a região tradicional” e vários outros adjetivos, muitos sem propósitos efetivamente científicos.

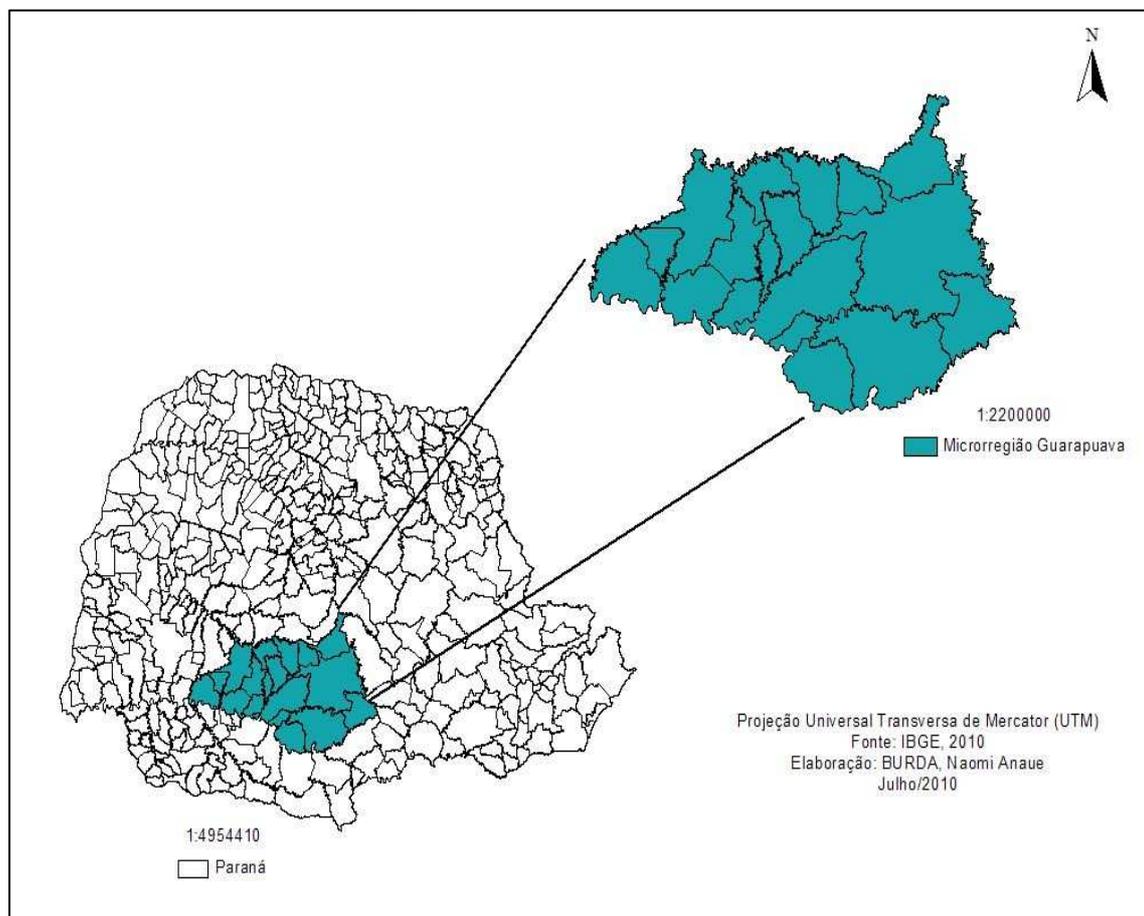
Lencioni (2003, p. 16) afirma que a região “é de uso fluído e tem dificuldades em se estabelecer como um conceito”. Para Vainer (1996, p. 18) “região há para todos os gostos: região política, funcional, homogênea, polarizada, administrativa”. Além disso, o autor ainda afirma que “região é um padrão de reprodução da relação de dominação para dentro (da região) e para fora, ou, em outras palavras, uma forma de articulação dos grupos dominantes

em nível regional e destes com os grupos em nível nacional” (VAINER, 1996, p. 21).

Ao ser um “(...) elemento-chave de um sistema explicativo, contextos políticos, político-institucionais e culturais”, segundo Gomes (2000, p. 50), podemos observar, em parte, uma abordagem sobre os discursos que constroem e reconstroem a região de Guarapuava.

Ao se estudar a região, não se pode deixar de destacar que o município de Guarapuava tem um importante papel no “construir” da região na qual está inserido. Sua história se confunde com a história regional, pois foi dele que se desmembraram os municípios que deram origem a região hoje conhecida como região de Guarapuava.

Os municípios que integram hoje a microrregião de Guarapuava (IBGE) são: Guarapuava (sede), Boa Ventura de São Roque, Condói, Campina do Simão, Cantagalo, Foz do Jordão, Goioxim, Inácio Martins, Laranjeiras do Sul, Marquinho, Palmital, Pinhão, Pitanga, Reserva do Iguaçu, Rio Bonito do Iguaçu, Santa Maria do Oeste, Turvo e Virmond, conforme a figura 1.



**Figura 1:** Mapa de localização da microrregião de Guarapuava - PR  
**Fonte:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Cabe lembrar, ainda, a importância da área urbana do município de Guarapuava (a sede político-administrativa), posto nos discursos sobre a região ela ser, sem dúvida, o núcleo produtor de suas representações, ainda que na atualidade seja possível perceber a emergência de outras sedes de municípios como enunciadoras da região, como Laranjeiras do Sul, por exemplo.

A construção da região de Guarapuava se fundamenta em interesses (coletivos ou não) dos representantes políticos e, neste caso, seu recorte se estabelece pela percepção que se tem do mesmo e não pela divisão oficial estabelecida. Exemplo são os casos de políticos que buscam sensibilizar e conquistar eleitores através de apelos à região a partir de reivindicações de recursos, aproveitando para adjetivá-la. Neste sentido, criam conflitos e coalizões político-econômicas que influenciam na construção, objetiva ou não, da região.

A abordagem, assim, busca a compreensão de algumas relações de poder definidoras, mesmo que momentaneamente, das diferentes acepções de região e que dão significados, que constroem e reconstroem a mesma. Desse

modo, na sequência, far-se-á uma apresentação dos conceitos de poder, poder político e discurso na tentativa de compreensão do objeto de estudo aqui proposto.

## 1.2 AS RELAÇÕES DE PODER E OS DISCURSOS SOBRE A FORMAÇÃO DA REGIÃO DE GUARAPUAVA

Buscando um aprofundamento na reflexão sobre o conceito de poder, salienta-se o que afirma Paranhos (2000, p. 56): “mesmo que não o queiramos, somos permanentemente envolvidos pelas e nas relações de poder que perpassam todos os poros da vida social”. Assim, as pessoas, por vezes, exercem poder e, por outras, são submissas a ele, o que nos coloca na condição de sujeitos do poder ou de objetos do mesmo.

Neste sentido, Claval (1979, p. 11) afirma que “exercer poder não é apenas estar em condições de realizar por si mesmo as coisas, é também ser capaz de fazer com que sejam realizadas por outros”, ou seja, o poder se configura quando o homem tem capacidade de agir por sua própria vontade, seja influenciando no seu comportamento ou determinando o comportamento de outros. Para o autor, uma das formas pela qual o poder se traduz é no surgimento de assimetrias e desequilíbrios, a partir de diversos níveis, tais como:

1) a situação mais simples é a do poder puro: a relação é perfeitamente assimétrica, aquele que ordena nada deve aos que dirige; pode utilizá-los como meios para chegar aos fins que determinou; age dando ordens e fazendo-as executar sem hesitação; 2) o exercício do poder é facilitado quando os que a ele estão submetidos aceitam a situação como natural e reconhecem a natureza legítima da autoridade; 3) a assimetria nem sempre é tão marcada como no poder puro e na autoridade; ela surge nas relações em que cada qual dá e recebe, mas de maneira desigual, é o caso dos jogos de influência; 4) há, finalmente, os casos em que o desequilíbrio não é percebido pelos atores da relação: a liberdade de alguns é reduzida sem que eles o percebam; fala-se então do efeito de dominação inconsciente (CLAVAL, 1979, p. 11).

Para Fischer (1992, p. 107), na mesma linha de raciocínio de Claval, pois “o exercício do poder é um jogo de forças antagônicas” e, ao mesmo tempo em que há dominação, percebe-se que existem liberdades e possibilidades de ação.

Nas relações de poder o conflito é inerente, “não havendo, diretamente, uma oposição entre dominantes e dominados, mas sim ‘situações de poder’ que ora favorecem a um, ora a outro sujeito/coletivo” (SILVA, 2008, p. 6).

As manifestações de poder, não importam de que forma sejam, são interpretadas como posse de algo ou alguma coisa. Isso porque, de acordo com Bobbio (2008, p. 933), o poder “designa a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos, tanto pode ser referida a indivíduos e a grupos humanos como a objetos ou fenômenos naturais”.

Aqueles que exercem uma posição de poder usam-na para manter um caráter dominante em relação àqueles que se subordinam a eles, mesmo que sejam talentos obtidos naturalmente, como a “força e a inteligência, ou adquiridos, como a riqueza, não altera o significado precípua do poder entendido como qualquer coisa que serve para alcançar aquilo que é o objeto do próprio desejo” (BOBBIO, 2004, p. 77).

Dessa maneira, Bobbio (2004, p. 82) apresenta três formas de poder como sendo as mais importantes nas relações de uma sociedade: “o econômico, o ideológico e o político, ou seja, o da riqueza, o do saber e o da força”. Estas têm em comum a contribuição conjunta para cultivar as desigualdades presentes na sociedade como, por exemplo, a divisão “em fortes e fracos com base no poder político, em ricos e pobres com base no poder econômico, em sábios e ignorantes com base no poder ideológico” (BOBBIO, 2004, p. 83).

O poder econômico consiste na posse de bens pela qual aquele que os detém adquire a capacidade de induzir aquele que não os tem a obedecer. O poder ideológico justifica-se naquele que é dotado de um saber ou possui um grau considerável de conhecimentos, informações, portanto, tem influência sobre os demais membros de um grupo, conforme reforça Bobbio (2004, p. 83):

[...] assim chamados ‘intelectuais’, nas sociedades secularizadas, porque através dos conhecimentos por eles difundidos ou dos valores por eles afirmados e inculcados realiza-se o processo de socialização do qual todo grupo social necessita para poder estar junto.

Das três formas de poder que o autor trabalha, destaca-se o poder político, objeto principal do estudo aqui realizado. Aqueles que conquistam o

poder político são privilegiados com certo poder de comando, de tomada de decisões em determinada sociedade.

Na tentativa de aprofundar esta última forma de poder apontado por Bobbio (2004) é que se busca, a seguir, estudar como o seu exercício se estabelece como fundamento para os discursos sobre uma determinada região, no caso, a região de Guarapuava.

Na sociedade atual é comum a existência de políticos que buscam sensibilizar e conquistar os eleitores através de apelos voltados à região, reivindicando recursos em nome da mesma, muitas vezes com o objetivo de usufruir de benefícios a si e aos seus, ao invés de buscarem melhorias econômicas e sociais para a população por eles representada. É neste sentido que Lencioni (2003, p. 20) afirma que “o discurso político pode mistificar e utilizar a ideia de região como instrumento de manipulação social”.

O poder político é definido por Bobbio (2004, p. 83), em complemento ao já apresentado, como sendo o poder em que o meio específico é a força e “serve para fazer entender porque é que ele sempre foi considerado como o “sumo” poder, isto é, o poder cuja posse distingue em toda sociedade o grupo dominante”.

Felizes (1999, p. 2), por sua vez, atribui ao Estado o mesmo privilégio, quando da definição do poder político, pois o prioriza como sendo o “primeiro universo político”, ou seja, a base do poder político. Portanto, na maioria das vezes, quando há referência ao poder político, o pensamento é o de que o Estado é o grande detentor do mesmo, apesar da existência de outras formas de poder ou de contra-poderes.

Exemplo são as considerações de Felizes (1999, p. 1) que observa que o Estado condiciona às reflexões sobre poder, mais especificamente sobre o poder político. Para este o Estado é o primeiro entre vários modelos da organização institucional do poder, bem como o mais bem elaborado. Paranhos (2000, p. 57) conclui que: “com muita frequência as pessoas tendem a identificar poder com Estado”. Para o autor, no entanto:

[...] o poder não se localiza espacialmente aqui ou ali, nem se concentra apenas nesse ou naquele sujeito histórico. Ele está por toda parte e diz respeito a todos nós, mesmo que reconheçamos, como é óbvio, que certas classes, grupos sociais ou indivíduos dispõem de mais poder do que outros. E se ele se exprime sempre de maneira contraditória, não há como admitir a dominância absoluta: nos aparelhos do Estado, nas empresas, nas relações cotidianas convivem, contraditoriamente, a dominação e a resistência (PARANHOS, 2000, p. 59).

O que se percebe é que Paranhos (2000, p. 55) adverte que a política implica em relações de poder independentemente de fazer ou não o Estado um ponto de referência, pois “é algo que atravessa o nosso cotidiano na medida em que as relações de poder se manifestam”. E, continua:

[...] se somos todos, fatores de poder e além do mais, se o poder não se resume tão-somente ao poder estatal, todos aqueles que se integrem à luta pela democratização da sociedade e das relações humanas são convidados a atacar as relações autoritárias de poder que se expressam tanto em nível de Estado como no cotidiano da vida social e afetiva (PARANHOS, 2000, p. 58).

Para Bobbio (2004, p. 60), “durante séculos a organização política foi o objeto por excelência de toda reflexão sobre a vida social do homem como animal social”, sendo de grande importância, considerar a influência que o Estado exerce nas questões regionais, movido ou não pelo capitalismo mundial, mas que centraliza uma hegemonia política/econômica.

Nesse sentido Bobbio (2004, p. 66) entende o Estado como “a máxima organização de um grupo de indivíduos sobre um território em virtude de um poder de comando”. Ainda de acordo com o autor (2004, p. 64), as primeiras concepções que o ser humano teve sobre poder, sobre uma situação de comando, ou de estar envolvido, de um modo ou de outro, nas relações políticas, significa que estas permitiram que “os homens se [associassem] com o objetivo de instaurar, cultivar e conservar entre si a vida social”. A partir do momento em que o ser humano descobriu que era capaz de governar, de usufruir do poder, surgiu então a necessidade da articulação entre os grupos constituídos para tornarem-se fortes em busca de suas conquistas, certos de que unidos seriam mais combativos.

Assim, entre as relações de poder presentes numa sociedade, as

relações políticas aparecem com efervescência, talvez por estarem relacionadas ao poder do Estado, até certo ponto interventor na vida do cidadão, com a regulação através de leis, com as instituições que cercam o cotidiano das pessoas, dentre outros, como no caso do Brasil.

Ao se falar em poder político percebe-se a necessidade de transformações no sentido de sua compreensão, do em ir além do significado política e eleição ou partidos políticos, buscando compreendê-lo por meio de relações.

Retomando as idéias de Paranhos (2000, p. 52), este reforça que “somos todos, conscientemente ou não, seres políticos enquanto seres sociais que estabelecem entre si relações de poder na sociedade”, sendo que, alguns mais, alguns menos, envolvidos nas organizações sociais, econômicas, políticas, etc. É neste sentido que se aborda, no presente texto, a análise dos discursos políticos para a construção da região de Guarapuava.

Nas relações contraditórias e conflituosas é que se sobressaem os grupos políticos de uma determinada sociedade. De acordo com Silva (2007, p. 136) “o poder político é marcado pela pluralidade de grupos, facções, partidos e outras instituições formais e informais, no conflito de idéias e de alianças que se desfazem hoje e se reconstituem amanhã”. Nesse ínterim, o papel dos discursos é fundamental, em especial os discursos daqueles grupos formadores de opinião, que incitam ações diversas à medida que são assimilados de formas diferenciadas.

Antes da abordagem sobre os discursos políticos, compreende-se necessária uma breve reflexão sobre as representações sociais constituídas em torno de objetos reais ou imaginários como ideias, acontecimentos, pessoas, discursos etc. Quais são as representações de região que o discurso carrega e ao mesmo tempo constrói? Para responder a essa questão, entre outras, é necessário ter algum conhecimento do significado do termo representações sociais e sua relação com a região, como apresentado a seguir.

### 1.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O IMAGINÁRIO SOCIAL DA REGIÃO DE GUARAPUAVA

As representações sociais encontram base na realidade produzida e vivenciada pela sociedade, nos movimentos sociais, nos meios de comunicação, nos atos de resistência e em lugares sociais. É na troca de conhecimento, nos diálogos cotidianos, então, que as ações são definidas e o poder é ou não exercido, que as representações sociais, são formadas, tendo como princípio as palavras e os símbolos. Neste sentido, analisar as representações sociais dos sujeitos requer a interpretação de suas realizações que deixaram ou não marcas no espaço.

Trabalhar com o conceito de representações sociais só é possível a partir da explicação do conceito mais geral que é o de representação. A representação alude ao estar no lugar do outro. Quando alguém representa, torna presente outro alguém ou um objeto. Este alguém ou este objeto não está ali fisicamente, mas se faz presente enquanto ideia pelo seu representante. “Ora, é exatamente essa capacidade de dar às coisas uma nova forma, através da atividade psíquica, que constitui uma representação” (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 77).

A idéia de representação parte do pressuposto de que existe algo objetivo para ser representado e de que existe um sujeito ativo que opera a representação, possuindo mecanismos de linguagem para garantir a representação em relação à coisa representada. O sujeito constroi suas representações através da interação social, mas também expressa nas mesmas experiências vivenciadas em sua individualidade. A interação acontece a partir das situações de comunicação, que variam de acordo com a posição de cada um dentro do grupo social e das normas e padrões consoantes à ideologia do segmento detentor de poder. A possibilidade de expor seus pensamentos faz com que o sujeito se destaque no aparecer social e adquira ou consolide formas de poder, legitimando ou não o discurso dominante.

As representações que nascem no imaginário atingem estruturas internas ao pensamento, sendo construções mentais elaboradas socialmente, que se “consustanciam como símbolos e imagens construídas a partir do vivido, tornando-se ‘visões de mundo’ consensuais, ainda que tenham origem em

determinados segmentos sociais” (LEFEBVRE, 1983, *apud* DUNDES, 2007, p. 16).

O imaginário, que de acordo com Bourdieu (2000) é coletivo ou social, constitui-se no conjunto de representações sobre o mundo. Assim, afirma ele que a noção de representação está contida numa noção mais abrangente, que é a de imaginário coletivo ou social e, neste sentido, torna-se representação social. Ainda de acordo com o autor, as práticas sociais e suas representações possuem uma temporalidade, mas podem ser apropriadas em outros contextos, por isso são mensuráveis, analisáveis. Para Pesavento (1999), é no plano do imaginário social que estão presentes as sensações, traduções e recepções das representações sociais.

Esta abordagem sobre as representações sociais requer algumas outras considerações. De acordo com Jovchelovitch (1995), o conceito foi criado por Durkheim, na Sociologia, e Moscovici o transformou em teoria, como uma especificidade da Psicologia Social. Segundo Moscovici, Durkheim, com suas representações coletivas, ajudou a perpetrar que as representações sociais fossem vistas também a partir de uma forma sociológica e não somente psicológica.

Jovchelovitch (1995) afirma que as representações sociais são símbolos, valores, idéias, saberes construídos coletivamente e sustentados por um grupo sobre si próprio. É a possibilidade de o sujeito formular, na relação com o mundo já representado, um novo conjunto de significados que sustentarão e legitimarão as suas ações e através das quais ele pode ser identificado. Por isso, as representações sociais se constroem a partir das práticas sociais, determinando o imaginário social de um grupo em uma dada época. Ao mesmo tempo em que se constroi, o sistema de representações determina as práticas sociais, sendo um processo de apreensão do real pelo homem, mas que se estabelece também em torno de objetos imaginários, como as teorias.

Se o real é apropriação, o é em algum lugar e, para vincular-se ao objeto de nossa pesquisa, em uma região. Como aqui o lugar, por vezes, é um tempo não vivido, do qual não se fez parte, é necessário resgatar os sujeitos que fizeram deste lugar campo de ação e entendê-los, então, como se constituíram em seu contexto histórico. É preciso desvendar as representações quando vividas,

rastrear nas entrelinhas dos fatos os discursos que já chegam como representação. Neste sentido, as informações repassadas, por exemplo, por Nivaldo Krüger vieram a contribuir para a leitura da região de Guarapuava neste outro tempo.

Assim, são as mediações sociais, em suas mais variadas formas, que geram as representações sociais. Por isso elas são sociais, tanto na sua gênese como na sua forma de ser. Elas não teriam qualquer utilidade em um mundo de indivíduos isolados, ou melhor, elas não existiriam (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 81).

Ao acreditar que as representações sociais são constituídas pela relação com o vivido, como uma dimensão deste, com conflitos, contradições e diferenças, cabe ressaltar sua intrínseca trama com o poder, que não pode ser considerada neutra. Incorpora-se à análise, com isso, o estudo de Chartier (1988, p. 14), que entende as representações sociais como um dos mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor seus valores e sua concepção de mundo como universais.

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discussões neutras: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1988, p. 14).

Os empresários guarapuavanos, por exemplo, conseguiram universalizar a imagem da Associação Comercial e Empresarial de Guarapuava (ACIG), enquanto poder privado, como uma das “vias de acesso” ao poder público para solucionar “problemas da população”. O poder do discurso político advindo de seus membros está, por exemplo, na competência em omitir a quem realmente beneficiava/beneficia a produção de um espaço a partir da implantação de infraestrutura e equipamentos urbanos na sede do município, em detrimento aos distritos, empobrecidos em relação a esta.

A consciência, os valores e as atitudes frente ao seu espaço circundante expressam representações desenvolvidas no cotidiano, criando um elo de

afetividade entre o homem e o lugar. Entende-se que as representações sociais são construídas no decorrer da história e os principais envolvidos são grupos políticos, econômicos, culturais e étnicos diversos, estes que se expressam através de mensagens refletidas nas práticas sociais.

Segundo Franco (2004, p. 170) “há que se considerar que as representações sociais (muitas vezes idealizadas a partir da disseminação de mensagens e de percepções advindas do ‘senso comum’) sempre conjecturam as condições contextuais que as elaboram”. Neste sentido, o texto a seguir busca compreender como os discursos político-econômicos influenciaram/influenciam e dão identidade a uma determinada região e, com isso, demonstram as condições por eles impregnadas a este recorte territorial.

#### 1.4 A INFLUÊNCIA DOS DISCURSOS POLÍTICOS NA REGIÃO DE GUARAPUAVA

O sentimento de pertencer e defender os interesses de uma determinada região é acionado pelo discurso político, um elemento fundamental nas relações de poder.

O discurso político é entendido aqui como um dos instrumentos reveladores e ao mesmo tempo construtores de imagens regionais. Assim sendo, o enfoque desta pesquisa identifica-o como elemento indispensável para compreender até que ponto as representações sociais sobre a região dão significados às relações de poder que se estabelecem em âmbito regional.

Conforme Pinto (2005, p. 92):

Todo o discurso é um discurso de poder, na medida em que todos os discursos pretendem impor verdades a respeito de um tema específico ou de uma área da ciência, da ética, do comportamento etc. Entretanto, o discurso político se destaca de todos neste particular, porque enquanto os outros tendem a deslocar seus desejos de poder, tornando-os opacos, o discurso político explicita sua luta pelo poder.

Nesta concepção:

Distingue-se do discurso da mídia, na medida em que esta (...) se opõe ao poder sob a denominação de objetividade da investigação. A mídia para enfrentar a política constrói um discurso do saber muito próximo das regras que regem o discurso científico. O discurso jornalístico é um bom exemplo de um discurso, que passa por um discurso objetivo, mas é um discurso político (PINTO, 2005, p. 92).

Uma das características básicas do discurso político é a necessidade de impor a verdade e, ao mesmo tempo, sobreviver enquanto discurso dominante. O discurso político é um discurso de “visões de mundo”, posto sobreviver da desconstrução do outro e efetivamente se reconstruir a partir do outro, de suas lacunas.

Pinto (2005, p. 80) demonstra que “o discurso existe porque ele é uma tentativa de dar sentido ao real, uma tentativa de fixar sentidos”, ou seja, o discurso político também é uma tentativa de fixar sentidos em um cenário de disputas onde se almeja vitórias. Em períodos de campanhas eleitorais, em especial, os discursos extrapolam os limites do mundo da política e insere-se no cotidiano das pessoas, fazendo-as também enunciadoras desses discursos.

O discurso político (como também outros) tem como principal característica a necessidade de impor o que considera a verdade, visto que as barreiras para se conseguir convencer a população (e não somente o eleitor) é tarefa difícil em razão dos demais discursos políticos enunciados simultaneamente, na maioria das vezes contrapondo-se aquele. “Ele sofre cotidianamente a desconstrução, ao mesmo tempo só se constrói pela desconstrução do outro. É, portanto, dinâmico, frágil e, facilmente expõe sua condição provisória” (PINTO, 2005, p. 89).

Charaudeau (2006, p. 40), por sua vez, afirma que o discurso político é expresso de diversas maneiras, dentre elas o discurso como “*sistema de pensamento*” e como “*ato de comunicação*”. Na primeira as opiniões formadas resultam das atividades discursivas determinando filiações ideológicas e, na segunda, no fato de influenciar opiniões por meio de debates, comícios, conversas entre o público e os atores interessados em construir a imagem usando diversos procedimentos. Além do “*sistema de pensamento*” e do “*ato de comunicação*”, uma terceira forma citada pelo autor é a do discurso político “*como comentário*”. Esse se expressa em família, entre amigos, conversas informais e têm como resultado a abordagem de assuntos variados (CHARAUDEAU, 2006).

Portanto, o discurso político, seja através do *pensamento*, do *ato de comunicação* ou do *comentário*, tem como objetivo repassar idéias e ideais, apesar de ser concebido de diferentes formas pelas pessoas, sendo sua influência algo incerto. Difícil saber, por exemplo, como um comício, uma entrevista na televisão ou uma manifestação de rua, muda a opinião dos receptores. Se “o poder é constituído e legitimado pelo discurso”, como argumenta Silva (2007, p. 29), este sempre está em destaque nos objetos de divulgação social, se manifesta através de várias formas de poder e se transforma através do tempo.

No âmbito da Geografia alguns autores relacionam esta ciência e o papel dos discursos, pois são saberes que ordenam, organizam e definem o espaço geográfico. Assim, de acordo com Souza (2009, p. 7):

Os discursos produzem as Geografias dos lugares, as Geografias das ações e resultam para os lugares ordenações. Atravessam os lugares e dão visibilidade aos processos sociais, políticos, históricos e ideologicamente construídos. É desta perspectiva que o discurso produz uma ordenação e comportamentos também ordenados que levam a diferentes formas de controle que são organizadores de espaços.

Ainda segundo o autor (2009, p. 4): “Ao especificar a natureza do discurso geográfico e suas formas de regulação tomamos como referência a idéia segundo a qual toda e qualquer prática não é isolada de um espaço que a ordena e a regula”. O jogo de forças nas diversas situações históricas torna-se possível no interior mesmo das regulações espaciais que o define. Portanto, pensar os vínculos entre Geografia e discurso significa qualificá-los numa relação dialética em que ambos se fazem e são interdependentes, isto é, “o espaço não é neutro, mas socialmente produzido” (SOUZA, 2009, p. 4).

A relação dos homens com a região implica níveis de percepção do meio que os abriga. A construção dos lugares envolve projeções, avaliações, enfim, formas de percepção do espaço. Um dos pressupostos fundamentais para o entendimento dos mesmos reside no fato de que o espaço regional conhecido e reconhecido como região de Guarapuava construiu-se com identidade pautada em vários processos e discursos ao longo da história (conforme veremos no capítulo 3).

Esses discursos permitiram algumas transformações momentâneas e outras que se consolidaram junto à região, pois como o próprio nome indica, o discurso traz em si a ideia de curso, percurso, movimento. Isso pressupõe que o discurso é também o movimento em seus diversos significados e marcas no espaço.

Assim, nos parece correto que um discurso só pode ser analisado como expressão do imaginário social de seu produtor e, portanto, só pode ser entendido quando referido às condições sociais de sua produção. O discurso, então, se articula com a estrutura socioeconômica sendo parte do próprio processo através do qual a sociedade se forma enquanto comunidade política, social e econômica.

Os discursos não são produzidos num vácuo. O discurso expressa o modo como está organizada a sociedade. A forma como os homens se relacionam as relações sociais, as práticas sociais fazem juntas o 'tecido' da sociedade e o discurso é o resultado da representação do entendimento do homem acerca dessa organização social (SOUZA, 2009, p. 9).

Os discursos, como característica ideológica, buscam quase que frequentemente construir uma imagem de região na qual há plena igualdade de condições, onde não há distinção entre ricos e pobres, mesmo que a região apresente um nível elevado de desigualdades, tanto econômicas, como sociais, como no caso da região de Guarapuava.

Assim, dependendo de como estes discursos são assimilados, a região é valorizada ou não. Quando o objetivo é mostrar e divulgar aspectos que valorizem a região, o discurso é bem diferente de quando o objetivo é reivindicar, pedir algo para favorecer, "desenvolver" a região. No primeiro ela ganha identidade por meio de aspectos relevantes, como potencial turístico, geração de renda e emprego, serviços que oferece em especial médicos e educacionais diferenciados etc. No segundo, a identidade é a da necessidade: região pobre, pouco desenvolvida, de desigualdades sociais, com baixo IDH, dentre outros.

O discurso, assim, tem a capacidade de sedimentar e elaborar uma identidade regional a partir de imagens enunciadas de acordo com os interesses das lideranças político-econômicas. Como afirma Dundes (2007, p. 38):

Trata-se, portanto, de entender o discurso como um recurso, que através da produção ou acionamento de sentidos, constrói, diminui ou amplia 'fronteiras' e reforça identidades regionais, capaz de legitimar, criar e recriar, fazer ou refazer, ao menos ao nível das representações, uma região.

Portanto, se o discurso é derivado do contexto e produto de relações sociais, pode ser revelador da relação sociedade-espço e, desse modo, permitir a compreensão da região tanto como limite físico-territorial como além deste.

No capítulo 2 apresenta-se uma breve explicação dos procedimentos metodológicos que permitiram o desenvolver da pesquisa. Em seguida realiza-se um histórico da formação da região de Guarapuava.

## CAPÍTULO 2

### QUESTÕES METODOLÓGICAS E A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DA REGIÃO DE GUARAPUAVA-PR

#### 2.1 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os encaminhamentos metodológicos para esta pesquisa iniciaram-se por meio de uma breve análise das bibliografias que abordam a temática, buscando um embasamento teórico-metodológico a partir dos conceitos de região, poder, poder político e discurso político.

Para fundamentar os conceitos foram realizadas algumas leituras a partir de autores como Gomes (2000), Vainer (1996), Corrêa (2003, 2005), Lencioni (2003) e Dundes (2007) sobre o conceito de região e, sobre poder e discurso, Paranhos (2000); Fischer (1992); Silva (2007, 2008); Bobbio (2004, 2008); Charaudeau (2006); Melo (1996); Felizes (1999) e Souza (2009), objetivando uma melhor compreensão dos mesmos e sua vinculação com o objeto de pesquisa, qual seja, analisar a importância que os discursos políticos proporcionam na construção da região de Guarapuava.

O segundo momento da pesquisa (capítulo 3) foi construído tendo como subsídio as análises de reportagens de jornais locais e de entrevistas. Em relação aos jornais, estes foram utilizados como fonte de pesquisa por serem eles meios de expressão de uma parte da sociedade, “revelando, em sua materialidade, a voz daqueles que, de uma forma, ou de outra, podem exteriorizar seus pensamentos, como um caminho para entender a história vivida” (SILVA, 2007, p. 24).

Assim, foram pesquisados aqueles com circulação periódica (diária e semanal), a partir da década de 1950. Para os anos de 1950 a 1982 investigou-se o semanário Folha do Oeste, para os anos de 1998 a 2009, o Diário de Guarapuava (diário) e, para os anos de 2004 a 2009, o semanário Tribuna Regional. Estes são os jornais mais expressivos, em termos de circulação periódica, em Guarapuava.

Os jornais foram investigados na sequência, exemplar por exemplar, apesar da ausência de alguns números, mas nem todos traziam reportagens que se vinculavam ao nosso objeto de pesquisa, ou seja, que apresentavam registros dos discursos de representantes políticos (e econômicos) e, por isso, utilizou-se alguns exemplares em detrimento de outros.

O jornal “Diário de Guarapuava” começou a circular em 1998 em Guarapuava e região. Nele foram encontradas poucas referências ao tema, mas os exemplares foram utilizados na tentativa de diversificar o discurso da imprensa escrita. Optou-se por realizar a maior parte da pesquisa no jornal “Folha do Oeste” (fora de circulação desde 1982) e no jornal “Tribuna Regional” (em circulação) por estes apresentarem reportagens com cunho político mais expressivo.

O jornal “Folha do Oeste”, fundado em 1937, por Antônio Lustosa de Oliveira<sup>6</sup>, circulou por 45 anos, semanalmente e possuía uma tiragem de 6.000 exemplares a cada edição. Foi um importante veículo de comunicação e formação de opinião no passado, especialmente a partir da década de 1950, recorte temporal inicial da pesquisa.

O jornal “Tribuna Regional”, fundado em 2004 pela jornalista Cristina Esteche e pelo empresário Naor Coelho, iniciou suas atividades com circulação local, mas expandiu-se rapidamente para 14 dos 19 municípios<sup>7</sup> que compõem a região de Guarapuava. Possui tiragem de 7.000 exemplares uma vez por semana. Além desses jornais, foram utilizados com menor frequência, alguns poucos exemplares do jornal (*on-line*) Valor Econômico, Informativo (*on-line*) e do jornal “Esquema Oeste” (hoje fora de circulação) que contribuíram para a elaboração da pesquisa.

---

<sup>6</sup> Antônio Lustosa de Oliveira iniciou sua vida política em 1935, foi prefeito de Guarapuava por duas gestões 1944-1945 e 1946-1947. Exerceu o cargo de deputado estadual por três mandatos, de 1947-1959, fez-se representar e representou a região de Guarapuava pelas páginas de seu jornal, em especial nas décadas de 1950 e 1960 Abandonou a política em 1966. SILVA, Walderez Pohl da. **Entre Lustosa e João do Planalto** - a arte da política na cidade de Guarapuava (1930 – 1970). Rio de Janeiro, 2008. (Tese de Doutorado).

<sup>7</sup> Os municípios que integram a região de Guarapuava-PR são: Boa Ventura de São Roque, Condói, Campina do Simão, Cantagalo, Foz do Jordão, Goioxim, Guarapuava, Inácio Martins, Laranjeiras do Sul, Marquinho, Palmital, Pinhão, Pitanga, Reserva do Iguaçu, Rio Bonito do Iguaçu, Santa Maria do Oeste, Turvo e Virmond, um total de 500.000 habitantes aproximadamente.

Essa realidade motivou a escolha dos jornais como elementos para ajudar na compreensão dos discursos sobre a região e para melhor se entender quais as representações que revelam e, ao mesmo tempo, ajudam a construir sobre a região em seus artigos, editoriais e propagandas políticas e publicitárias.

O jornal expressa os interesses de um determinado grupo social ou indivíduos e forja representações da região que extrapolam os mesmos, tornando muitas das notícias que divulgam como verdade para grande parte da população. Conforme afirma Dundes (2007, p. 43) “claro que não tomamos essas representações como verdade, mas como matéria-prima fundamental para investigar a importância do recorte regional como trunfo de poder”.

Para explorar a imprensa como fonte de pesquisa é preciso concebê-la, primeiramente como um meio que concentra uma grande capacidade de produzir significados hegemônicos; em segundo lugar, é preciso considerar que ela possui interesses próprios, fruto de sua posição como importante instrumento de poder, devido às fortes relações existentes entre os proprietários destes meios de comunicação e as elites políticas e econômicas (SILVA, 2002, p. 203).

Neste sentido, a análise procurou entender os jornais enquanto veículos de divulgação e peças importantes no jogo do poder, já que proporcionam aspirações, comportamentos e valores diversos, bem como levam a referências de grupos sociais pelas imagens e ideias que divulgam e pelos discursos que reproduzem, “pois suas matérias exaltam alguns indivíduos, bem como rechaçam outros” (SILVA, 2002, p. 64).

A investigação, conforme Silva (2007, p. 24):

[...] deve propiciar uma abordagem interdisciplinar histórica e geográfica, demonstrada a partir do momento em que os jornais apontam a perspectiva através da qual o próprio campo de prática social passa a emprestar a voz que consubstancia o conhecimento produzido.

Ainda de acordo com a autora (2007, p. 24), “como o jornal apresenta certo grau de autonomia que o faz sujeito histórico, revela, por meio do discurso que formula uma rica trama social”.

O jornal é compreendido, assim, como fonte que “fala pela e para a região”, a partir de editoriais e de reportagens por ele levadas a público, sendo,

portanto, objetivo do pesquisador identificar quem e o que se fala que possibilita o construir da região de Guarapuava.

Outro modo utilizado para analisar e compreender os discursos foram as entrevistas, consideradas aqui importantes formas de obter informações, pois ouve o sujeito a partir daquilo que ele vivenciou.

Como expressão de contemporâneos, a história oral deve responder a um sentido de utilidade prática e imediata. Isso não quer dizer que ela se esgote no momento da apresentação e da eventual análise das entrevistas ou mesmo do estabelecimento de um texto conclusivo. Mantém um compromisso de registro permanente que se projeta para o futuro sugerindo que outros possam vir a usá-la de diferentes maneiras (MEIHY, 1996, p. 25).

Segundo Meihy (1996, p. 15), “uma característica importante da história oral é sua vinculação com a política” como uma revisão de situações que se estabelecem. A história oral quase sempre propõe alterações interpretativas que se opõem a ordem vigente, mas é preciso ficar atento, pois “o diálogo promovido pelo uso de diferentes fontes quase sempre se vale da história oral como forma de complemento de afirmações conseguidas com base em vários recursos” (MEIHY, 1996, p. 31)

A entrevista, portanto, proporciona um meio de desvendar os acontecimentos pela experiência que esses sujeitos trazem no decorrer de suas vidas. Foi o que se constatou na entrevista com o senhor Nivaldo Krüger, visto que o mesmo vem já há muitos anos exercendo cargos públicos, participando ativamente na construção de Guarapuava e região e faz parte da história de Guarapuava. É assim que a história oral se manifesta, retratando o passado e relacionando-o ao presente.

As entrevistas foram obtidas<sup>8</sup> nos meses de maio e julho de 2010. Cabe informar da grande dificuldade em realizá-las por diversos motivos, desde disponibilidade ínfima dos entrevistados até a de conduzir as entrevistas de modo que os mesmos expusessem fatos de suas relações políticas sem o receio de estarem falando algo que viesse a comprometê-los. O critério de escolha dos

---

<sup>8</sup> A entrevista com Sr. Nivaldo Krüger foi realizada no dia 8 de maio de 2010, às 10h, em sua residência. A entrevista com Luiz Fernando Ribas Carli foi realizada no dia 29 de julho de 2010, às 14h, na Prefeitura Municipal e a entrevista com o deputado Artagão de Mattos Leão Júnior foi realizada no dia 29 de julho de 2010, 16h30min, no seu escritório, em Guarapuava.

entrevistados levou em consideração o fato de estes terem participação importante junto aos poderes políticos, bem como a possibilidade de formar opinião.

Desse modo, buscou-se compreender a concepção de região tendo como pressuposto os discursos evocados em jornais e entrevistas, destacando que foram referências fundamentais utilizadas na elaboração deste trabalho a partir dos objetivos propostos. São vozes que se somam e se confundem com o discurso comum e que propagaram/propagam as imagens e representações da região, o que se dispõe no capítulo 3.

Para a pesquisa que ora se apresenta, mesmo que a história de “desbravamento” e formação da região remonte ao século XVII e o início da colonização na primeira década do século XIX, iniciou-se o levantamento dos discursos a partir do século XX, mais propriamente na década de 1950, período em que houve significativas transformações sócio-econômicas e políticas na região, em razão a vários fatores e, principalmente, pela chegada dos imigrantes europeus.

## 2.2 O PROCESSO DE FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DA REGIÃO DE GUARAPUAVA

A partir da segunda metade do século XX, o discurso histórico sobre a ocupação dessa região foi sistematizado pela discursividade local, instalando condições para a criação de referenciais identitárias e uma memória histórica para esse espaço regional. Em meio e esse contexto de formação da região, Guarapuava era inserida na conquista de um espaço no cenário político e econômico do Estado. A discursividade configurou um processo de identificação para esse espaço regional, assentado em um imaginário social construído acerca do processo de ocupação, narrado ao longo do tempo.

A região de Guarapuava, no Paraná Tradicional, tem sua ocupação no início do século XVII e foi marcada por distintos ciclos econômicos hegemônicos, como: o tropeirismo, o da erva-mate e da madeira.

No século XIX atendendo a uma determinação do governo português, preocupado em tomar posse do território a ocupação teve continuidade por meio de operações de demarcação de fronteiras e ajustes territoriais, vinculando-se a atividades econômicas de cunho extensivo e extrativo, concentradas nas áreas de campos naturais.

A efetiva ocupação da região de Guarapuava se deu pela distribuição de sesmarias, poucos anos após a chegada da expedição colonizadora comandada pelo sargento-mor Diogo Pinto de Azevedo Portugal e pelo Padre Chagas (capelão da expedição), em 1809. Sendo a região muito importante para a segurança e para a incorporação dos “sertões” a economia mais considerável do que em outras áreas da colônia, foi incentivada sua ocupação militar, que resultou em dois processos: o extermínio de índios e a distribuição de sesmarias a partir de 1818.

De acordo com Abreu (1986, p. 74):

[...] além das grandes porções de terras, também foram distribuídas algumas poucas pequenas sesmarias a povoadores pobres, sendo as primeiras concessões dadas a acompanhantes da expedição e a fazendeiros da região que ajudavam com bois de corte, cargueiros etc. Iniciavam-se então as características de favorecimento e troca entre os poderes público e privado.

No período de 1822 a 1850, as terras foram adquiridas mediante ocupação ou posse, levando ao estabelecimento de latifúndios ainda maiores em Guarapuava e em todo o país. Portanto, entre 1853 e 1863, 19,3% da população era dona de todas as propriedades do município.

As concessões de terras visavam, além de interesses particulares, o aproveitamento daquelas que se encontravam ociosas e a regulamentação das devolutas, via ocupação, estimulando o povoamento. Os resultados, no entanto, não foram muito satisfatórios, já que as terras concedidas “formaram latifúndios que vieram a se somar aos já existentes; o que houve foi apenas a transferência do domínio do Estado para as mãos de particulares” (ABREU, 1986, p.74).

O sistema de sesmarias deu origem a praticamente todas as posteriores propriedades rurais da região e, ainda hoje, descendentes de diversas famílias da cidade são possuidoras de terras daí remanescentes. Com a lei de 1850 (conhecida como Lei de Terras), o registro das terras passou a ser obrigatório.

Como a região de Guarapuava (e diversas outras no Brasil) não possuía órgão público competente para efetuar-lo, o registro das propriedades foi realizado pela Igreja Católica, sob o sistema do “Registro do Vigário”. “O sistema dava plenos poderes aos vigários para agir como cartorários e, então, lavrar as escrituras nos livros de registros por eles próprios abertos, numerados, rubricados e encerrados” (ABREU, 1986, p. 74).

A economia regional, paulatinamente direcionou-se à invernagem (aluguel das pastagens) e a engorda do gado transportado pelos tropeiros, incorporando em paralelo à extração da erva-mate e, mais tarde da madeira. Nesse sentido, convém sublinhar que, a economia da região esteve sempre associada à exploração de algum recurso da natureza, porém muitas vezes utilizada de forma predatória e rudimentar, segundo Ipardes (2003a, p. 17).

Adicionalmente, as sucessivas atividades econômicas predominantes no Centro-Sul basearam-se, via de regra, em grandes propriedades rurais, que praticavam, também, uma agricultura de subsistência, sempre com o recurso da mão-de-obra escrava e do trabalho familiar. A junção de todas essas características da sociedade campeira – tradicional, patriarcal e latifundiária, fundada sobre bases econômicas estreitas e de baixo dinamismo – a uma quase total ausência de vias de comunicação, funcionou por um longo período, como um mecanismo de entrave à integração viária da região com outras áreas mais dinâmicas do estado, freando a ocupação regional em larga escala e mantendo escassa sua população.

De forma geral, nas grandes e médias propriedades realizava-se a criação de gado e, nas pequenas, a lavoura de subsistência. Além destas, estabeleceram-se também as fazendas de invernagem, que se desenvolveram no Paraná Tradicional, em três áreas, incluindo-se a de Guarapuava:

[...] os campos de Curitiba, de 1668 em diante, em pequenos currais; os campos Gerais, a partir de 1730, com a abertura do caminho de Viamão e; os campos de Guarapuava, a partir de 1810, com sua expansão aos campos de Palmas, a partir de 1839 (PIERUCCINI, 1995, p. 24).

As grandes áreas das fazendas passaram a ser reservadas aos tropeiros e, com isso, a invernagem tornou-se a principal fonte de renda e, concomitantemente, motivo de formação de uma classe de proprietários de gado e de seus comerciantes composta por famílias que adquiriram o mais alto *status*

na sociedade local e se tornaram responsáveis pelas decisões, tanto políticas como econômicas regionalmente.

O isolamento (inclusive pelos ataques constantes de índios) incentivou uma economia auto-suficiente, por via de trabalho bastante rudimentar e realizado por escravos, familiares e/ou populações caboclas. Produzia-se açúcar, café, feijão, milho, mandioca, batata e legumes, pomares, hortas, lã, sapatos etc., para o abastecimento da população das fazendas. As vias de comunicação (e os meios de transportes) resumiam-se aos caminhos dos índios e depois das tropas. Muitas fazendas ficaram entregues as pessoas de confiança dos proprietários, os chamados capatazes, ao passo que os proprietários e suas famílias residiam em centros mais prósperos ou em outros estados. O baixo consumo dos capatazes e da maioria da população residente (também em função da produção de praticamente todos os produtos de subsistência), não atraía muitos investidores à região, sendo este um dos elementos considerados quando se explica o insignificante crescimento econômico de outras atividades ou das atividades urbanas no período.

As análises do registro de terras ou “do vigário” feitas por Abreu (1986, p. 116) demonstram que, “a partir de 1850, com a Lei de Terras, esse quadro começou a se reverter, com parte dos proprietários passando a residir em suas fazendas”. Isso devido especialmente, ao estreitamento das comunicações, via Caminho das Missões, integrando o município ao comércio sulino de gado, bem como à emancipação política, já que os fazendeiros (grupo dominante) passaram a utilizar suas riquezas para influenciar nos pleitos eleitorais, “verdadeiras guerras de afirmação social” (ABREU, 1986, p. 116). Os donos do poder econômico passaram, ao final do século XIX, a ser detentores também do poder político local.

Com o tropeirismo introduzido intensamente na região entre os anos 1850 e 1880 (nesta última década entrou em crise), a pecuária local foi praticamente abandonada, pois o comércio de gado oferecia mais lucros, bem como mais *status* (era praticado por pessoas abastadas economicamente). Apesar dos benefícios, o tropeirismo criou (como também a pecuária) uma barreira ao alargamento da agricultura mais comercial, posto os maiores investimentos a ele se destinarem.

Segundo Vecchia (2000) no auge do tropeirismo as atividades econômicas passaram a vincular-se à prestação de serviços aos tropeiros e às tropas. Por outro lado, a economia deixava de ser auto-suficiente pelos contatos com outros centros, via tropeiros, mudando alguns hábitos de consumo da população, em especial da mais remediada economicamente, com a introdução de novas mercadorias, bem como de novos costumes e valores.

Paralelamente também o “crescimento demográfico concretizou-se graças ao aumento da produção da pecuária local e ao comércio de gado sulino que transformou muitos fazendeiros da região em tropeiros e abastados comerciantes de animais” (ABREU, 1986, p. 93). Mas a composição étnica estava ainda fundamentada em brancos de origem luso-brasileira, portugueses, índios (que se reduziam aos poucos nos conflitos com os fazendeiros) e negros ex-escravos e seus descendentes, como lembram (ABREU e MARCONDES, 1991).

O gado era comprado nas regiões sulinas e platinas, engordado nas invernadas de Guarapuava e revendido em Sorocaba. Nesse período, eram comercializadas aproximadamente 15.000 cabeças anuais (incluindo o Distrito de Palmas) em 72 fazendas, 46% do total do estado, já que, no Paraná, existiam 156. Do total de cabeças (132.000) de gado vacum (vacas, bois e novilhos) do estado, 57.600 estavam em Guarapuava, sendo seus criadores os mais importantes representantes da elite local (RELATÓRIO DA CÂMARA MUNICIPAL, 1958).

A atividade toupeira causou também uma divisão interna entre os próprios fazendeiros, criando novas escalas na estrutura social. “Havia aqueles vinculados ao comércio de gado (então mais ricos) e os que não conseguiram essa inserção, geralmente mais empobrecidos” (ABREU, 1986, p. 93).

Mesmo com essa estratificação, não é difícil entender que o fazendeiro pecuarista e/ou o comerciante de gado era a figura central das redes de interdependência de então, como afirma Silva (2002, p. 48), já que ele:

[...] concentrava a posse da terra, captava a riqueza nela produzida, explorava o trabalho de quem estava excluído da condição de proprietário e, além disso, mantinha o poder político legitimado pela sociedade da época. A autoridade mantida nas relações de dominação não era resultado apenas da força física ou econômica, mas estas eram acrescidas por motivos afetivos, valores morais, religiosos e comportamentos sociais que constituíam a capacidade de obtenção da legitimidade da autoridade e domínio da aristocracia fazendeira.

Como resultado em quase todo o Paraná Tradicional, os ganhos com o tropeirismo foram, em parte, revertidos em investimentos ao meio urbano, inclusive nas atividades de comércio e indústria (manufaturas). Alguns fazendeiros passaram a adquirir residência na cidade como forma de *status*, tanto que as mesmas só eram abertas em ocasiões especiais, como nas festas da Padroeira, batizados, casamentos, nos períodos eleitorais (para que o mesmo acompanhasse mais de perto os trabalhos pela sua candidatura ou as de seus correligionários) ou para realizar negócios.

De acordo com Abreu (1986, p. 93):

[...] as transformações no urbano, naquele momento, também ocorreram por intermédio do poder público, com a construção do prédio da Intendência (Câmara Municipal) e do Mercado Municipal, pela instalação do telégrafo (1887) e da iluminação pública (1912), do calçamento rudimentar de algumas ruas, além de outras melhorias.

Dependente de vinculações locais e extralocais, os ganhos com o tropeirismo chegaram ao fim, na região, por diversos acontecimentos, sendo o principal deles a concorrência decorrente de outras regiões, o que levou ao declínio da atividade tropeira em Guarapuava. Como fator paliativo, o gado passou a ser vendido na feira de Ponta Grossa, mas não foi o suficiente para recuperar a atividade, abalada ainda pela crescente concorrência. “Com isso, a economia regional entrou em definhamento” (ABREU, 1986, p. 93).

O isolamento do município por falta de vias de comunicação é ainda um dos problemas apontados por Abreu (1986), Abreu e Marcondes (1991 e 1992) e Marcondes (1998) para a decadência econômica da região. Silva (2002) afirma que o fracasso da implantação de núcleos de colonização de outras etnias também contribuiu para o atraso regional e para a hegemonia da sociedade campeira.

Passada a euforia do comércio de gado, a criação novamente foi introduzida aos campos de Guarapuava (já em meados dos anos 1890) e lentamente viveram longo período apenas da engorda, considerada mais lucrativa e de prestígio. Aos poucos os investimentos voltaram apesar das dificuldades de integração ao sistema nacional (restringindo os mercados consumidores) e da mudança de mentalidade dos pecuaristas, para um possível melhoramento das

raças, contratação de pessoal mais qualificado, compra de medicamentos, sem contar a baixa qualidade dos rebanhos etc.

Segundo Abreu (1986), o número de cabeças de gado no município em 1870 e 1934, comprova o quanto a invernagem era importante no primeiro período e sua decadência no segundo, mesmo com o retorno do criatório. Em 1870 existiam 80.000 cabeças de gado bovino, 40.000 equinos, 30.000 suínos e 200 muares. Em 1934 menos de 9.000 bovinos, 226 equinos, 11.000 suínos e 115 muares.

Com o declínio da criação de gado o cultivo da erva passou a ser muito importante para a economia regional no início do século XX, que se sustentou até os anos de 1930 em função da concorrência, em especial das Missiones. De acordo com Silva (2002), a extração da erva-mate ainda era desempenhada por uma população à margem do sistema tropeirista, aquela que não alcançou grande ascensão econômica e social neste ramo, ganhando expressão apenas no início do século XX.

Quanto à atividade madeireira, pelo fato de ser administrada por pessoas externas ao município e seus lucros, conseqüentemente, serem empregados fora do mesmo, segundo Luz (1980), pela ausência de estradas para o transporte dos produtos (as vias de comunicação só chegaram, com precariedade, após 1900), não foi capaz de dinamizar a economia local nesse período. O dinamismo só veio a ocorrer por meio da recuperação e da consolidação da extração e industrialização da própria madeira, mas aí já por volta dos anos de 1940 e 1950.

Ao final do século XIX e início do XX, a madeira extraída passa a ser exportada *in natura*, de forma predatória. Na verdade, de acordo com Luz (1980), foram os grandes grupos econômicos estrangeiros (argentinos e ingleses) monopolizaram sua industrialização, ocasionando uma evasão de capitais do Estado, no período.

Abreu (1986, p. 123) afirma que a exploração dessas duas atividades (madeireira e a coleta e industrialização da erva-mate) localmente, bem como da agricultura de subsistência e da pecuária extensiva, “foi em decorrência do tipo de vida adotado pela sociedade tradicional campeira de Curitiba e dos Campos Gerais que teve, nessa última, seu principal fator econômico”.

A partir disto, reproduziu-se em Guarapuava o mesmo estilo de “vida patriarcalista baseado na aristocracia fazendeira das regiões de Curitiba e de Ponta Grossa de outrora. A infra-estrutura daquele sistema, baseado no latifúndio, perdura ainda nos dias atuais” (ABREU, 1986, p. 123).

Na primeira metade do século XX houve um empobrecimento gradativo da região levando muitos fazendeiros a dividirem suas terras em lotes para a venda, e/ou repartindo entre suas famílias o que fez com que não conseguissem praticar sequer a pecuária extensiva. Tudo isto levou-os a mudar para a cidade ou para outros estados (ABREU, 1986).

A oferta de terras baratas atraiu muitos compradores e arrendatários, em particular do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que adquiriram, em sua maioria, pequenas propriedades para praticar a lavoura e a pequena criação. Os migrantes se fixaram e a produção agrícola dinamiza a economia. A produção agrícola em alta, aliada ao bom desempenho do setor madeireiro proporcionou as transformações nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil e no Paraná no setor econômico, servindo como indutores de mudanças sócio-econômicas.

Decorrente do processo de ocupação das áreas campestres, a fundação de Guarapuava completava o processo de ocupação territorial do Paraná Tradicional. É posto, neste trabalho, que os discursos políticos influenciam a elaboração de várias abordagens sobre a região de Guarapuava. Assim, no capítulo 3, a prioridade é a investigação de como eles foram elaborados e reelaborados, ao longo do tempo, para enunciá-la.

### CAPÍTULO 3

#### OS DISCURSOS POLÍTICOS E A FORMAÇÃO DA “REGIÃO DE GUARAPUAVA-PR”

Este capítulo tem por objetivo investigar os discursos políticos, procurando compreender como a região de Guarapuava se revela por meio dos mesmos ou como estes criam ou forjam uma região de Guarapuava, conformando estratégias para a construção/reconstrução da mesma.

A compreensão do processo de formação da região se deu por meio dos sujeitos que a representaram e representam por meio de projetos e concretização de obras, a partir da década de 1950, conforme se pode observar a seguir.

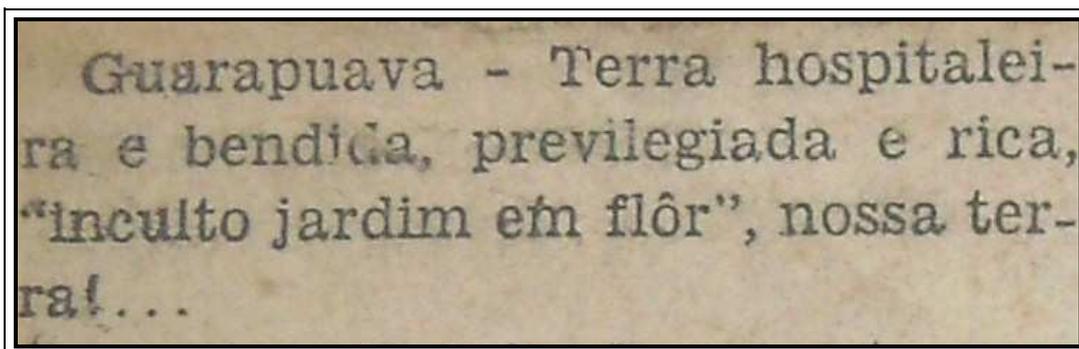
##### 3.1 DISCURSOS POLÍTICOS SOBRE GUARAPUAVA E A FORMAÇÃO DE UMA REGIÃO: A ÊNFASE NOS ELEMENTOS NATURAIS

O município de Guarapuava, que ocupava uma grande área do estado do Paraná (até as primeiras décadas após 1950), foi desmembrado e deu origem a outros municípios que hoje integram a região de Guarapuava. Os representantes políticos, em seus discursos, sempre se incumbiram de mostrar as potencialidades naturais que o município apresentava (e pela excelente posição geográfica) e, com isso, o que se poderia aproveitar em “benefício da população”. O município sempre esteve presente nos discursos, como sendo privilegiado pela sua natureza que se encontra no Estado.

Como exemplo pode-se citar as palavras de João do Planalto<sup>9</sup>, que era prefeito e poeta ao mesmo tempo e escrevia para o jornal Folha do Oeste (por ele mesmo fundado), ainda na década de 1950, exaltando o povo guarapuavano. O discurso era sempre o de que Guarapuava teria um futuro triunfante e glorioso: “Guarapuava – terra hospitaleira e bendita, privilegiada e rica, ‘inculto jardim em flor’, nossa terra...” (FOLHA DO OESTE, 09/12/1956, n. 155, p. 1 e figura 2).

---

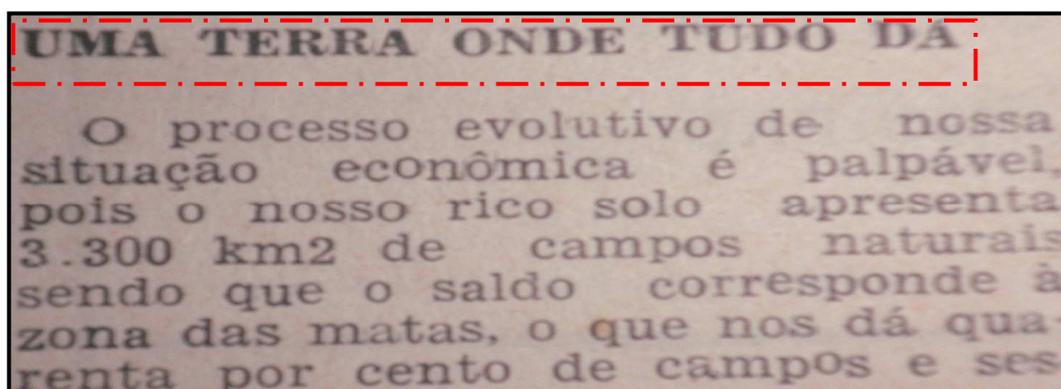
<sup>9</sup> João do Planalto foi o pseudônimo usado por Antônio Lustosa de Oliveira.



**Figura 2:** Guarapuava, terra hospitaleira e bendita.

**Fonte:** Jornal Folha do Oeste, Guarapuava, 09/12/1956, n. 155, p. 1.

Ainda na segunda metade do século XX, agora já nos anos 1970, era enunciada a mesma Guarapuava rica em sua natureza, que tinha poder de conquistar aqueles que chegavam pelas belezas naturais que possuía, além de proporcionar meios de sobrevivência através do extrativismo vegetal. Era apresentada uma cidade que tinha, em seu solo, nutrientes que o tornava muito produtivo, conforme o jornal Folha do Oeste, na figura 3.



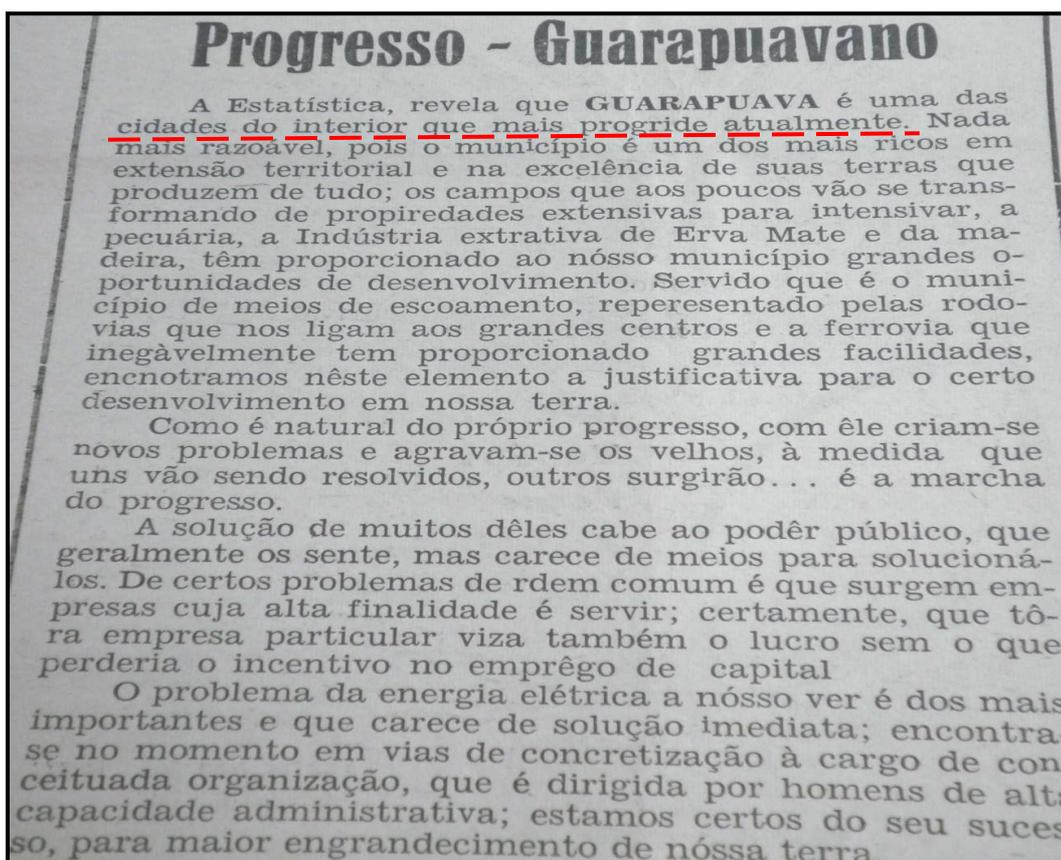
**Figura 3:** Valorização da terra produtiva.

**Fonte:** Jornal Folha do Oeste, Guarapuava, 09/12/1973 n. 1326, p. 16.

Os representantes políticos sempre buscavam, nos seus discursos, além de valorizar Guarapuava, defender os interesses da população guarapuavana, indicando bem estar e uma vida digna àqueles que aqui moravam e de uma forma ou de outra contribuía para o desenvolvimento do extenso município, conforme a frase publicada pelo jornal Folha do Oeste de 1951, onde tudo era feito “em defesa dos interesses de Guarapuava” (FOLHA DO OESTE, 01/07/1951, n. 110,

p. 1). A frase foi proferida pelo prefeito Antônio Lustosa de Oliveira em um dos seus discursos. É evidente que nem sempre esses discursos e intenções foram concretizadas.

Pelos enunciados dos jornais da década de 1950, percebe-se que o conteúdo das matérias é o de enaltecer o desenvolvimento de Guarapuava naturalizando sua condição de área central devido a sua posição geográfica privilegiada e a natureza exuberante que apresenta. E, por isso, nas décadas seguintes, Guarapuava continuou a ser citada como hospitaleira e acolhedora, conforme o jornal Folha do Oeste (09/12/1973, n. 1326, p. 16): “a Guarapuava de hoje, procura trazer aos filhos da terra, os avanços da tecnologia, para que nossa gente possa desfrutar da regalia que a ciência coloca ao alcance de todos”. Assim, os discursos, já na segunda metade do século XX, objetivavam apresentar o caminho do progresso, conforme figura 4.



**Figura 4:** Progresso Guarapuavano.

**Fonte:** Jornal Folha do Oeste, Guarapuava, 15/06/1958, n. 228, p. 6.

Constata-se que, como nas décadas passadas, tendo como exemplo o jornal Folha do Oeste (15/06/1958, n. 228, p. 6), o município “é um dos mais ricos em extensão e na excelência de suas terras que produzem de tudo; os campos que aos poucos se transformam com a pecuária, as indústrias extrativas de ervamate e da madeira”, ainda hoje os representantes políticos destacam, em seus discursos, a região como sendo de grande valor pela sua extensão e a riqueza em elementos naturais que preserva.

Exemplo desse fato é o enunciado pelo deputado Artagão<sup>10</sup> ao se referir a região: “posso dizer que a nossa região é uma região abençoada por Deus, pelas suas belezas naturais, pelos seus potenciais, mas que, no entanto precisa de um planejamento ordenado e de uma parceria mais significativa com o poder público em outras instâncias”<sup>11</sup>.

No entanto, é possível perceber diferenças nos discursos dos representantes políticos das primeiras décadas de 1950 se comparados aos discursos atuais, no que se refere a “falta de apoio” ou parceria entre governos municipal e estadual, por exemplo. Apesar de recorrente nos discursos recentes, não se averiguou discursos que comprovem a mesma situação em tempos pretéritos.

A qualidade do solo e as vantagens que oferece com o extrativismo, mesmo de reflorestamento, são exaltadas pelo prefeito Fernando Carli, a respeito do aproveitamento da matéria-prima existente: “estamos saindo de uma cultura unicamente extrativista para concluirmos, de uma vez por todas, que o crescimento econômico passa pelo aproveitamento de nossas matérias-primas nos limites do nosso município e região” (TRIBUNA REGIONAL 08 a 14/12/2006, n. 138, p. 22).

Em razão desse discurso recursivo, Fernando Carli afirma ao jornal Tribuna Regional (08 a 14/12/2006, n. 138, p. 22), a identidade que Guarapuava conquistou e ainda mantém:

---

<sup>10</sup> Artagão de Mattos Leão Júnior é deputado estadual pelo PMDB, mesmo partido do então governador Roberto Requião.

<sup>11</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 16h30min, em seu escritório, em Guarapuava.

Digo que Guarapuava volta seus olhos para o futuro sem perder sua identidade, que foi construída no passado..., é um marco histórico desde a chegada dos primeiros colonizadores portugueses. Convivemos com o tropeirismo, com o ciclo da erva-mate, da madeira. Agora, nas últimas quatro décadas, presenciamos a tecnificação no setor agrícola. Enfrentamos choques de gerações sem perder esse vínculo com nossas tradições. Temos uma história maravilhosa, que precisa ser contada em versos e prosas por nossos poetas e explorada por nossos escritores.

Apesar dos discursos que exaltam uma região de Guarapuava rica em elementos naturais e aproveitamento dos mesmos, em relação a outros setores os discursos indicam carências (e a realidade também), como pode ser observado a seguir.

### 3.2 DISCURSOS POLÍTICOS SOBRE A FORMAÇÃO DA REGIÃO DE GUARAPUAVA: PARA ALÉM DOS ELEMENTOS NATURAIS, PARA AQUÉM DOS DISCURSOS

Em 1962, em reunião com representantes políticos de Guarapuava juntamente com outras autoridades do Estado, foi assinado um convênio para a instalação da rede de água e esgoto, iniciativa que beneficiaria a população de mais de 15 mil habitantes à época (FOLHA DO OESTE, 28/02/1962, n. 1290, p. 1).

Nessa reunião os representantes de Guarapuava e região levantaram algumas questões perante o governador Moisés Lupion, como, por exemplo: “até quando Guarapuava será preterida”? Ou seja, até quando Guarapuava seria esquecida, quando a população guarapuavana seria lembrada e teria suas reivindicações atendidas? Por que a realidade da região não muda? (FOLHA DO OESTE, 28/02/1962, n. 1290, p. 1).

Esses questionamentos, bem como a reunião, foram desfechos, de acordo com o jornal Folha do Oeste, das inúmeras carências e reivindicações feitas pela população:

Temos carência de energia elétrica, de água e esgoto, de melhor ligação rodoviária com os grandes centros, de um posto de higiene, melhor aparelhamento, dinamização dos serviços de fomento e assistência técnica à agricultura e à pecuária, de melhoramentos e ampliação do nosso depósito de presos, de melhores verbas nos estabelecimentos assistenciais, de algo sobre assistência social (FOLHA DO OESTE, 15/05/1960, n. 316, p. 7).

Quarenta anos mais tarde, afirma o deputado estadual Artagão, que está sendo construída, em Guarapuava, uma nova central de tratamento de esgoto, por meio da Sanepar, mas que por ser uma obra que fica afastada do centro da cidade e debaixo da terra, passa despercebida para muitos:

Nessa atual gestão, uma das marcas significativas que o governo está desenvolvendo na região é direcionada ao setor de água e esgoto: em Guarapuava de dois anos para cá mais ou menos 25 milhões de reais de investimentos foi conseguido, através da Sanepar, do governo do Estado, na construção da nova central de tratamento de esgoto. Guarapuava, nos próximos anos, não teria mais capacidade de tratamento da água em função do crescimento, do desenvolvimento populacional e esse é um investimento que muitas vezes o povo não vê porque é um investimento que fica retirado da cidade. O saneamento fica embaixo da terra e é o tipo da política pública que poucos são os administradores que têm comprometimento em realizar e, sem dúvida alguma, faz muita diferença na saúde, porque quando o esgoto de uma cidade tem um tratamento adequado, desafoga o Posto de Saúde, por exemplo. Conseqüentemente, então, essa é uma marca que eu considero das maiores que nós realizamos aqui em Guarapuava<sup>12</sup>.

Ainda em termos de primeira década da primeira metade do século XX, a população guarapuavana reclamava da falta de representantes da região, que buscassem melhorias em vários setores, na Assembleia Legislativa. Nos discursos, Guarapuava era “a Princesa do Planalto, a Rainha da Serra, a Comarca-mãe de toda a região e que tem tradição de município importante de nosso Estado” (FOLHA DO OESTE, 15/05/1960, n. 316, p. 7), mas que não elegia seus próprios representantes.

O discurso de que a região tinha grandes chances de crescer e prosperar sempre foi dominante. Há registros de discursos de alguns que se tornaram “grandes personagens” da história regional nos quais os mesmos demonstravam preocupação em divulgar o que a região tinha a oferecer e, através disso,

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 16h30min, em seu escritório, em Guarapuava.

angariar verbas para a construção e ampliação de obras e outras melhorias, como, por exemplo, quando foi reivindicada a construção de um hospital.

Conforme a publicação do jornal Folha do Oeste, na década de 1950, “o deputado Lustosa de Oliveira pede a construção de um Hospital Regional em Guarapuava e Sanatórios para toda a região” (FOLHA DO OESTE, 20/05/1956, n. 128, p. 6). Com a construção do hospital seria possível acolher a população do município e dos seus doze distritos, à época, e proporcionar melhor atendimento e qualidade de vida à população. Observa-se esse enunciado pelas palavras do deputado Antônio Lustosa de Oliveira, em uma das reuniões na Assembleia Legislativa do Estado, em 1956:

Com a extraordinária e crescente expansão que se está verificando em todos os municípios da riquíssima região paranaense, em razão da comprovada exuberância de suas magníficas terras apropriadas para todas as culturas do clima frio, ou semi-tropical – trigo e café – e ainda, pela intensificação da indústria pastoril, com as plantações de pastagens artificiais para a melhoria e maior desenvolvimento das atividades pecuaristas, com a multiplicação de instalações de indústrias extrativas de madeiras, bem assim, de outros vários ramos do comércio foram surgindo novos e prósperos centros populacionais (FOLHA DO OESTE, 20/05/1956, n. 128, p. 6).

Para que o proposto se tornasse realidade, de acordo com o jornal Folha do Oeste (09/10/1960, n. 336, p. 1), “houve uma junção de forças políticas, com a ajuda do governador do Estado, em sua primeira gestão, Moisés Lupion e do senador Gaspar Veloso, bem como do vereador Cleve Teixeira”. Formou-se um grupo que lutava pela construção do grande hospital, bem como pela credibilidade do guarapuavano.

No pronunciamento a seguir, o deputado Lustosa de Oliveira preza por uma Guarapuava rica em sua natureza, na produção industrial, pecuária e na agricultura, que atraia pessoas de outras regiões e, com isso, o crescimento populacional, sendo este um argumento para a necessidade de um centro hospitalar, evitando que as pessoas precisassem se deslocar para outros centros, como Curitiba. Lustosa de Oliveira esclarece em discurso para o jornal Folha do Oeste:

[...] graças aos esforços de um pugilo de homens de boa vontade, decididos a colaborar pelo progresso de Guarapuava, muito em breve teremos o mais moderno e amplo Hospital do interior do Estado [...]; dia 2 do corrente realizou-se o ato de lançamento da pedra fundamental do Hospital Popular de Guarapuava, contando com as mais expressivas figuras representativas de nossos meios sociais e econômicos (FOLHA DO OESTE, 09/10/1960, n. 336, p. 1).

Quinze anos mais tarde (1975) Guarapuava “ganha” o pronto socorro. Segundo relato do jornal Folha do Oeste: “o setor médico da região do terceiro planalto paranaense vai ser beneficiado quando as portas do Pronto Socorro Guarapuava se abrirem nos próximos dias” (FOLHA DO OESTE, 17/08/1975, n. 1410, p. 4).

O pronto socorro foi inaugurado com o objetivo de atender aos moradores do município e de toda a região, com médicos em várias especialidades e equipamentos de qualidade e precisão para a descoberta de diagnósticos, como apresentado no jornal Folha do Oeste (17/08/1975, n. 1410, p. 4), conforme figura 5: “Pronto Socorro Guarapuava virá preencher uma grande lacuna, no que concerne a atendimento de urgência em Guarapuava e região”.



**Figura 5:** Instalação do Pronto Socorro Guarapuava.

**Fonte:** Jornal Folha do Oeste, Guarapuava, 17/08/1975, n. 1410, p. 4.

No mesmo ano da instalação do Pronto Socorro também houve a ampliação e modernização do Hospital Nossa Senhora de Belém, segundo afirma o jornal Folha do Oeste (21/09/1975, n. 1415, p. 04), que lembra também que o mesmo “conta com elevado prestígio em toda a região, mantém convênios com as maiores empresas de grande porte da região”.

Hospital Nossa Senhora de Belém que conta com elevado prestígio em toda a região, pela dedicação de seus dirigentes e corpo médico, pelos moderníssimos equipamentos empregados e alto padrão assistencial, acaba de iniciar atendimento aos segurados do INPS e por essa razão amplia suas modernas instalações e coloca em funcionamento mais uma série de sofisticados aparelhos que prestarão através de seu renomado corpo médico, atendimento cada vez mais aperfeiçoado a todos (FOLHA DO OESTE, 21/09/1975, n. 1415, p. 4).

Três décadas mais tarde, o ex-deputado estadual Fernando Carli Filho lança o projeto de construção de um novo hospital que viesse a atender toda a região:

A criação e implantação do Hospital Regional (HR) é uma das principais propostas do candidato a deputado estadual Fernando Carli Filho (PSB). O objetivo é atender toda a região, multiplicando o número atual de leitos disponíveis nos hospitais de Guarapuava e que são insuficientes para atender toda a demanda (TRIBUNA REGIONAL, 25 a 31/08/2006, n. 123, p. 16).

O ex-deputado argumenta que o Estado não pode ficar indiferente à carência de leitos na região, pois a população sofre com a demora nos atendimentos, apesar dos esforços dos profissionais da área, visto que os hospitais de Guarapuava recebem todos os dias, pacientes vindos dos municípios vizinhos, que fazem parte da região. Ressalta, ainda: “o município de Guarapuava é referência médico-hospitalar na Região e é de extrema urgência o apoio ao aparelhamento das unidades hospitalares existentes, por serem estratégias no atendimento à população” (TRIBUNA REGIONAL, 25 a 31/08/2006, n. 123, p. 16).

O Informativo (*on-line*)<sup>13</sup>, no entanto, afirma que “[Guarapuava perde leitos de UTI e poderia ter sido contemplado com 28 milhões na saúde. Vereadores cobram a falta de ação de deputados da cidade](#)”. O vereador Thiago lamenta a perda que tiveram, segundo ele, em razão do desinteresse dos representantes políticos no nível estadual e federal:

Lamentamos a perda de 4 leitos de UTI em Guarapuava e a falta de empenho do deputado estadual Artagão Junior neste sentido, além de lastimar o fato de Guarapuava, não conseguir investimentos federais na ordem de R\$ 28 milhões de reais, para implantação de hospitais regionais. Que foram levados pra Toledo e Cornélio Procópio, devido ao trabalho dos representantes daquelas cidades. Sendo que a região de Guarapuava, mesmo com população estimada em 500 mil habitantes, tendo real necessidade, não obteve êxito.

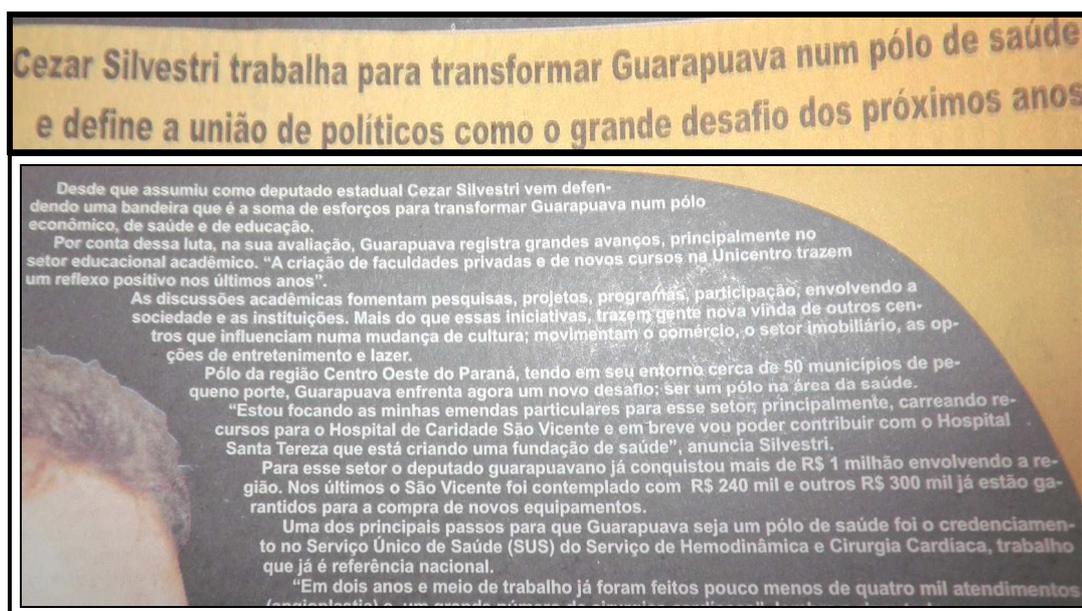
<sup>13</sup> Informativo (*on-line*), ano 1 n. 21 Guarapuava, 05 de maio de 2010. Disponível em: <[www.sticmguarapuava.org.br](http://www.sticmguarapuava.org.br)>. Acesso em: 05 ago 2010, às 20h.

O prefeito Fernando Carli argumenta sobre a situação fragilizada em que se encontram os municípios que integram a região e como isso influencia no desenvolvimento do município de Guarapuava, mas que alternativas têm sido buscadas para proporcionar mais conforto e segurança, em especial nas áreas da saúde e educação, que são as prioridades entre as reivindicações da população<sup>14</sup>:

Buscamos um fortalecimento regional, pois se a estrutura de nossos municípios vizinhos encontra-se fragilizada, acaba acarretando consequências para Guarapuava, que precisa aumentar sua demanda em atendimento, principalmente nas áreas da saúde e educação, que passam a ser procuradas. Nosso sistema de saúde é referência e modelo para todo o Brasil.

O deputado federal Cezar Silvestre afirma, conforme a figura 6, com passagem do jornal Tribuna Regional (26/01 a 01/02/2007, n. 142, p. 3) que tem por objetivo a construção de um Centro de Oncologia na cidade:

Guarapuava como polo de saúde, o centro [de oncologia] é indispensável, já que o tratamento de quimioterapia e radioterapia exige até 60 dias, familiares precisam de estadia e de alimentação. Isso gera desenvolvimento para o município e qualidade de vida para quem precisa do tratamento (TRIBUNA REGIONAL, 22 a 31/12/2006, n. 129, p. 3).



**Figura 6:** Discurso apoiando a área da saúde.

**Fonte:** Jornal Tribuna Regional, Guarapuava, 08 a 14/12/2006, n. 138, p. 7.

<sup>14</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 14h, na Prefeitura.

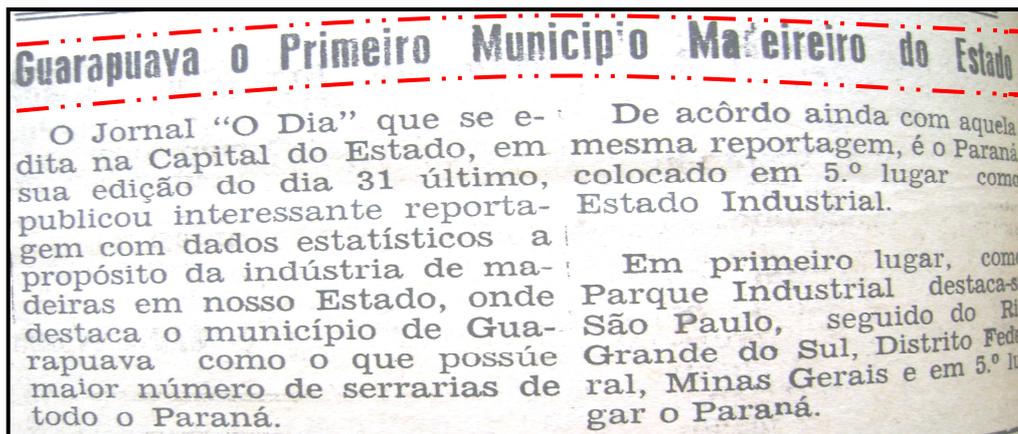
Numa região rica em possibilidades advindas dos recursos naturais defendidas pelos representantes políticos, contrapõem-se carências em outros setores, apesar de se observar o “esforço” dos representantes para com “os interesses do município e da região”, como no setor industrial madeireiro, apresentado a seguir.

### 3.3 DISCURSOS POLÍTICOS SOBRE GUARAPUAVA: O SETOR INDUSTRIAL MADEIREIRO COMO DESTAQUE PARA O DESENVOLVIMENTO

A exploração da madeira, no município, teve origem por volta da década de 1940 e se intensificou na década de 1950, quando Guarapuava tinha vastas florestas nativas de araucária, o que fez com que muitas empresas madeireiras transferissem suas sedes para o município, diversas delas utilizando-se de exploração predatória.

Os discursos referenciados nos jornais apontam a valorização da região pela grande quantidade de madeira nativa existente, o que proporcionava meios de sobrevivência para uma grande parcela da população. A madeira sempre foi apontada, nos discursos, como um dos principais fatores que trouxeram desenvolvimento. Neste sentido, ao apresentar-se o setor madeireiro como foco de desenvolvimento, busca-se apresentar os discursos que acompanham esta trajetória.

O jornal Folha do Oeste (15/06/1958, n. 228, p. 6), em 1950, afirmava que “Guarapuava consolida-se como polo de atividades florestais”, sendo o maior município madeireiro da região e com a maior quantidade de serrarias instaladas, conforme figura 7.



**Figura 7:** Setor madeireiro de Guarapuava.

**Fonte:** Jornal Folha do Oeste, Guarapuava, 15/06/1958, n. 228, p. 8.

O discurso que identificava Guarapuava como uma região tradicionalmente madeireira permaneceu nas décadas seguintes, como demonstra o jornal Folha do Oeste, já em 1975:

Encontra-se em Guarapuava, área delimitada pelo levantamento florestal efetuado em conjunto pelo BADEP/MANASA/CONFAL, uma das grandes concentrações de plantios do Estado do Paraná, a qual está sendo estruturada como um futuro centro de atividades madeireiras integradas na produção de materiais sólidos e fibrosos. A região de Guarapuava é tradicionalmente madeireira e certamente terá como a manutenção das linhas atuais de produção de seus principais investidores, um enfoque próprio na industrialização dos produtos originários do manejo da floresta. Não há dúvidas de que a exploração mais rentável de uma floresta homogênea de coníferas é conseguida mediante a produção de sólidos, até surgirem limitações técnicas e de mercado. Nesse ponto, há uma integração com a indústria de materiais fibrosos. Os dois produtos obtidos, serrados e laminados de um lado e fibrosos (pasta mecânica, celuloses e chapas) de outro, integram a moderna indústria, eficiente e competitiva em termos nacionais e internacionais. A serraria tradicional será substituída pelo picador perfilhador, operando a partir da floresta natural. Os produtos picados (que agora não são mais "sobras") constituem-se no início de um processo industrial. O conjunto não será mais nômade, a floresta não será extinta, identificando claramente a atividade madeireira não predatória. Estes são os fatos que se consolidam, no momento, na região de Guarapuava, onde foi realizado o levantamento florestal (FOLHA DO OESTE, 11/05/1975, n. 1396, p. 2).

O mesmo jornal enfoca a importância da Pinhopast<sup>15</sup>:

<sup>15</sup> A Pinhopast é uma das maiores representantes do setor madeireiro, em Guarapuava, e possui 300 funcionários (FIEP, 2009).

Por certo muita gente em Guarapuava desconhece o poderio da empresa, pois Pinhopast é uma organização voltada para o trabalho, sem a preocupação de divulgar aquilo que realiza em nosso território, representando um dos sustentáculos de nossa economia (FOLHA DO OESTE, 11/05/1975, n. 1396, p. 7).

Em relação à Estilo Palito<sup>16</sup>, também considerada uma das maiores empresas do ramo na região, atuando desde a década de 1970, é importante pela “fabricação de diversos artefatos em madeira, palha, cortiça e material trançado também tem se destacado” (FOLHA DO OESTE, 11/05/1975, n. 1396, p. 1) que são, em sua maioria, exportados para os Estados Unidos.

Em ambos os casos os discursos serviram para valorizar cada vez mais o setor madeireiro e a expectativa para um futuro esperançoso com essa atividade. Nos editoriais dos jornais das décadas de 1950 a 1970 pode ser constatado que os representantes políticos, ao enunciar a região de Guarapuava, sempre destacavam o potencial extrativo da madeira nativa existente com fartura na região.

Entre 1950 e 1960 a região teve aproximadamente 200 serrarias. No entanto, este fato fez com que os estoques nativos fossem reduzidos, sem o devido retorno, obrigando as empresas que resistiram às crises e à legislação ambiental mais severa, a investir em reflorestamento. O jornal Folha do Oeste previa “o término do ciclo madeireiro local” (FOLHA DO OESTE, 27/09/1959, n. 228, p. 1).

Segundo o Senhor Nivaldo Krüger<sup>17</sup>:

Os madeireiros levaram as riquezas, o patrimônio natural, investiram fora e exauriram as florestas. A grande atividade madeireira, na região, em meados de 1950, estava acabando com a riqueza florestal que existia e o investimento era mínimo. Devido a essa realidade propus a instalação de um banco: “o Banco da Madeira”, mas, para que essa ideia se concretizasse, era preciso que houvesse integração, união entre os madeireiros, o que na verdade não existia, pois o individualismo predominava entre eles, como até nos dias de hoje, o individualismo persiste<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> A Estilo Palito Indústria e Comércio de Palitos Ltda é uma das principais empresas do setor madeireiro, em Guarapuava, e possui 170 funcionários (FIEP, 2009).

<sup>17</sup> Nivaldo Krüger iniciou sua vida política na década de 1950, foi vereador em 1957, foi prefeito de Guarapuava por três mandatos, foi deputado estadual, hoje representa Guarapuava na Assembleia Legislativa do estado do Paraná, como Secretário Estadual do Meio Ambiente (Florestal).

<sup>18</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 8 de maio de 2010, às 10h, na residência do entrevistado.

Em 2005, para garantir o sucesso neste setor, os empresários guarapuavanos, em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e prefeitura municipal criam programas de desenvolvimento, tornando o processo de produção da madeira e de seus derivados mais qualificado, agregando valor ao mesmo. Exemplo é o setor moveleiro, conforme proposta do prefeito Fernando Ribas Carli (TRIBUNA REGIONAL, 23 a 29/09/2005, n. 77, p. 4).

Também o secretário municipal da Indústria e Comércio de Guarapuava, Senhor Mário Ternosko, em reunião com empresários ligados à produção de móveis, se propõe a apoiar a iniciativa, afirmando que “a ideia é transformar Guarapuava em um polo de móveis industrializados” (TRIBUNA REGIONAL, 23 a 29/09/2005, n. 77, p. 04). A figura 8 confirma o discurso que passa a ser defendido.



**Figura 8:** O discurso sobre o polo moveleiro.  
**Fonte:** Jornal Tribuna Regional, Guarapuava, 23 a 29/09/2005 n. 74, p. 4.

O consultor do Sebrae, conforme entrevista ao jornal Tribuna Regional (23 a 29/09/2005, n. 77, p. 4), senhor Edson Charavava, ressalta a importância do setor moveleiro para o desenvolvimento empresarial e, afirma: “queremos que esse grupo de empresários seja referência de crescimento para alcançarmos outras empresas. Quem sabe então poderá acontecer um pólo”. E acrescenta: “o que caracteriza o pólo é o volume de produção da escala” (TRIBUNA REGIONAL, 23 a 29/09/2005, n. 77, p. 4).

As figuras 8 e 9 expressam o discurso de uma Guarapuava como polo moveleiro e que, segundo Ternosko, diversificaria a produção, além de possibilitar a consolidação de produtor de referência de qualidade em móveis, gerando empregos no setor.

O empresário do setor moveleiro, José Antônio Madoviski, também se mostrou otimista com o programa de desenvolvimento: “queremos produzir móveis em série e essa é uma oportunidade. Precisamos crescer e o apoio da atual administração municipal veio na hora certa porque a concorrência está grande” (TRIBUNA REGIONAL, 23 a 29/09/2005, n. 77, p. 04).

A busca pelo desenvolvimento, através do potencial empreendedor do guarapuavano, continua sendo destaque, como reafirma o prefeito Fernando Carli na figura 9:



**Figura 9:** O discurso do desenvolvimento pelo setor moveleiro.

Fonte: Jornal Tribuna Regional, Guarapuava, 05 a 11/10/2007 n. 177, p. 3.

O presidente do Sindicato da Madeira de Guarapuava (Simdmadeira), José Arthur Gomes, num encontro realizado em parceria com a Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP), em 2007, explicou que “a região de

Guarapuava, por sua natureza, é produtora de madeira, mas o ramo tem diminuído muito, então buscamos apoio junto à FIEP para tentarmos reverter esse quadro” (DIÁRIO DE GUARAPUAVA, 07/12/2007, n. 2545, p. 3).

Considerando o setor madeireiro como foco para o desenvolvimento da região, cita-se o relato do prefeito Fernando Carli ao jornal Tribuna Regional (27/06 a 03/07/2008, n. 213, p. 3) sobre a importância da madeira, a qual está gerando riquezas e grandes benefícios nas outras regiões próximas. Segundo ele “[...] é preciso pensar em benefícios para a cidade a longo prazo”, gerando empregos e conseqüentemente melhorando a qualidade de vida das pessoas.

O deputado federal Cezar Silvestre<sup>19</sup> afirma que o setor que deveria ser mais incentivado em Guarapuava é o da madeira plantada, uma vez que o setor “não está em decadência, mas se reestruturando, em função do fim da madeira nativa e das dificuldades para reflorestamento e que seria um caos social se a madeira entrasse em decadência no município”.

Mesmo assim, a atividade florestal madeireira ainda é considerada uma das atividades da região de Guarapuava com maior tradição, mesmo não sendo mais possível a produção dos derivados através do extrativismo vegetal natural, como feito no passado. Tal fato tem levado os madeireiros a optar pelo reflorestamento.

Em função do controle oficial das áreas de madeiras nativas e de certa conscientização da sociedade em sua preservação tem-se ampliado localmente o reflorestamento com pinus e pinheiro, embora muitas unidades ainda sejam cortadas ilegalmente. De acordo com Silva (2007, p. 106) “a área ocupada por reflorestamento no município é de aproximadamente 35 mil hectares, dos 85 mil de matas ou 12% da área total dessa vegetação”.

As indústrias do ramo madeireiro estão vinculadas às atividades de desdobramento e aplainamento da madeira, com algumas indústrias, mais recentemente, redirecionando a produção para atividades mais elaboradas, com algum emprego de tecnologias e mão-de-obra mais qualificada<sup>20</sup>. Além desses

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida à Profa. Dra. Márcia da Silva, no dia 2 de agosto de 2004, às 17h, na residência do entrevistado.

<sup>20</sup> No município, as empresas de porte médio e grande do setor são: a Repinho Reflorestamento e Compensados Ltda, com 350 funcionários e a Guaratu Indústria e Comércio de Madeiras e Compensados, com 170 funcionários (FIEP, 2009).

segmentos, o de fabricação de esquadrias em madeira também é importante regionalmente.

As áreas de reservas nativas e de reflorestamento também favorecem as atividades como (desdobramento, lâminas e chapas, celulose, papel de diversos tipos<sup>21</sup> e papelão liso, cartolina e cartão, artefatos, de embalagens de plástico<sup>22</sup> e mobiliário). Para o IPARDES (2003), “é o setor madeireiro o que movimenta a indústria da região, com nítida tendência de continuidade nessa matriz industrial” já que as atividades da madeira representam por volta de 75% dos empregos industriais<sup>23</sup> e 35% do PIB de Guarapuava.

O setor industrial<sup>24</sup>, então, no município, é composto, sobretudo, pelos segmentos tradicionais tecnologicamente não-inovativos, como agroindústrias extensivas e extrativas voltadas, além dos gêneros madeireiros e de papel e papelão, ao de alimentos e químico, estes em menor escala que, embora sejam importantes em termos de emprego, apresentam, na maioria dos casos, tendência à baixa dinamização da economia, tanto pela produção, em nível primário, quanto pelo pagamento de baixos salários.

A cidade também é conhecida, juntamente com sua região, pela produção de erva-mate, produto-base do chimarrão. A produção<sup>25</sup> e a transformação da erva-mate, que se dá a partir de pequenas indústrias que absorvem a matéria-prima dos produtores, não só do município, mas também de toda a região. Sua industrialização gera uma série de produtos, como a erva-mate verde, a erva-mate amarela, o chá e o tererê/chimarrão, que são muito consumidos localmente, em função da tradição cultural repassada e continuada pelos gaúchos. Além desses produtos, a erva-mate é utilizada na área farmacêutica, química etc.

Apesar da produção industrial na região (madeireira e outras), verifica-se, na tabela 1, que o setor industrial é o menos participativo dentre os setores

---

<sup>21</sup> As maiores representantes são a Elias Curi, possuíam em 2004, 246 funcionários (ACIG, 2004) e a Iberkraft Indústria de Papel e Celulose Ltda, que possui 140 funcionários (FIEP, 2009).

<sup>22</sup> A Polijuta é a maior empresa do município com 470 funcionários (FIEP, 2009).

<sup>23</sup> O setor de madeira, papel e derivados é a atividade industrial que mais emprega.

<sup>24</sup> As empresas citadas como destaques em diversas atividades, assim o foram em virtude da maior pujança econômica das mesmas, mas, em especial, pelo critério do número de funcionários, obtidos nos dados da (FIEP, 2009).

<sup>25</sup> Em Guarapuava, segundo a Deral/Seab (2009), foram produzidos no município 5.700 toneladas de erva-mate verde em 2008 e 5.550 toneladas em 2009.

econômicos. Segundo Silva (2007, p. 107), “tanto em quantidade de empresas (599 ou 9,70%), como em número de empregos, com 9.095 ou 26,01%”.

**Tabela 1:** Guarapuava: perfil das empresas (2004).

<b>Atividade</b>	<b>Quantidade</b>	<b>%</b>	<b>Funcionários</b>	<b>%</b>
Indústria	599	9,70	9095	26,1
Comércio	2578	41,70	9317	26,7
Serviços	3008	48,60	16466	47,2

**Fonte:** Associação Comercial e Empresarial de Guarapuava (ACIG).

O fator preponderante, no entanto, são os salários baixos, já que grande parte da mão-de-obra é desqualificada, o que impede um poder de consumo e de geração de riquezas maior para a população e para o município. Isso se deve, como já comentado, aos investimentos insuficientes realizados pelas empresas e pela quase que inexistência de incentivo do poder público, que parece omissor perante tal realidade, mesmo considerando o fato de que Guarapuava saiu de um patamar de 2,7 mil empresas, em 1998, para 6,1 mil, em 2004, em sua totalidade. Quanto aos demais setores econômicos citados na Tabela 1, nenhum deles, ainda, foi capaz de tornar dinâmica a economia municipal e regional, injetando renda e agregando valor.

A economia é variada, mas como outras cidades do mesmo porte no Paraná, ela é baseada na agricultura e agroindústrias. A agropecuária representa aproximadamente 18% da composição do PIB municipal. O município tem forte participação na produção agrícola do estado. O setor de serviços vem crescendo gradativamente e já incorpora cerca de 47% do PIB de Guarapuava.

Na análise até então realizada, pode-se perceber que, desde a Guarapuava do século XX (e até anteriormente), com seu imenso território, que esta sempre esteve relacionada economicamente com os elementos da natureza através da extração e do beneficiamento, com destaque para o setor da madeira (e secundariamente a erva-mate). O prefeito Fernando Carli expõe sua concepção, a esse respeito, no jornal Tribuna Regional (11 a 17/11/2005, n. 84, p. 3):

Pela avaliação que fazemos da história de Guarapuava vemos que a nossa região sempre viveu do extrativismo e precisamos mudar essa concepção. Podemos viver do extrativismo, mas precisamos repor o que é tirado e principalmente, encontrar outras formas para promover o desenvolvimento.

Mesmo havendo preocupação com a diminuição considerável do meio natural para o desenvolvimento da região de Guarapuava, nas últimas décadas, ainda é este um dos principais discursos de seus representantes quando o tema é estratégias de desenvolvimento, apesar da inserção de outros elementos.

### 3.4 DISCURSOS POLÍTICOS SOBRE GUARAPUAVA: INTERVENÇÕES OU PROJETOS?

O prefeito Fernando Carli, em seu segundo mandato em 2006, segundo relatos do jornal Tribuna Regional, afirma que:

Guarapuava, comprovadamente é um dos melhores municípios para se viver e trabalhar. Neste ano e meio de administração, estamos investindo para melhorar a infra-estrutura da cidade, oferecer alternativa de emprego e renda, atrair novos investimentos e melhorar a qualidade de vida de quem aqui mora e trabalha (TRIBUNA REGIONAL, 23 a 29/06/2006, n. 114, p. 9).

Segundo Fernando Carli, ainda há muito a ser feito, mas as ações que foram iniciadas já colocam o município e a região nos trilhos do desenvolvimento:

Nossos projetos na área de industrialização visam despertar o guarapuavano para as potencialidades regionais e fazer com que este saque o dinheiro investido nas agências bancárias e o transforme em investimentos. Paralelamente não deixamos de buscar investimentos de fora e já conseguimos grandes conquistas nessa área, como a instalação da Agrogen<sup>26</sup> e de outras indústrias brasileiras (TRIBUNA REGIONAL, 23 a 29/06/2006, n. 114, p. 9).

---

<sup>26</sup> Agrogen, Indústria própria da tecnologia aviária, onde é produzido matrizes de ave de corte. De acordo com o prefeito, “a Agrogen tende a tornar Guarapuava um polo de aves para abate, uma vez que a consolidação da avicultura na região tende a alavancar a produção em pequenas propriedades. A Agrogen contribui para mudar o perfil econômico da região, que até hoje não possuía uma atividade intensiva em avicultura”, afirma o prefeito Fernando Ribas Carli (TRIBUNA REGIONAL, 23 a 29/06/2006, n. 114, p. 09).

O prefeito lembra que os investidores precisam fazer com que o dinheiro cumpra a sua função social. “Investindo em Guarapuava o município se desenvolve, há geração de emprego e a promoção pela qualidade de vida dos moradores” (TRIBUNA REGIONAL, 23 a 29/06/2006, n. 114, p. 9).

Para este, muitos têm sido os investimentos feitos por empresários com o apoio da prefeitura, como por exemplo, no setor agrícola. A este respeito Fernando Carli<sup>27</sup> afirma que:

Guarapuava ocupa o quinto lugar no Estado do Paraná no índice do VBP (Valor Bruto de Produção). A implantação da Avicultura transformou o perfil produtivo da região. Conhecido por ser um grande produtor de grãos, o Município revelou-se, nos últimos anos, destaque na criação de pintainhos, que já é a terceira atividade de maior valor bruto de produção, ficando atrás apenas da produção de soja e milho.

Para 2010, o prefeito almeja outros grandes investimentos para Guarapuava, que visam à geração de empregos, a diversificação da economia e a promoção de uma maior integração com os demais municípios da região. Para tanto, se faz preciso maior qualificação da mão-de-obra e, segundo o prefeito<sup>28</sup>, “a prefeitura investe em cursos de capacitação que já apresentam ótimos resultados, bem como, no setor de produção, na indústria e no comércio”.

Os investimentos de 2005 em diante fazem parte de um programa de ações integradas que buscam o fortalecimento do município de Guarapuava e, conseqüentemente, da região. A forma como o município aparece nos discursos políticos fortalece a ideia de que a região está “naturalmente” destinada ao desenvolvimento, mas sempre vinculada ao futuro. Ou seja, o desenvolvimento nunca é hoje, agora. Ou vincula-se ao passado ou ao futuro.

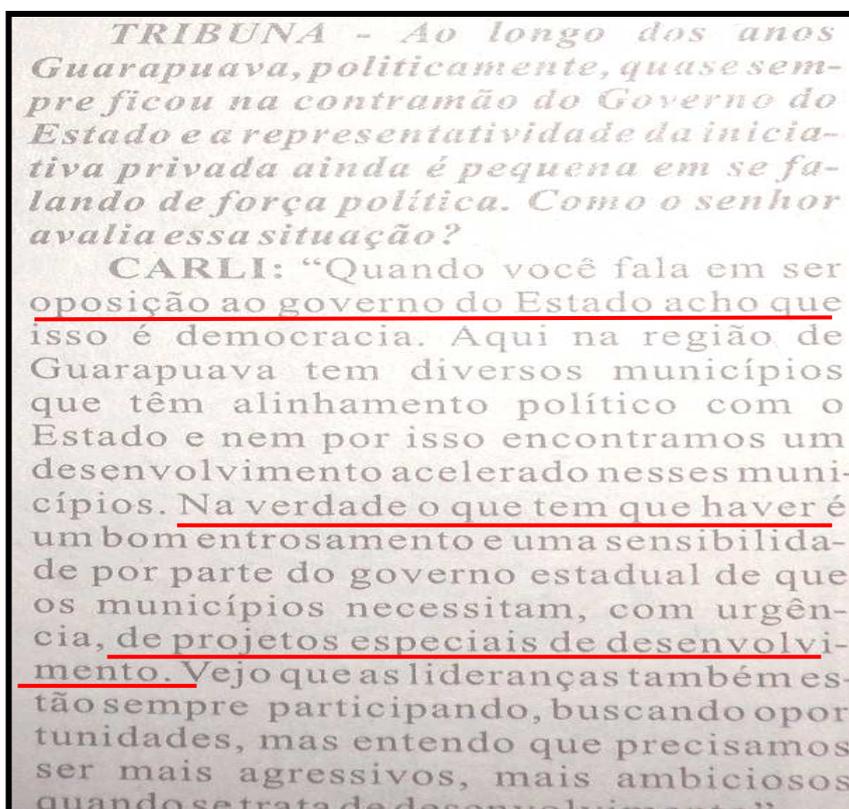
Numa administração pública, todos têm a sua relatividade desde um gari, responsável pela limpeza das ruas, até quem monta e executa projetos mais especializados. Tudo tem que funcionar em harmonia. Tudo é desafio e 2007 será o início de mais um marco na administração do município (TRIBUNA REGIONAL, 22 a 31/12/2006, n. 139, p. 3).

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 14h, na Prefeitura.

<sup>28</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 14h, na Prefeitura.

O deputado Cezar Silvestre demonstra sua “disponibilidade” em colaborar<sup>29</sup> com o desenvolvimento do município de Guarapuava, mesmo sendo de posição política contrária ao prefeito Fernando Carli. Sobre a parceria com o governo municipal, relata que “é administrativa, pois somamos esforços para o bem da população guarapuavana” (TRIBUNA REGIONAL, 03 a 09/06/2005, n. 61, p. 3). Fernando Carli também fala sobre a união entre representantes políticos em entrevista ao jornal Tribuna Regional, conforme figura 10 e aborda a importância destas ações para o desenvolvimento da região.



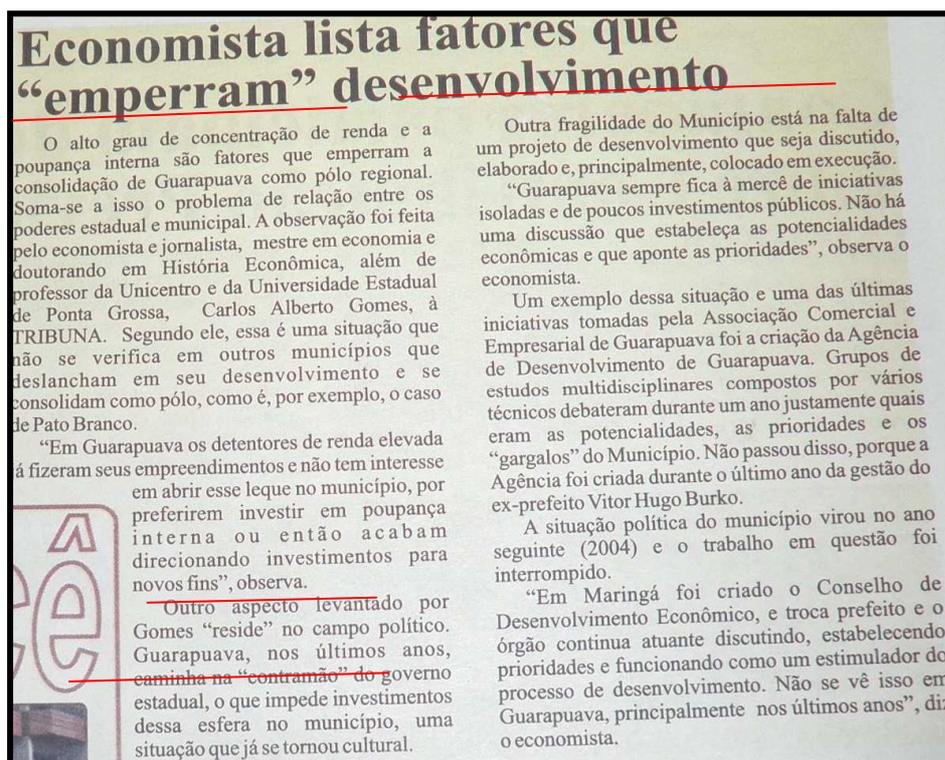
**Figura 10:** Entrevista de Fernando Carli ao jornal Tribuna Regional.  
**Fonte:** Jornal Tribuna Regional, Guarapuava, 11 a 17/11/2005, n. 84, p. 3.

Apesar dos argumentos de Fernando Carli, conforme a figura 10, de que a oposição ao governo estadual não é empecilho para ações efetivas no município, compreende-se, pelo discurso deste e do deputado estadual Artagão

<sup>29</sup> Este é um fato claro, pois como deputado federal o político tem por obrigação, independente do grupo político ao qual faça parte, buscar ajuda no sentido de melhorar as condições socioeconômicas daqueles que representa.

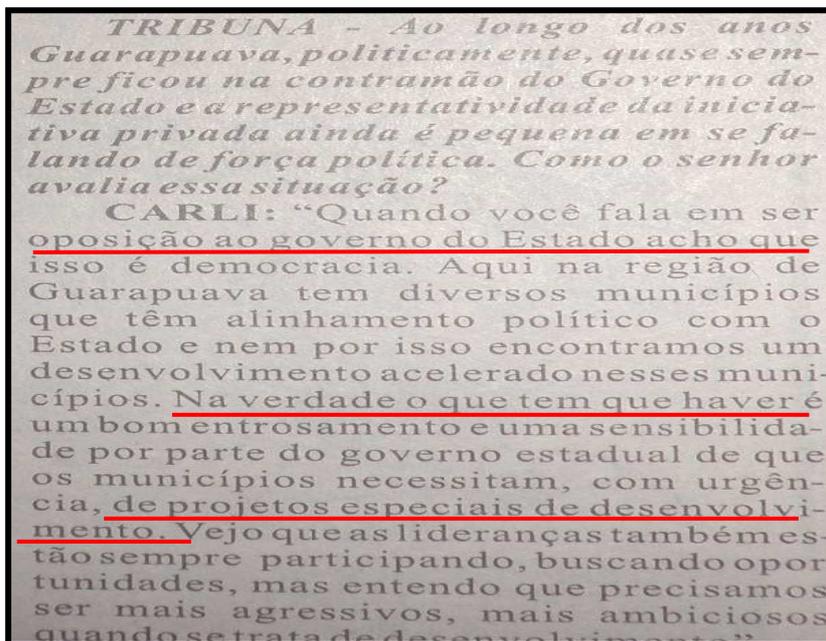
de Matos Leão (PMDB, aliado ao governo estadual), por exemplo, a óbvia disputa em ter seus nomes vinculados a intervenções na região, como o caso recente (2010) da instalação de um campus da UFTPR, o asfaltamento do CEDETEG (campus II da UNICENTRO em Guarapuava), pois ambos argumentam para si essas conquistas.

O professor Carlos Alberto Gomes<sup>30</sup> afirma, na figura 11, que é justamente a oposição do governo municipal com o governo estadual que faz com que projetos sobre desenvolvimento “emperram”. Segundo ele, há desinteresse dos detentores de recursos financeiros em investir mais no município e na região porque os planos e projetos que são elaborados em parceria públicos x privados ficam estagnados por falta de acordo entre os detentores do poder político e econômico e também entre si.



<sup>30</sup> Carlos Alberto Gomes é ex-reitor da UNICENTRO e candidato a vice-prefeito (PMDB), na chapa de Cezar Silvestre (PSB), para a prefeitura de Guarapuava, em 2004.

(Continuação Figura 11)



**Figura 11:** Fatores que emperram o desenvolvimento.

**Fonte:** Jornal Tribuna Regional, Guarapuava, 21 a 28/09/2009, n. 273, p. 7.

O deputado estadual Artagão<sup>31</sup> ao ser questionado a respeito da região de Guarapuava discorre sobre alguns pontos importantes no que tange a questão do desenvolvimento de Guarapuava, além de apontar motivos pelos quais a região não denotou até hoje grande desenvolvimento.

A região de Guarapuava foi englobada pelo governo do Estado nas últimas análises de desenvolvimento econômico, como uma região bastante carente e nominou-se esta região e mais algumas regiões vizinhas do centro expandido, que seria uma região que prioritariamente deveria receber do governo do Estado mais atenção nas políticas públicas. É fato que existem regiões no estado do Paraná mais desenvolvidas. Temos a região mais a Oeste do Paraná, onde muitos municípios foram beneficiados com royalties, em função das usinas que lá foram construídas e das barragens que foram feitas. Esses municípios se desenvolveram bastante. Se pegarmos a região Norte, uma parte dessa região também tem um desenvolvimento bastante adiantado e quando analisamos a região central da qual faz parte a nossa região de Guarapuava, nós temos ainda um déficit histórico de investimento público.

<sup>31</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 16h30min, em seu escritório, em Guarapuava.

Aqui está outro discurso para a região de Guarapuava pouco elencado pelos políticos, a de região carente, apesar de sempre crescido da palavra promissora. A situação não é recente, ou seja, a falta de incentivo já vem há tempo, afirma o deputado<sup>32</sup>, ao dizer que “a região tem um déficit histórico em investimentos públicos”.

Desse modo, pode-se perceber que, mesmo não tendo o devido apoio de outras instâncias do poder político (governo do Estado), segundo discursos correntes dos mesmos, os representantes políticos da região parecem ainda buscar promover o desenvolvimento, mesmo que tenham como interesse, nas entrelinhas, garantir a manutenção do poder e de seus mandatos políticos em eleições futuras.

Conforme relatos feitos pelo jornal Folha do Oeste (03/03/1957, n. 165, p. 1), Guarapuava contava com apenas uma linha rodoviária de Ponta Grossa a Foz do Iguaçu e uma linha ferroviária de Guarapuava até a Curitiba. Diante dessa realidade a população reivindicava melhorias no transporte:

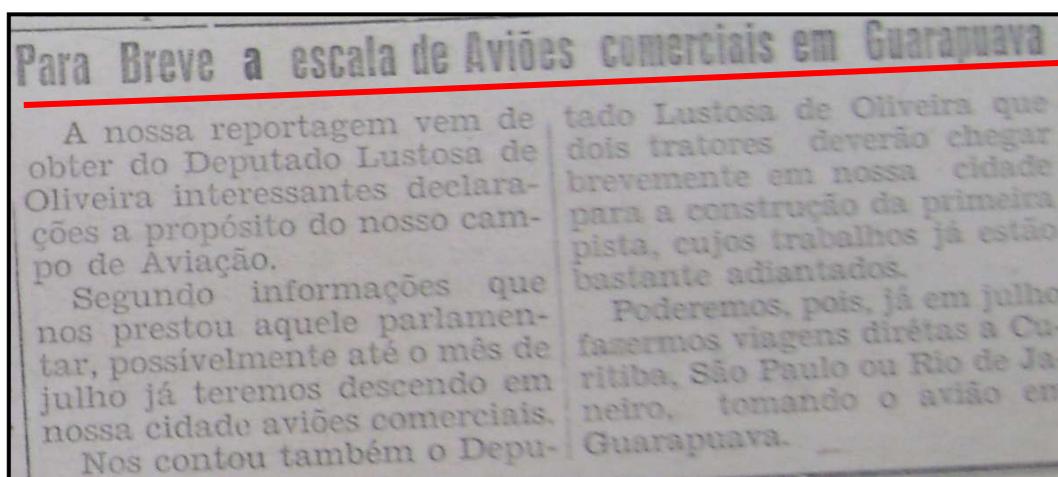
Guarapuava conta, como um dos meios de comunicação com as principais cidades paranaenses, a estrada de ferro. Velho sonho que os nossos avós acalentaram e que somente há pouco tempo se tornou realidade. Mas, existe agora. E porque existe, para servir o povo, é necessário que se reivindique em favor da população numerosa do município, benfeitorias que venham de encontro às suas aspirações. Ainda mais, tendo-se em conta que Guarapuava conta somente para satisfazer as exigências dos seus habitantes, com uma linha de ônibus que trafega para a capital do Estado. No entanto, o preço da passagem muitas vezes dificulta a bolsa dos menos aquinhoados, tornando difícil para essa gente locomover-se daqui para fora. Também aqueles mais atarefados que se locomovem a negócios, esse meio de transporte os dificulta em parte, porque perdem todo um dia viajando até seu destino. Um trem noturno com leito traria tanta vantagem ao povo. Estaria mais ao alcance da bolsa do pobre, também para os que pretendessem viajar a negócios, não perderiam nenhum dia útil. Terminariam sua tarefa diária e à noite tomariam o trem e iriam repousando no leito do mesmo até Curitiba, desembarcariam pela manhã, para imediatamente iniciarem os seus negócios. Quanta melhoria este povo iria ter.

Em 1958 Guarapuava recebe uma linha de transporte aéreo Folha do Oeste (02/03/1958, n. 215, p. 1), o que foi recebido como sinônimo de desenvolvimento para Guarapuava e região e levou ao aguçamento por outra

---

<sup>32</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 16h30min, em seu escritório, em Guarapuava.

reivindicação ainda mais antiga, a de um aeroporto para pousos de aeronaves comerciais de maior porte. Segundo o jornal Folha do Oeste (01/12/1957, n. 202, p. 1), “uma iniciativa que, sem dúvidas, vem beneficiar nossa terra, que infelizmente ainda não possui o seu desejado e necessário aeroporto”. A obra foi iniciada após cinco anos da aprovação do projeto. Conforme a figura 12, “possivelmente até o mês de julho já teremos descendo em nossa cidade aviões comerciais”.



**Figura 12:** Construção do campo de aviação.

**Fonte:** Jornal Folha do Oeste, Guarapuava, 02/03/1958, n. 215, p. 1.

O avião proporcionou mais conforto e rapidez para a pequena parcela da população que dele fazia uso. Com a baixa demanda em razão do custo da passagem, os vôos eram restritos. Diante dessa realidade, João Shneider Sobrinho, escreve para o jornal Folha do Oeste (01/12/1957, n. 202, p. 1):

Diante desses fatos, continua Guarapuava, com seu imenso e rico território povoado por mais de 120 mil habitantes, com cerca de 200 grandes estabelecimentos industriais, sendo considerada o maior centro madeireiro do Brasil, tolhida, prejudicada intangível por via aérea, simplesmente, porque não possui o seu necessaríssimo aeroporto, embora, diariamente, cruzem por cima de nossa cidade, aeronáveis comerciais de diversas companhias que fazem o cruzeiro Rio, São Paulo, Curitiba.

Mesmo com toda uma perspectiva sobre a linha aérea, após várias tentativas de funcionamento a mesma foi interrompida. Os motivos do fracasso

são difíceis de elencar, mas o jornal Folha do Oeste (12/06/1977, n. 2095, p. 03) aponta alguns questionamentos.

Muita gente já anda perguntando por que os outros municípios alcançam seus objetivos e o nosso vê oportunidades passarem sem serem concretizadas. Isoladamente surgem movimentos, visando isto ou aquilo, a corrida começa e para, por falta de apoio. É preciso a união das lideranças, para se chegar ao final dos objetivos e metas traçadas. O convênio para asfalto do aeroporto é um exemplo. Comentou-se a possibilidade, alguém mexeu com as partes e tudo ficou no silêncio. Quando vai surgir alguém capaz de levar avante até o fim os planos bons que possam contribuir com o bem estar dos guarapuavanos?

Após trinta anos, o ex-deputado estadual Fernando Carli Filho elogia a iniciativa e a persistência da Associação Comercial e Empresarial de Guarapuava (ACIG) em relação à linha aérea, defendendo a integração da malha aeroviária estadual. Afirma no jornal Tribuna Regional (15 a 21/06/2007, n. 161, p. 4) que a “modernização do aeroporto de Guarapuava (Tancredo Thomaz de Farias<sup>33</sup>) e a implantação de uma linha aérea regular ligando a Curitiba, são determinantes para o desenvolvimento da região central do Paraná”.

Ressalta, ainda, a importância da modernização nos aeroportos, sendo que, com melhor infra-estrutura poderão comportar maiores aeronaves, “precisamos imaginar o que será Guarapuava e região daqui uma década. Se queremos melhorar, temos que antecipar essa luta para agora” (TRIBUNA REGIONAL, 11 a 17/07/2008, n. 215, p. 5).

Mais recentemente (em 2008) o presidente da ACIG, Valdir Grígolo, em entrevista ao jornal Tribuna Regional, afirma que, para ele, “o motivo do fracasso das outras tentativas não eram apenas demanda, mas um problema conjuntural que pode ter afetado a procura pelo serviço. Foi uma série de fatores que encerrou o funcionamento” (TRIBUNA REGIONAL, 11 a 17/07/2008, n. 215, p. 5),

A linha aérea está em funcionamento nos dias atuais, conforme chamada na figura 13. Na perspectiva da ACIG ela traz benefícios para o município e região. Valdir Grígolo se mostra bastante otimista com a reabertura do aeroporto Tancredo Thomas de Farias.



**Figura 13:** Reabertura do aeroporto.

**Fonte:** Jornal Tribuna Regional, Guarapuava, 11 a 17/07/2008, n. 215, p. 5.

A linha aérea é na realidade, uma necessidade para nossa cidade, para nossa região. Nós temos um aeroporto bom, nós temos grandes empresas aqui que tem negócios no Brasil inteiro e recebemos em Guarapuava gente de todo o Brasil, tanto empresários, intelectuais, palestrantes, quanto políticos (TRIBUNA REGIONAL, 11 a 17/07/2008, n. 215, p. 5).

Os discursos políticos e outros são responsáveis pela identidade da região. Quando o objetivo do discurso é o de demonstrar os aspectos de valorização da região, toma aspectos bem diferentes de quando o discurso tem como objetivo reivindicar, pedir algo para favorecer a região, como se observa no anúncio do jornal Folha do Oeste, de 1954.

Com as chuvas consecutivas que vêm desabando ultimamente, estamos ficando isolados do resto do mundo e até dos nossos distritos. A decantada estrada estratégica Ponta Grossa-Foz do Iguaçu, que é a única via de comunicação rodoviária com a capital do Estado, está intransitável em diversos pontos entre esta cidade e a de Ponta grossa. Incalculáveis são os prejuízos decorrentes dessa anomalia. Centenas de carros, transportes de madeiras e de outras cargas, estão paralisados pela impossibilidade de trafegar. Nestes últimos dias, nem automóveis de passageiros, mesmo os afamados Jeeps conseguem atravessar os cento e oitenta quilômetros que separam a nossa cidade da de Ponta Grossa (FOLHA DO OESTE, 20/06/1954, n. 40, p. 1).

Hoje, após mais de cinquenta anos, é que Guarapuava e região podem contar com melhores vias de acesso, tanto de Guarapuava para as cidades de outras regiões do Estado, como também as vias que ligam os municípios da

---

<sup>33</sup> O aeroporto Tancredo Thomaz de Farias foi construído na década de 1950 e fechado na sequência. Foi reaberto na década de 2000 e se encontra em funcionamento.

própria região. O deputado estadual Artagão<sup>34</sup> discursa sobre a importância das obras que estão sendo construídas:

Outra obra importante que eu destaco é a construção da rodovia que liga o município de Inácio Martins ao município de Guarapuava. Nós já estamos no segundo trecho de construção da rodovia, somando o primeiro e o segundo trecho são quase 22 quilômetros de asfalto que significam um investimento de 23 milhões de reais e depois nós teremos a terceira etapa da construção do último trecho, que fica dentro do município de Guarapuava, e faltam mais 14 quilômetros, que serão construídos na próxima gestão. A obra total será de um investimento na casa dos 38 milhões de reais.

Ao passar do tempo e através dos incontáveis discursos, Guarapuava e região foram sendo construídas, ou apenas enunciadas pelos seus representantes, isso quer dizer que nem sempre o que foi projetado efetivamente concretizou-se. O que se pode perceber com as pesquisas e análises dos jornais das primeiras décadas de 1950, por exemplo, foi a constante participação de Antônio Lustosa de Oliveira. Sua contribuição não pode ser aqui quantificada, no entanto, ele foi o político que mais se destacou nas reivindicações para o então município de Guarapuava, nos mandatos como prefeito e como deputado.

Além de Antonio Lustosa de Oliveira, outros representantes também contribuíram para o dinamismo da região, conforme observado a seguir, no projeto e na instalação da rede de telefonia urbana. Segundo anúncio feito pelo jornal Folha do Oeste: “dentro de noventa dias, instalação definitiva da Rede Telefônica Urbana” (FOLHA DO OESTE, 18/12/1955, n. 112, p. 1).

Alguns meses depois, com a participação do prefeito José de Matos Leão e o apoio do governador Joaquim Prestes, foi inaugurada, em 1956, a linha telefônica, conforme constata-se em alguns anúncios feito pelo jornal Folha do Oeste (17/06/1956, n. 132, p. 1), que relata “inegavelmente, concretizou-se uma velhíssima aspiração de nossa gente, que vê sua terra numa ascensão acelerada no caminho do progresso”.

Na figura 14, observa-se como foi o anúncio da inauguração da linha telefônica na década de 1950:

---

<sup>34</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 16h30min, em seu escritório, em Guarapuava.

Consoante noticiamos, no dia de ontem, às 11 horas, presentes nossas principais autoridades civis, militares e eclesiásticas e ainda os representantes da Cia. Telefonica Nacional, Divisão do Paraná, após a benção das mesas e demais aparelhamentos, foi dado por inaugurado o serviço telefônico urbano de Guarapuava.

**Figura 14:** Inauguração do serviço telefônico urbano.

**Fonte:** Jornal Folha do Oeste, Guarapuava, 15/04/1956, n. 124, p. 1.

A perspectiva dessa conquista era a de uma nova fase de prosperidade para a sede do município e também para a região, uma opção de comunicação mais rápida (em tempos que tal benefício era tão escasso) que significava “progresso” da região. Segundo o jornal, a linha telefônica significava algo realizado que lhes proporcionaria facilidade na comunicação.

Os interesses pela região de Guarapuava não provêm apenas dos representantes da região, mas também daqueles que representavam/representam outras instâncias de governo. Na figura 15, Moysés Lupion, representante do Estado na década de 1950, visita Guarapuava e “leva” as reivindicações.

Moysés Lupion veio a Guarapuava e auscultou a vontade do povo. Este, por seus interpretes, fez as suas reinvidicações.

Os pedidos foram anotados e fizeram parte do Plano de Obras parâ todo o Estado.

**Figura 15:** Representante do Estado trabalhando por Guarapuava.

**Fonte:** Jornal Folha do Oeste, Guarapuava, 23/03/1952, n. 147, p. 1.

O discurso do presidente da República, Getúlio Vargas, na década de 1950, direcionado à região de Guarapuava, é outro exemplo: “Hoje, como sempre, pugno pelos interesses do povo em geral. Agora especialmente na defesa dos habitantes de Guarapuava e Palmas, Guarapuava é o centro produtivo de maior escala na indústria pastoril” (ESQUEMA OESTE, 02 a 08/08/1970, n. 12, p. 5).

Entre os grandes personagens políticos que fizeram parte da história política de Guarapuava e região está o senhor Nivaldo Krüger, representante político respeitado até os dias de hoje. Em 1970 afirmava: “É preciso dar ao Estado condições de desenvolvimento equilibrado, criando centros industriais em que a matéria-prima e a mão-de-obra sejam aproveitadas racionalmente” (ESQUEMA OESTE, 09 a 15/08/1970 n. 12, p. 6).

Hoje<sup>35</sup> Nivaldo Krüger afirma que:

Nós temos uma potencialidade muito grande. Para promover o desenvolvimento numa região, primeiro tem que conhecer a fundo, ver suas potencialidades, o que pode ser incrementado, mas o fator essencial é o homem, o homem preparado, pessoas empreendedoras que possam promover o desenvolvimento. O desenvolvimento é feito pelo homem, desde que ele se prepare, tem que ter competência.

Em 1984, Nivaldo Krüger criou o Programa Planalto Verde<sup>36</sup>. O objetivo era o de “utilização consciente do imenso potencial de recursos naturais, fator que agregado ao estímulo e apoio governamental, derivará a estrutura para os pequenos garantirem sua subsistência” (KRÜGER, 1984, p. 3).

Outra finalidade do Programa Planalto Verde era a implantação da cultura da maçã e a piscicultura que, segundo Krüger<sup>37</sup>: “nós poderíamos ser um dos maiores produtores, no entanto importamos maçã. A região é adequada a cultura de frutas, tem clima propício, luminosidade, mas o programa foi interrompido”. O mesmo ocorreu com a piscicultura, conforme relata Krüger em entrevista:

---

<sup>35</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 8 de maio de 2010, às 10h, na residência do entrevistado.

<sup>36</sup> O Programa Planalto Verde objetivava fomentar a geração de empregos e de renda, fixando o homem no campo através da utilização das potencialidades naturais do município, de acordo com o documento que apresentava o mesmo. Esse programa foi o carro-chefe da gestão de Nivaldo Krüger.

<sup>37</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 8 de maio de 2010, às 10h, na residência do entrevistado.

[...] eu trouxe os chineses para cá, são os maiores especialistas em piscicultura, aí terminou o meu mandato de prefeito e eles não encontraram apoio, foram para Toledo. Cinco milhões de dólares, eles estavam levantando as águas para fazer um grande projeto de piscicultura, esse foi um convênio que eu fiz.

Na concepção de Krüger<sup>38</sup> “a cidade tem uma potencialidade muito grande, falta apenas homens que promovam o desenvolvimento”.

É também o que relata o prefeito Fernando Carli em 2005, numa entrevista para o jornal Tribuna Regional, ao ser questionado sobre as estratégias para buscar o desenvolvimento para Guarapuava e região, na penúltima etapa do Fórum PR Futuro 10 que se realizou em Guarapuava. O prefeito assim argumentou:

O resultado deve mostrar as nossas potencialidades, os nossos problemas, porque as coisas não acontecem, porque o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) regional é abaixo da média do Estado. Acredito que no momento em que há várias entidades envolvidas e a sociedade civil organizada também participa, vamos encontrar soluções (TRIBUNA REGIONAL, 11 a 17/11/2005, n. 84, p. 3).

Ao ser questionado sobre os motivos pelos quais a cidade, mesmo sendo polo de uma vasta região, não possuir superintendências ou escritórios regionais de importantes órgãos ou entidades, assim respondeu:

Se a nossa região tivesse o desenvolvimento que tiveram outras regiões, certamente teríamos tudo isso aqui. Mas se a nossa região é subdesenvolvida, não oferece oportunidades de negócios e os administradores buscam se instalar em outras regiões. Primeiro precisamos fazer a nossa parte (TRIBUNA REGIONAL, 22 a 31/12/2006, n. 129, p. 3).

Compreendendo que a região está presente nos discursos políticos e que estes são capazes de revelar e dar identidade a uma referida região, o exemplo mais recente, para a região em estudo, foi a tentativa de se forjar mais uma: a Região Metropolitana de Guarapuava. O projeto foi de iniciativa do ex-deputado estadual guarapuavano Fernando Ribas Carli Filho. Este protocolou na Assembleia Legislativa, em 2007, um projeto em que propõe a formação da

---

<sup>38</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 8 de maio de 2010, às 10h, na residência do entrevistado.

Região Metropolitana de Guarapuava, sustentado na afirmação de que a região possui um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo, além de outras mazelas, em relação às demais regiões do Estado, o objetivo era o de formar um “bloco regional”, para facilitar o progresso de todos os municípios que a comporiam.

Fernando Carli Filho pretendia buscar parcerias com o governo estadual e “somar esforços com entidades representativas da sociedade”, conforme relato ao jornal Tribuna Regional (26/01 a 01/02/2007, n. 142, p. 3).

O ex-deputado indica, também, que a “criação da RMG vai proporcionar a queda na tarifa de ônibus” (TRIBUNA REGIONAL, 26/01 a 01/02/2007, n. 142, p. 3 e figura 16) em função da maior integração dos municípios formadores da mesma. De acordo com este, a tarifa intermunicipal passaria a ter o mesmo valor do transporte coletivo urbano, visto que mais pessoas se deslocariam de um município para outro e com mais frequência para Guarapuava, área central da região. A figura 16 mostra o interesse de Carli Filho em criar a Região Metropolitana de Guarapuava, objetivando seu desenvolvimento.



**Figura 16:** A Região Metropolitana de Guarapuava.

**Fonte:** Jornal Tribuna Regional, Guarapuava, 26/01 a 01/02/2007, n. 142, p.03.

A escolha das unidades municipais incluídas na Região Metropolitana levou em conta os aspectos históricos, geográficos e culturais, sendo que todos pertencem à microrregião de Guarapuava, delimitada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e que no passado já se incluíam no antigo município de Guarapuava.

A unidade regional é decisiva para o desenvolvimento, não para tratar apenas de problemas específicos e sim para a busca de soluções conjuntas, de projetos comuns, de ações integradas que levem ao fortalecimento de todos, afirma Fernando Carli Filho (TRIBUNA REGIONAL, 09/12/2008, n. 235, p. 19). Reafirmou, também, seu apoio para a criação de outras regiões metropolitanas no Paraná:

[...] o Paraná precisa de um projeto de desenvolvimento visando o equilíbrio das regiões com potencial estagnado e as áreas urbanas que sofrem com o inchaço populacional e os problemas sociais decorrentes disso, justamente em virtude da ausência de investimentos nas áreas mais pobres. Ele reiterou seu apoio à criação de novas regiões metropolitanas, incluindo a RM de Guarapuava, cujo projeto, de sua autoria, já se encontra tramitando na Assembleia (TRIBUNA REGIONAL, 09/12/2008, n. 235, p. 19).

Com base nesses fatos confirma-se o comentário feito pelo prefeito Fernando Carli: “a região de Guarapuava possui sete dos dez municípios mais pobres do Paraná, é um universo de 400 mil habitantes” (TRIBUNA REGIONAL, 26/01 a 01/02/2007, n. 142, p. 03). O prefeito busca defender uma política de investimentos descentralizada em apoio às regiões mais necessitadas, como é o caso da região de Guarapuava.

Citando resultados de estudos realizados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) sobre a microrregião de Guarapuava que, de acordo com o nível de necessidades sociais e de dinamismo econômico, é uma região considerada como de Média Renda Inferior Estagnada (potencial que está imóvel, estagnado, no aguardo de incentivos), o prefeito indica que:

Estamos num ponto do Paraná servido por entroncamento rodoferroviário interligando todas as zonas produtivas e de processamento estaduais, com uma população de aproximadamente 800 mil habitantes, somos um centro universitário em expansão e dispomos de políticas públicas locais de incentivo ao desenvolvimento empresarial (VALOR ECONÔMICO, 2005, p. 3).

Se todas as prefeituras dos municípios que se integram à região de Guarapuava se colocarem como participantes de um mesmo ideário, na busca de objetivos comuns em prol do desenvolvimento da região, se tornará mais fácil a busca por investidores para melhorias socioeconômicas à região, como afirma o deputado Artagão<sup>39</sup>.

Quem pode e tem competência para desenvolver os projetos é o prefeito. Os vereadores podem solicitar, mas quem pode assinar um projeto em nome do município é o prefeito, então cada deputado consegue desenvolver um trabalho mais forte ou menos forte em função do relacionamento que ele tem com os prefeitos naquele período de administração<sup>40</sup>.

Ainda segundo o deputado Artagão<sup>41</sup>, vereadores, prefeito e deputados “trabalhando juntos em prol dos mesmos objetivos, o resultado final se traduz em benefícios para a população”. De acordo com ele:

Os projetos que eram desenvolvidos pelo prefeito, pela prefeitura e direcionados ao governo do Estado passavam pelo meu conhecimento e eu ficava com a minha equipe em cima promovendo a solenidade de apresentação desses projetos e com isso automaticamente muitas vezes a gente conseguia canalizar os recursos.

Os discursos dos representantes políticos são sempre voltados a “beneficiar a população”, a buscar “objetivos em comum”. Mas como saber até onde esses discursos vão além do interesse pessoal ou do interesse de determinados grupos? O prefeito Fernando Carli, em depoimento ao jornal Diário de Guarapuava (05/10/2004, n. 1459, p. 3), pede a união entre os partidos políticos em benefício da população de Guarapuava: “Passado o momento político, vem o momento da união, de esquecermos nossas diferenças e pensarmos na nossa cidade, nos nossos irmãos que precisam do nosso atendimento”.

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 16h30min, em seu escritório, em Guarapuava.

<sup>40</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 16h30min, em seu escritório, em Guarapuava.

<sup>41</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 16h30min, em seu escritório, em Guarapuava.

Em 2005, o deputado estadual Artagão, ao ser questionado pela jornalista Rafaela Mayra da Cunha sobre o tema, afirma:

E eu sabia que era possível, pois já tinha este exemplo, da própria família, fazer algo diferente para nossa região e ao longo desses dois anos e meio de trabalho que estou no cargo, estou, graças a Deus, com a ajuda do governo, buscando canalizar recursos diretamente, buscar ainda mais atenção do governo. A presença dos nossos secretários, do vice-governador e do governador na nossa cidade e região demonstra que efetivamente essa política de atendimento à nossa região é diferenciada e na prática já podemos sentir os resultados na melhoria da qualidade de vida de todos que vivem na nossa região (DIÁRIO DE GUARAPUAVA, 21/08/2005, n. 1677, p. 16).

O deputado Artagão, que é guarapuavano e de família tradicional na história política de Guarapuava, com seu avô e seu pai explica<sup>42</sup> “que a região de Guarapuava era muito carente na conservação das estradas, na ampliação das nossas rodovias (...) nós tínhamos até pouco tempo atrás quatro ou cinco municípios da nossa região que se quer o asfalto chegava até eles”. O deputado relata que as estradas dificultavam o acesso e esses municípios não tinham meios de se desenvolver. Hoje esses municípios estão mais integrados, o acesso foi facilitado com a construção do asfalto ligando os mesmos com a sede da região<sup>43</sup>:

Nós tínhamos alguns municípios da região que tinham prejuízo no seu desenvolvimento, até porque o desenvolvimento tinha mais dificuldade de chegar, como, por exemplo, o município de Campina do Simão e o município de Boa Ventura do São Roque. Então quando a gente atua como representante político, como deputado estadual (isso é importante falar), o mais importante do nosso papel não é aquele que constitucionalmente nos foi determinado, que é o de legislar, fazer leis e fiscalizar o executivo na aplicação dos recursos, isso é uma função muito pequena. Se nós não tivéssemos esse contato constante com a população, com a sociedade, se nós não visitássemos com a frequência que visitamos os municípios que representamos essa realidade que nós conhecemos, em função desse contato, muitas vezes não chegaria ao governo do Estado, porque o governo, apesar de ter uma super estrutura, muitas vezes não tem condição de conhecer os municípios nas suas peculiaridades. Aí é que entra um dos papéis do legislador, do deputado estadual, que é o de fazer com que essas demandas, quando elas vêm, fruto de uma reunião, fruto de um projeto que o prefeito desenvolve, fruto de um requerimento que um vereador aprova, fruto de uma ligação que um líder político faz de seu gabinete, ou por seu celular, certas demandas não chegassem até o governo do Estado, muitas não aconteceriam.

---

<sup>42</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 16h30min, em seu escritório, em Guarapuava.

<sup>43</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 16h30min, em seu escritório, em Guarapuava.

O deputado Artagão<sup>44</sup> afirma, ainda, que juntamente com outros representantes de Guarapuava e região conseguiram, por meio de reivindicações ao governo do Estado, várias conquistas:

Foi através de contatos, conforme explicitado, que nós conseguimos direcionar para Guarapuava, nos últimos quatro anos, mais de 90 milhões de reais e para os municípios da região também foi direcionado alguns milhões em verbas. Com ele, por exemplo, foram construídas quadras cobertas nos colégios estaduais em vários municípios, proporcionando conforto para os alunos, que hoje, faça chuva ou faça sol, podem fazer educação física a qualquer hora do dia ou da noite, bem como os colégios poderão programar atividades culturais na sua cidade sem se preocupar com o tempo. Cada quadra teve um custo médio de 25 mil reais, é uma política pública do governo do Estado, de uma lembrança direcionada através dos representantes políticos da nossa região que trazem esses recursos. Certamente faz uma diferença no desenvolvimento educacional, que reflete no desenvolvimento econômico e automaticamente torna um círculo positivo de desenvolvimento, que se traduz em ganhos para o município e, conseqüentemente, para a região. Isso nós fazemos questão de mostrar através de nossos informativos.

Segundo Fiorin (2004) “o homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes reproduz esses discursos em sua fala”. Assim sendo, o discurso torna-se fundamental na formação das representações sociais. A região também é identificada conforme é enunciada e os discursos fazem com que ela seja conhecida através deles. Às vezes condiz com a realidade e muitas vezes ficam apenas nos próprios discursos e nada se concretiza principalmente em campanhas eleitorais, quando se torna mais fácil observar como os políticos usam o discurso elaborado ou reelaborado para conquistar o eleitorado.

Ao analisar os discursos proferidos pelos representantes políticos, é possível perceber que eles buscam formular projetos, ações, reivindicar melhorias para a região, mas argumentam que falta apoio do governo estadual e, muitas vezes dos próprios representantes, como deputados estaduais e federais, por serem de posições político-contrárias, não permitem que a integração de concepções aconteça e se torne realidade.

---

<sup>44</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 16h30min, em seu escritório, em Guarapuava.

Progresso e desenvolvimento sempre estiveram nos planos e nos projetos de muitos guarapuavanos. No entanto, faz-se obrigatório incluir, “na história aqui contada”, alguns personagens que são responsáveis, desde 1951, por parte do desenvolvimento de Guarapuava e região: os imigrantes “alemães” que saíram de suas terras de origem e chegaram aqui com o intuito de ter uma vida mais digna e, com isso, trouxeram novas técnicas e novos costumes que contribuíram e contribuem para o desenvolvimento da região de Guarapuava.

### 3.5 DISCURSOS POLÍTICOS SOBRE GUARAPUAVA: A IMPORTÂNCIA DOS “SUÁBIOS DO DANÚBIO” PARA O DESENVOLVIMENTO

No processo de construção, a partir dos discursos políticos, da região de Guarapuava surgem outros sujeitos que contribuíram/contribuem de forma significativa para o desenvolvimento da mesma, tornando o discurso o de “região muito desenvolvida”. Exemplo são os imigrantes que chegaram ao município na década de 1950 e que, segundo Silva (2007, p. 74), “compunham-se de 500 famílias descendentes de alemães, iugoslavos, romenos, húngaros, denominados de Suábios do Danúbio”.

A imigração trouxe um povo com cultura e modo de vida diferentes, como a valorização do associativismo, parte em razão dos momentos difíceis que passaram durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, Nivaldo Krüger<sup>45</sup> faz uma crítica ao guarapuavano que, segundo ele, “é individualista, tanto é que não formaram corporações, os capitais foram embora, não se juntaram, não fizeram novos empreendimentos”.

Os suábios formam um povo de etnia e cultura germânicas que, a partir de 1720, emigraram do sudoeste da [Alemanha](#) (hoje Estado alemão de [Baden-Württemberg](#)) para o sudeste da [Europa](#) (ex-[Iugoslávia](#), [Romênia](#) e [Hungria](#)). As 500 famílias constituíram uma comunidade organizada, tanto econômica, quanto sócio-culturalmente, apresentando sua importância para a região de Guarapuava, destacando sua relação com a preservação da cultura e das tradições suábias. A

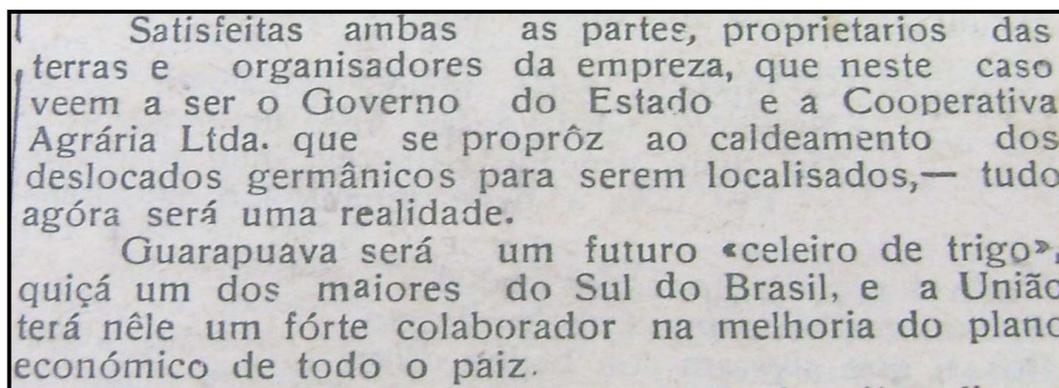
---

<sup>45</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 8 de maio de 2010, às 10h, na residência do entrevistado.

vinda das mesmas ainda fazia parte do processo de imigração para colonização de algumas regiões brasileiras.

Durante e no final da [Segunda Guerra](#) Mundial os Suábios do Danúbio fugiram para a [Áustria](#), onde passaram vários anos em abrigos para refugiados. Com intuito de recomeçar se deslocaram para Guarapuava e fundaram diversas colônias na região, onde hoje se encontra o Distrito de [Entre Rios](#). A população do distrito conserva até hoje a cultura e a tradição alemã, sendo que o local, por sua aparência arquitetônica, se assemelha muito com regiões rurais da [Alemanha](#).

Os imigrantes alemães fundaram a Cooperativa Agrária Mista de Entre Rios, uma das maiores e mais importantes cooperativas do estado do Paraná, o que trouxe para Guarapuava melhorias, contribuindo de forma significativa para a dinâmica econômica do município e região. O jornal Folha do Oeste (10/06/1951, n. 107, p. 1) refere-se ao planejamento e implantação da Cooperativa Agrária, feito pelo governo do Estado, contando com o trabalho dos imigrantes recém chegados.



**Figura 17:** Governo do Estado e cooperados na criação da Cooperativa Agrária.

**Fonte:** Jornal Folha do Oeste, Guarapuava, 10/06/1951, n. 107, p. 1.

Através das figuras 17, 18, 19, 20, 21 e 22 é possível comprovar a importância dada aos imigrantes no decorrer desses 50 anos, tanto na agricultura como no cooperativismo.



**Figura 18:** A importância do trabalho imigrante para o desenvolvimento.

**Fonte:** Jornal Tribuna Regional, Guarapuava, 04 a 10/05/2007, n. 155, p. 6.

O prefeito Fernando Carli discursa em homenagem à Cooperativa Agrária, enaltecendo o trabalho dos imigrantes, visto que por vários anos a monocultura da soja prevaleceu na região, porém, esses imigrantes chegaram e diversificaram a produção agrícola, investiram em novos produtos, além de trazerem para o município e região novas formas de cultivo e tecnologias. Afirma, ainda, que a Cooperativa é uma das grandes responsáveis pela transformação no setor econômico de Guarapuava (figura 19).

**FERNANDO CARLI**

## Para Carli, Cooperativa mudou o perfil econômico da região

Numa avaliação sobre a importância da Cooperativa Agrária no desenvolvimento de Guarapuava e região, o prefeito Fernando Ribas Carli observa que um dos pontos fundamentais do trabalho suábio está na influência que mudou o perfil econômico até então vigente.

“Há 56 anos o que prevalecia era o ciclo da soja. Com a chegada dos suábios nos campos de Guarapuava, as pastagens, o produção de gado e de araucária passaram a dividir espaço com o cultivo do arroz, do trigo, da cevada, diversificando a produção agrícola”, afirma.

Carli lembra que a



**Fernando Ribas Carli:**  
**“Tecnologia de ponta”**

Cooperativa foi a responsável também pelo desenvolvimento econômico e tecnológico. “Foi a Agrária que trouxe para o município a tecnologia de ponta”, observou.

**Figuras 19:** Fernando Carli, reconhecimento do trabalho imigrante.  
**Fonte:** Jornal Tribuna Regional, Guarapuava, 04 a 10/05/2007, n. 155, p. 6.

O deputado Cezar Silvestre também deixa transparecer, em seus discursos, o orgulho de representar a Cooperativa Agrária e seus cooperados perante o Congresso Nacional. Ressalta que a Agrária contribui consideravelmente para o desenvolvimento da região, conforme a figura 20.



**Figuras 20:** A importância da Agrária para o deputado.

**Fonte:** Jornal Tribuna Regional, Guarapuava, 04 a 10/05/2007, n. 155, p. 6.

A figura 20 nos permite entender um pouco mais sobre os suábios e o interesse em fazer parte da história de Guarapuava, proporcionando desenvolvimento através do trabalho. Esse é um dos argumentos que os representantes políticos usam em seus discursos, o que leva a pensar que, com a chegada dos mesmos, os problemas que Guarapuava enfrentava deixaram de existir. Na verdade, o que os imigrantes proporcionaram foi um maior dinamismo na econômica da região, mas, nem todos se beneficiaram com tal progresso. “Bastou um pedaço de chão, muito trabalho e muita força de vontade para que os agricultores mudassem o rumo da sua história” (figura 21).

# Uma história de sucesso forjada pelo trabalho

**Imigrantes suábios encontram em Guarapuava o solo que fez germinar conquistas**

**O** fim da Segunda Guerra Mundial, paradoxalmente, decretava o início de uma história de sucesso.

Vindos do Leste Europeu, onde viviam, trazendo na bagagem tristes lembranças nos anos em que passaram em campos de refugiados na Austrália, entre junho de 1951 e fevereiro de 1952, cerca de 500 famílias suábias, o equivalente a cerca de 2,5 mil pessoas, chegaram ao Brasil, apoiadas pela entidade filantrópica Ajuda Suíça para a Europa. Foi essa entidade que em 1949 encarregou uma comissão de encontrar, no solo brasileiro, espaço apropriado para a agricultura, uma atividade econômica explorada tradicionalmente por esses imigrantes.

Sob a direção do engenheiro Michael Moor, a comissão estudou vários projetos e decidiu adquirir 22 mil hectares, na região de Entre Rios, em Guarapuava. Isso foi possível porque a Ajuda Suíça disponibilizou financiamento para a compra das terras, máquinas,

ros imigrantes suábios a Guarapuava. Em sistema de mutirão, deram início à construção de cinco colônias: Vitória, Jordãozinho, Cachoeira, Socorro e Samambaia, recebendo cada família cerca de meio hectare para a construção de sua moradia, assim como um hectare na periferia.

**Bastou um pedaço de chão, muito trabalho e muita força de vontade para que os agricultores mudassem o rumo da sua história**

Bastou esse pedaço de chão, muito trabalho e muita força de vontade para que os agricultores mudassem o rumo da sua história.

Tendo como bandeira o cooperativismo, somaram esforços em torno da Cooperativa Agrária, que nasceu em 1951 para dar sustentação ao projeto de

o seu primeiro presidente. Apesar do trabalho de coordenação da produção, os suábios enfrentavam condições difíceis: solos e clima diferentes causaram frustrações das safras de arroz, um dos primeiros produtos cultivados na região.

O tempo passou e nesses 57 anos a Agrária se transformou no centro econômico, social e cultural de Entre Rios, sendo referência nacional.

A Agrária beneficia grande parte de suas safras em complexo agroindustrial com técnicas avançadas. Possui moinho de trigo, fábrica de rações e uma indústria de esmagamento de soja, a Coopersul (Cooperativa Central Agropecuária Campos Gerais Ltda). A maltaria Agromalte, funcionando desde 1981, é o empreendimento mais importante da Agrária. Há expectativa que ela volte a ser a maior maltaria da América Latina, haja visto, os novos investimentos que estão sendo feitos.

A Agromalte também serviu de estímulo para que o plantio de

**Figura 21:** Imigrantes suábios, história e conquistas.

**Fonte:** Jornal Tribuna Regional, Guarapuava, 02 a 08/05/2008, n. 205, p. 7.

O “imigrante se preocupa muito mais com o êxito econômico, que com o envolvimento político” conforme Silva (2007, p. 97), visto que é pouco comum a participação destes imigrantes quando se trata de política partidária, o que se deve:

[...] além do aspecto cultural de origem, a aspectos históricos como, por exemplo, às barreiras erigidas pelo regime oligárquico à participação dos mesmos, a falta de instrução formal e de requisitos legais além, é claro, do próprio desconhecimento do jogo de poder existente no Brasil (SILVA, 2007, p. 97).

A colonização alemã evidencia a importância que a mesma atribuiu à região e também ao Estado. O discurso do deputado Lustosa de Oliveira em relação à colonização alemã, constante da jornal Folha do Oeste (31/10/1954, n. 58, p. 1) oferece uma ideia dessa importância:

Pelo exposto, caso o governo não intervir com energia e urgência para solucionar esse debatido problema do fornecimento de adubos, a safra de arroz da Colônia de Entre Rios será fatalmente sacrificada, como aconteceu com a do trigo, resultando, então, a completa falência e conseqüente esfacelamento da afamada colonização de imigrantes alemães, estabelecidos nos campos do planalto guarapuavano. E, se essa desgraça vier a acontecer, imprevisíveis serão os prejuízos daquela colonização, bem como de toda a economia paranaense. Urge, portanto, que os poderes governamentais amparem com medidas urgentes e salvadoras aos que se dedicam à terra, com o elevado propósito de produzir em grande escala, os gêneros essenciais ao consumo das populações paranaenses e conseqüente barateamento dos mesmos.

Os imigrantes contribuíram para que Guarapuava e região se desenvolvesse, visto que se estabeleceram praticando a agricultura e utilizando maquinários e implementos de alta tecnologia, promovendo, assim, mudanças socioeconômicas na região.

A Cooperativa Agrária sempre foi exaltada como exemplo da competência e iniciativa dos imigrantes suábios que, com o cooperativismo “fincou suas raízes nos pioneiros esforços dos Suábios do Danúbio, que se instalaram em Entre Rios. Lugar que reúne natureza, história, desenvolvimento, solo fértil, riqueza cultural, trabalho, prosperidade”, conforme texto da figura 22.



**Figura 22:** Cooperativa Agrária: trabalho como sinônimo de desenvolvimento.

**Fonte:** Jornal Tribuna Regional, Guarapuava, 05 a 11/05/2006, n. 107, p. 7.

Conforme editado pelo jornal Tribuna Regional, o anuário da revista Exame reconhece, em 2008, a Cooperativa Agrária entre as mil melhores do país: “é nesse cenário que a Cooperativa Agrária mostra a sua força e, mais uma vez se destaca no ranking exposto pelo anuário da revista Exame como uma das maiores e melhores empresas do país, numa demonstração de poder” (TRIBUNA REGIONAL, 17 a 23/07/2009, n. 263, p. 5).

Em relação aos Suábios do Danúbio (alemães e outros), os discursos sobre a região de Guarapuava foi reelaborado no sentido de que a vinda dos mesmos foi e continua sendo sinônimo de desenvolvimento, prosperidade e um marco significativo para a construção de uma outra região, mesmo que existente somente para os próprios suábios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o conceito de região a partir da concepção de diferentes autores, em diferentes épocas, pode-se constatar que esta sempre esteve e continua relacionada aos interesses político-econômicos. As divisões regionais se estabelecem para melhor organizar, administrar, denotando certa hierarquia a partir de relações de poder.

Percebe-se a importância que a região representa frente ao processo de globalização. Este que é enunciado nos seus discursos a partir de um homogeneizado ou integrado de forma que não haveria mais a necessidade de divisões em regiões. A região está presente na linguagem do senso comum, como, por exemplo, “a região mais desenvolvida”, “a região mais pobre”, “a região serrana”, “a região de solo fértil” e várias outras denominações, muitas sem qualquer propósito científico.

A região é um dos cenários onde acontecem as relações de poder (política/econômicas etc), especialmente as relações ligadas ao poder político, que envolve disputas, concorrência e conflitos entre os sujeitos que almejam chegar ao poder. O Estado é o principal representante do poder político, muitas vezes têm força maior perante os demais grupos e, outras vezes, sujeita-se a eles. E o que move essas relações de poder é o próprio discurso delas emergente.

O discurso tem grande importância para a construção da região, como pode ser observado pela análise dos mesmos nos jornais. Como exemplo, pode-se citar a Associação Comercial e Empresarial de Guarapuava (ACIG), numa tentativa histórica para reativar o aeroporto de Guarapuava mediante o estabelecimento de uma linha aérea diária desta a Curitiba e vice-versa. Desde 2009 a linha está em funcionamento, resultado da união de interesses de empresários associados da ACIG, de políticos e outros, como a reitoria da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). É o que o presidente da ACIG Valdir Grígolo afirma para o jornal Tribuna Regional: “A iniciativa para a conquista da linha aérea foi da ACIG, no entanto, hoje conta com apoio dos empresários, deputados, da administração municipal e da Unicentro” (TRIBUNA REGIONAL, 11 a 17/07/2008, n. 215, p. 05).

É neste sentido que a relação entre poder econômico, poder político e poder simbólico nos fez identificar acontecimentos na realidade que definem uma hierarquia de forças que ora se entrelaçam ora se rompem.

Como resultados obtidos através de referências bibliográficas, das análises dos jornais e das entrevistas, foi possível destacar-se o fato de que o discurso que impera é o de que: **1. A região de Guarapuava tem um grande potencial econômico a partir dos recursos naturais**, advindos da extração da madeira, da indústria madeireira e da agricultura, mas que faltam incentivos para que prospere e tenha valores agregados. Essas iniciativas deveriam vir dos grupos de poder político-econômicos em conjunto com o poder público, nas diversas esferas, mas um dos discursos sobre a região é o de que os governos estaduais ficam alheios às questões regionais visto serem quase que historicamente de partido político contrário ao do governo local.

Embora os representantes municipais e estaduais muitas vezes não cheguem a atingir os objetivos propostos em suas campanhas eleitorais, percebe-se que estão sempre numa constante luta, via discursos, pelas melhorias para a região, mesmo que estas, em seu ínterim, favoreçam a interesses próprios.

Outro elemento apontado é o de que: **2. A região de Guarapuava localiza-se, geograficamente, numa área estratégica do estado (central)**, interligando as zonas produtivas por meio de uma rede viária (rodoferroviária), possibilitando o tráfego de leste a oeste do estado do Paraná (o mesmo não acontece no sentido norte e sul). A região de Guarapuava é constituída por municípios cuja economia é estruturada na agropecuária e nos serviços. Em relação às sedes urbanas, segue aproximadamente o padrão das cidades médias paranaenses, apesar de ser considerada, até certo ponto **“atrasada”** sócio-economicamente em relação às demais regiões do estado, pelos aspectos já apontados no texto.

Ainda nas análises foi possível destacar a importância e a contribuição que os imigrantes (principalmente os alemães) proporcionaram à região e o diferencial que criaram e criam sobre o que é a região de Guarapuava em virtude da: **3. Mudança na estrutura agrária/agrícola por eles proporcionada, conseguindo realizar mudanças na sociedade e na economia da região.**

Segundo Silva (2007, p. 95): “é dessa realidade que surgem os discursos de que a região de Guarapuava tem se modernizado e se desenvolvido”.

No entanto, a região de Guarapuava é enunciada, divulgada e mais do que nunca tem seus interesses defendidos pelos detentores do poder político e também econômico. É evidente que a região está presente nos jornais, nos discursos dos políticos, nas estratégias de propaganda das empresas, na televisão, nas conversas entre grupos de pessoas que se identificam como pertencentes à região.

Apesar da falta de interesse do governo estadual, segundo afirmam os representantes políticos locais, é preciso considerar as ações que estão sendo concretizadas pelo governo estadual, bem como as que foram citadas anteriormente no texto pelo deputado Artagão<sup>46</sup> que podem trazer benefícios e um avanço no desenvolvimento local/regional, conforme afirma o mesmo: “são obras importantes que têm reflexo regional e não apenas pontual como marcas do nosso trabalho, do trabalho deste governo que nós representamos nos últimos anos, que sem dúvida alguma serão marcas que eternamente farão diferença no desenvolvimento da nossa região”.

Desenvolver uma região, segundo Krüger<sup>47</sup>, “tem que entender as potencialidades, não só físicas, geográficas, mais as potencialidades humanas. A nossa região é exuberante, rica, potencialmente rica, a região física, o homem dessa região tem uma origem pastoril, a origem da nossa formação”. E o extrativismo, afirma Krüger, “é individualista, sendo assim, faltou corporações, novos empreendimentos que promovessem mudanças, desenvolvimento”.

Portanto, pensar em criar programas para proporcionar mais integração entre os municípios que compõem a região de Guarapuava é discurso inflexível dos políticos. No entanto: **4. Forjar uma “região metropolitana de Guarapuava”** ainda é um tanto quanto difícil de compreender, pois se trata de uma região que não tem dinâmica econômica e de infra-estrutura para essa formação.

Quando pensamos em Região Metropolitana compreendemos uma metrópole e seus municípios limítrofes, os quais formam uma extensa área que

---

<sup>46</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 29 de julho de 2010, às 16h30min, em seu escritório, em Guarapuava.

<sup>47</sup> Entrevista concedida à autora, no dia 8 de maio de 2010, às 10h, na residência do entrevistado.

resulta na integração entre ambos, permitindo a circulação de pessoas, mercadorias, transportes etc. A região de Guarapuava não possui essas características, no entanto, o projeto elaborado pelo ex-deputado estadual Fernando Ribas Carli Filho nos parece apenas estratégia política.

A região de Guarapuava não está entre as mais desenvolvidas do Paraná, ao contrário, é a segunda menos desenvolvida de acordo com dados do IBGE e do IPARDES, o que pode, além de diversos outros fatores, também ter origem no discurso, tornado realidade, da falta de apoio do governo estadual e até federal, bem como em outro discurso, o de que o poder público local tem interesses direcionados, muito mais vinculados a fortalecer determinados grupos político-econômicos que incentivar o dinamismo econômico de forma geral.

Para concluir, é importante lembrar que, embora não tendo vinculação direta dos conceitos trabalhados (região, poder, poder político e discurso político) com o objeto da pesquisa proposto, ainda pelas dificuldades de se fazer a relação teoria x prática foi possível conhecer um pouco da história da formação da região de Guarapuava através dos discursos de representantes político/econômicos do passado e também do presente, bem como identificar como esses discursos construíram a região no decorrer da história, a partir de 1950, atribuindo a ela alguns significados que até hoje são usados quando da identificação da mesma.

Portanto, apesar das dificuldades na elaboração desta dissertação, compreende-se que as representações identificadas nos discursos político/econômicos podem constituir categorias que explicam, além da região em questão, os significados de outras regiões.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alcioly Therezinha Gruber. **A posse e o uso da terra**. Modernização Agropecuária de Guarapuava. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte, 1986.

ABREU, Alcioly Therezinha Gruber; MARCONDES, Gracita G. **O Abastecimento de água no século XIX e a evolução do saneamento básico em Guarapuava**. Guarapuava: UNICENTRO, 1992.

ABREU, Alcioly Therezinha Gruber; MARCONDES, Gracita G. **Escravidão e trabalho**. Guarapuava: UNICENTRO, 1991.

BOBBIO, Norberto. Estado, poder e governo. In: **Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral da política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

BOBBIO, Norberto et al. **Dicionário de política**. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial, 13. ed. – 2007/2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CARLI, Fernando Ribas. Centro-Sul do Paraná, um gigante adormecido. In: **Jornal Valor Econômico**: Curitiba: Edição do dia 23 de novembro de 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. **História Cultural entre práticas e representações**. Paris, 1988.

CLAVAL, Paul. **Espaço e poder**. Ed. Jorge Zahar, Paris, 1979.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DUNDES, Ana Cláudia. **Região do devir e região do atraso**. Discurso e representações sobre a região de Presidente Prudente-SP. São Paulo: UNESP, 2007. (Tese de Doutorado).

FELIZES, Joel. Três abordagens do poder local enquanto formas diferenciadas de construção das identidades - uma breve exploração. In: **Cadernos de estudos municipais**, Universidade de Minho, 1999.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FONSECA, Antônio Ângelo Martins da. **Em torno do conceito de região**. Feira de Santana, n. 21, p. 89-100, jul./dez., UFBA, 1999.

FISCHER, Tânia. Poder local: um tema em análise. In: **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 4, out./dez., 1992.

FRANCO, Augusto. **Três gerações de políticas sociais**. Brasília: AED, 2004.

GOMES, Paulo César da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de (Org). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

JOVCHELOVILCH, Sandra. **Textos em Representação Sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

KRÜGER, Nivaldo Passos. **Programa Planalto Verde**. Guarapuava, março de 1984.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 2003.

LUZ, Cirlei F.C. **A madeira na economia de Ponta Grossa e Guarapuava**. Curitiba: UFPR, 1980. (Dissertação de mestrado)

MARCONDES, Gracita G. **Guarapuava: História de luta e trabalho**. Guarapuava: UNICENTRO, 1998.

MEIHY, José Carlos sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MELO, Jairo Gonçalves (Org). **Região, cidade e poder**. Presidente Prudente. São Paulo: GASPER, 1996.

MOSCOVIC, Serge. **A representação social da psicanálise**. Zahar, Rio de Janeiro, 1961.

PARANÁ (Estado). Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES). **Indicadores e mapas temáticos para o planejamento urbano e regional**: IPARDES. Curitiba, 2003a. (CD-ROM)

PARANHOS, Adalberto. Política e cotidiano: as mil e uma faces do poder. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org). **Introdução às Ciências Sociais**. Campinas: Papirus, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jataly. **Fronteiras da ficção: diálogos da literatura com a história**. Anais do Encontro Nacional de História, São Paulo, 1999.

PIERUCCINI, M. C. **Os Rocha Loures**. Uma família paranaense em 300 anos de história. Curitiba: Posigraf, 1995.

PINTO, Céli Regina Jardim. Elementos para uma análise de discurso político. UFRGS, 2005.

SILVA, Joseli Maria. **A verticalização de Guarapuava (PR) e suas representações sociais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

SILVA, Márcia da. **Análise política do território: poder e desenvolvimento no Centro-Sul do Paraná**. Guarapuava: Ed. Unicentro, 2007.

SILVA, Márcia da. **Ensaio Teórico: Estado e poderes locais no Brasil**. Barcelona: Biblio 3w, 2008. (no prelo).

SILVA, Walderez Pohl da. **Entre Lustosa e João do Planalto: a arte da política na cidade de Guarapuava (1930 – 1970)**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, 2008.

SOUZA, Maria Ribeiro de. **Espaço, discurso, território e relações de poder**. UNESP, Presidente Prudente - SP, 2009 (Artigo apresentado no IV SEET UNIOESTE – Francisco Beltrão-PR).

VAINER, Carlos Bernardo. Interdisciplinaridade e estudos regionais. In: MELO, Jairo Gonçalves (Org). **Região, cidade e poder**. Presidente Prudente. São Paulo: GAsPERR, 1996.

VECCHIA, Raquel V. R. Dalla. **Os caminhos e o tropeirismo em Guarapuava**. Guarapuava/Assis: UNESP/UNICENTRO, 2000. (Dissertação de mestrado)

## JORNAIS

- Diário de Guarapuava: Guarapuava, 05/10/2004, n. 1459, p. 3.  
 Diário de Guarapuava: Guarapuava, 21/08/2005, n. 1677, p. 16.  
 Diário de Guarapuava: Guarapuava, 07/12/2007, n. 2545, p. 3.  
 Esquema Oeste: Guarapuava, 02 a 08/08/1970, n. 12, p. 5.  
 Esquema Oeste: Guarapuava, 09 a 15/08/1970 n. 12, p. 6.  
 Folha do Oeste: Guarapuava, 10/06/1951, n. 107, p. 1.  
 Folha do Oeste: Guarapuava, 01/07/1951, n. 110, p. 1.  
 Folha do Oeste: Guarapuava, 08/07/1951, n. 111, p.1.  
 Folha do Oeste: Guarapuava, 23/03/1952, n. 147, p. 1.  
 Folha do Oeste: Guarapuava, 20/06/1954, n. 40, p. 1.  
 Folha do Oeste: Guarapuava, 31/10/1954, n. 58, p. 1.  
 Folha do Oeste: Guarapuava, 15/04/1956, n. 124, p. 1.  
 Folha do Oeste: Guarapuava, 20/05/1956, n. 128, p. 6.

Folha do Oeste: Guarapuava, 09/12/1956, n. 155, p. 1.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 03/03/1957, n. 165, p. 1.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 01/12/1957, n. 202, p. 1.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 02/03/1958, n. 215, p. 1.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 15/06/1958, n. 228, p. 6.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 27/09/1959, n. 228, p. 1.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 15/05/1960, n. 316, p. 7.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 09/10/1960, n. 336, p. 1.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 28/02/1962, n. 1290, p. 1.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 09/12/1973 n. 1326, p. 16.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 11/05/1975, n. 1396, p. 2.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 17/08/1975, n. 1410, p. 4.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 21/09/1975, n. 1415, p. 4.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 17/10/1976, n. 1469, p. 4.  
Folha do Oeste: Guarapuava, 12/06/1977, n. 2095, p. 3.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 03 a 09/06/2005, n. 61, p. 3.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 23 a 29/09/2005, n. 77, p. 4.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 11 a 17/11/2005, n. 84, p. 3.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 05 a 11/05/2006, n. 107, p. 7.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 23 a 29/06/2006, n. 114, p. 9.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 25 a 31/08/2006, n. 123, p. 16.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 08 a 14/12/2006, n. 138, p. 7.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 22 a 31/12/2006, n. 129, p. 3.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 26/01 a 01/02/2007, n. 142, p. 3.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 04/ a 10/05/2007, n. 155, p. 6.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 15 a 21/06/2007, n. 161, p. 4.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 05 a 11/10/2007 n. 177, p. 3.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 02 a 08/05/2008, n. 205, p. 7.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 11 a 17/07/2008, n. 215, p. 5.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 09/12/2008, n. 235, p. 19.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 17 a 23/07/2009, n. 263, p. 5.  
Tribuna Regional: Guarapuava, 21 a 28/09/2009, n. 273, p. 7.  
Valor Econômico: Guarapuava, 2005, p. 3.

## ENTREVISTAS CITADAS

Artagão de Mattos Leão Júnior

Luiz Fernando Ribas Carli

Nivaldo Passos Krüger

**ANEXO**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Entrevista realizada com os representantes políticos de Guarapuava (sede).

- 1- Quais são os discursos/adjetivos vinculados à região de Guarapuava que o senhor usa ou conhece? Ex: “região conservadora”, “região tradicional”, “região desenvolvida” e para alguns: “região atrasada”, em relação às outras regiões do Paraná? Enfim, como o senhor se refere à região de Guarapuava?
  
- 2- Se a região é, na sua concepção, “conservadora”, se é “tradicional”, se é “desenvolvida” ou “atrasada” (não as pessoas, mas as relações), em que sentido ela o seria, econômico, político, culturalmente falando?